

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

F. T. DE SOUZA REIS	A moeda metallica no Brasil (I).	95
JOSÉ ANTONIO NOGUEIRA	Narcisos e Jeremias	111
ALBERTO SEABRA	Os versos aureos de Py- thagoras.	122
JOÃO RIBEIRO <small>da Academia Brasileira</small>	Vida do Padre Antonio.	136
JOÃO KÖPKE	Educação moralecivica (I)	146
CARLOS MAGALHÃES DE AZE- REDO. <small>da Academia Brasileira</small>	Sonetos a Helena.	166
E. ROQUETTE-PINTO <small>do Instituto Hist. e Geograph. Brasileiro</small>	Rondonia.	169
ALVARO DA SILVEIRA	As florestas e as chuvas	172
FRED. G. SCHMIDT.	Assimilação do immi- grante.	182
COLLABORADORES	Resenha do mez	185

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 6 - ANNO I

VOL. II

JUNHO, 1916

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL



RESENHA DO MEZ — Emilio Faguet — Bibliographia — O sentido da Revisão — Uma nova organização das Universidades — Os symbolos da Gran-Bretanha — A philanthropia de Affonso XIII — O maior escriptor francez — **As caricaturas do mez** (cinco caricaturas reproduzidas).

Com o numero de abril a “**Revista do Brasil**” completou o seu primeiro volume, de 464 paginas, com indice alphabetico e analytico que já foi remetido a todos os assignantes. As pessôas que desejarem adquirir esse volume, a Revista pode fornecel-o pelos preços seguintes: encadernado, 9\$000; em fasciculos, 6\$000. Pelo correio, mais 500 réis.

A “**REVISTA DO BRASIL**” só publica trabalhos ineditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO
ALFREDO PUJOL SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS:

ANNO	12\$000
SEIS MEZES	7\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500
NUMERO ATRAZADO	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 — TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.



BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO



RESENHA DO MEZ — Emilio Faguet — Bibliographia — O sentido da Revisão — Uma nova organização das Universidades — Os symbolos da Gran-Bretanha — A philanthropia de Affonso XIII — O maior escriptor francez — **As caricaturas do mez** (cinco caricaturas reproduzidas).

Com o numero de abril a “**Revista do Brasil**” completou o seu primeiro volume, de 464 paginas, com indice alphabetico e analytico que já foi remetido a todos os assignantes. As pessoas que desejarem adquirir esse volume, a Revista pode fornecel-o pelos preços seguintes: encadernado, 9\$000; em fascículos, 6\$000. Pelo correio, mais 500 réis.

A “**REVISTA DO BRASIL**” só publica trabalhos ineditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO
ALFREDO PUJOL SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS:

ANNO	12\$000
SEIS MEZES	7\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500
NUMERO ATRAZADO	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO
CAIXA POSTAL, 1373 — TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

Auto-Geral

CASSIO PRADO



TODO E QUALQUER PERTENCE
PARA AUTOMOVEIS ❖❖

Stockista MICHELIN

PREÇOS SEM COMPETENCIA
- Recebe pedidos do interior -

CAIXA N. 284

TELEPHONE N. 3706

End. Telegraphico "AUTO-GERAL"

Rua Barão de Itapetininga N. 17

S. PAULO

TAPEÇARIA E MOVEIS
FABRICA A VAPOR CASA FUNDADA EM 1893

Almeida Guedes

41, RUA BARÃO DE ITAPETININGA

TELEPHONE 1520

S. PAULO

TELEPHONE, 2141

SERRARIA FORSTER

José H. Forster

Deposito de Madeiras Extranjeiras e Nacionaes
Desdobram-se Toros

Apromptam-se quaesquer encomendas com urgencia

Alameda dos Andradas, 30 :: SÃO PAULO

CASA SANTOS

DEPOSITO DE VIDROS PARA VIDRAÇAS E CLARABOIAS como Vidros de côres, Espelhos,
Molduras, Papeis pintados, Oleographias, etc.

Encarrega-se da collocação de vidros tanto na Capital como no interior do Estado

Antonio dos Santos & Comp.

TELEPHONE 2548

RUA LIBERO BADARÓ, 68 - S. PAULO

Molho Aromatico Brasileiro

O melhor estimulante da digestão. Aroma delicioso e sabor
agradabilissimo. Indispensavel ás pessoas de bom paladar.

Preparado por **J. Thomaz de Aquino**
REZENDE - Estado do RIO

Preço por duzia: 18\$000 (commum) 20\$000 (especial)

Depositarios:

S. Paulo: - I. DIEGO & Co. - Av. Rangel Pestana, 6
Rio: TEIXEIRA BORGES & C. - R. do Rosario, 110 e 112

Joallerie ♦♦ Horlogerie ♦♦ Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

Bento Loeb

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes et Mar-
bres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable

Maison à PARIS — 30, RUE DROUOT, 30

Grande Atelier Photographico

Premiado nas Exposições de: S. Luiz 1904, Milão
1906, S. Paulo 1906, Rio de Janeiro 1908

G. SERRACINO

S. PAULO - Rua 15 de Novembro, 50-B - Teleph., 625

Caixa Postal, 962 - Teleph. 4305 - End. Telegr. "DOSMAN"
Rua Boa Vista, 44 ————— SÃO PAULO

CASA DODSWORTH

COSTA, CAMPOS & MALTA

ENGENHEIROS CIVIS, HYDRAULICOS, MECHANICOS E ELECTRICISTAS

Importadores de machinas Norte-Americanas e Europeas

Instalações Electricas, de Força e luz, Telephonica, Telegraphia, Usinas
Hydro-Electricas. Material de alta e baixa tensão, Turbinas, Geradores,
Motores, Transformadores, Medidores, Telephones. Fios e Cabos, Isolado-
res, e Accessorios. Grande Deposito de Lampadas e material Electrico.

Sportsman Salão de Engraxates
e Tabacaria

TRAVESSA DO COMMERCIO, 12

Presentemente é o melhor Salão de engraxates que existe em S. Paulo

*Casa de primeira ordem onde os dignissimos freguezes encontram: or-
dem, limpeza, hygiene e conforto e está em condições de servir bem o freguez
por mais exigente que seja e para isto tem pessoal competente na arte, e em-
prega material de primeira ordem no serviço.*

*O mesmo salão tem Tabacaria onde se encontra uma exposição perma-
nente de CIGARROS e CIGARROS das melhores marcas. — O proprietario toma
a liberdade de convidar-vos para uma visita ao mesmo para verificarem a verdade.*

Desde já muito agradece.

ALVARO F. BURGOS

REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os acordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorisados juristas.

ASSIGNATURAS: Anno, 40\$000 Semestre, 20\$000

Para os Julzes, promotores e delegados de policia, 25\$000 por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373

Casa de Saude

DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,
Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,
Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Caixa do Correio, 12

S. PAULO

Telephone, 560

CASA RAMOS

Especialidade em Casemiras Inglezas e Francezas

GRANDE ALFAIATARIA

S. RAMOS & COMP.

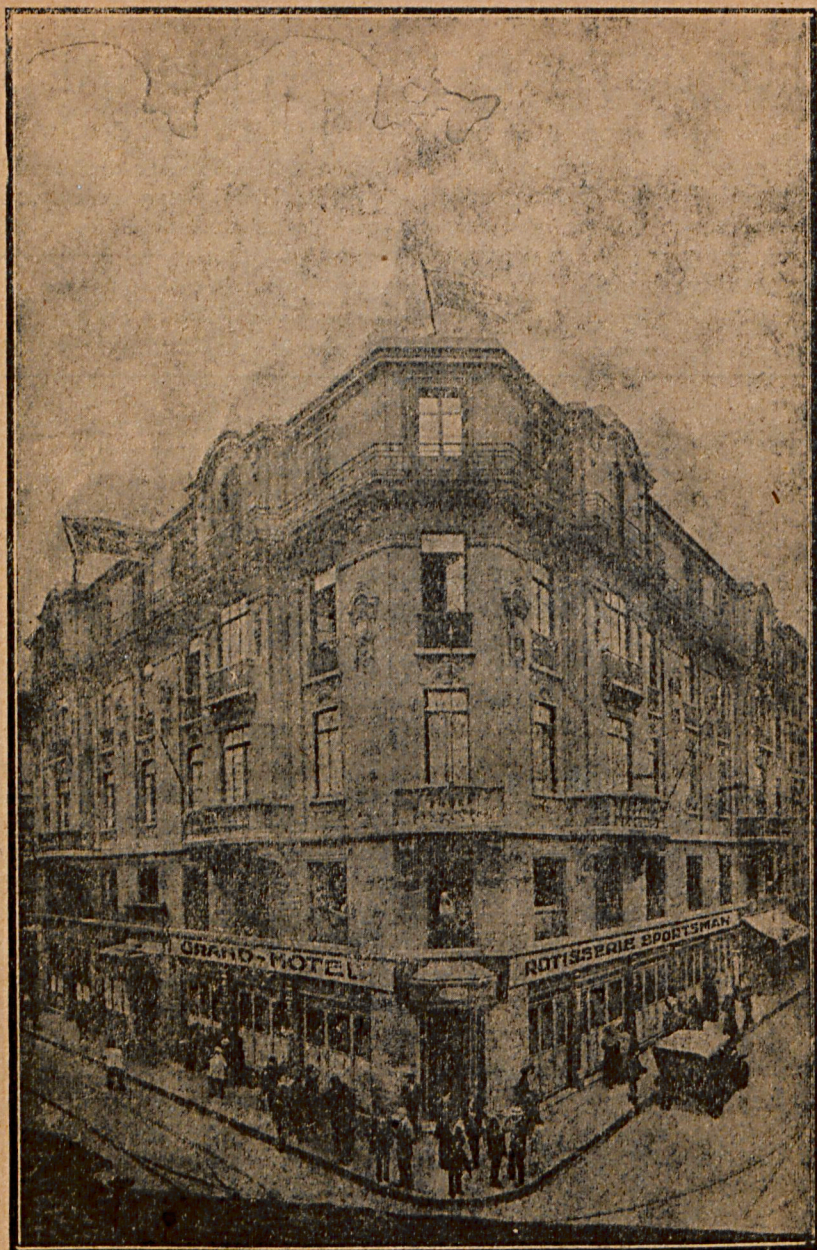
Confecção a capricho e pelos ultimos figurinos

Telephone, 2165

Caixa, 171

RUA DO THESSOURO, 7

SÃO PAULO



Grand Hôtel de la Rôtisserie Sportsman

R. S. Bento, 16 ; Telephone 2795 - Caixa Postal, 571 - SÃO PAULO



Grande Fabrica de Bilhares TACO de OURO :: JANUARIO PIRILLO

Importação e exportação de artigos para bilhares - Tornearia. Tapeçaria e Moveis
Pintam-se pannos para todos os jogos, sendo todas as encommendas, tanto da Capital como do Interior executadas com a maior presteza

TORNEIAM-SE BOLAS COM PERFEIÇÃO

Jogos de bolas, tabellas de borracha de diversas qualidades, pannos, sollas, marfins, giz branco e azul, tacos de varios feitios, escovas, côa especial em vidros, tintas para tingir bolas, etc., etc., sendo todos os artigos de primeira qualidade.

Artigos para todos os jogos, como sejam : Roletas, tableau de roletas, tableau de baccarat, mesas para jogos carteados, fichas, bolinhas para roletas

Largo General Osorio, 29 :: S. PAULO :: Telephone, 3799

CASA DUCHEN Grandes Armazens
de Alimentação ==

ENORME SORTIMENTO DE VINHOS

Em Quartolas e por duzias. :: Grande Variedade em

LICORES FINISSIMOS

Nacionaes e estrangeiros ::

Não deixem de comprar uma **Lamparina Ideal**
Ultima novidade: pratica, economica e hygienica :: ::

RUA DE SÃO BENTO, 76

Telephone, 429



BEBAM

WHISKY DEWAR

“WHITE LABEL”

O melhor que a Escossia produz

e

AGUA MINERAL

Perrier

O
INIMIGO DO
ACIDO URICO



A
CHAMPAGNE DAS
AGUAS DE MESA

“WHITE LABEL” and “PERRIER”

AN IDEAL COMBINATION

UNICOS AGENTES: H. E. BOTT & Co.

BANQUE FRANÇAISE POUR LE BRÉSIL

SUCCURSAL DE SÃO PAULO, 34-A, RUA DE SÃO BENTO

O Banco aceita depositos em conta corrente a taxas vantajosas; emite cheques ou saques sobre as principaes cidades do mundo e cartas de credito para viajantes, pagaveis no mundo inteiro.

Compra e vende notas de banco e moedas estrangeiras.

Encarrega-se da compra e venda de acções e obrigações e recebe em custodia titulos de toda a natureza.

Faz descontos e cobranças de titulos, cheques, facturas, recibos, mandatos e demais operações bancarias a condições vantajosas.

CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAES CIDADES DO BRASIL E DO ESTRANGEIRO - AGENTES DO BANCO DE ROMA - VALES POSTAES SOBRE ITALIA

Emittem-se vales postaes sobre todas as localidades da Italia.

CONTAS CORRENTES LIMITADAS

O Banco recebe depositos em Conta Corrente Limitada com a primeira entrada a partir de Rs. 50\$000 e o limite maximo de Rs. 10:000\$000, abonando juros de 4% ao anno capitalizados semestralmente, em 30 de Junho e 31 de Dezembro de cada anno.

As entradas subsequentes e as retiradas não poderão ser inferiores a Rs. 20\$000 excepto para liquidação da conta.

Esta Secção acha-se á disposição do publico todos os dias uteis, das 9 ás 17 horas exceptuando-se os Sabbados em que o Banco se fecha ás 13 horas.

Este horario facilita assim grandemente ás pessoas que não puderem occupar-se destas transacções durante a hora official da abertura e fechamento dos Bancos.

“REVISTA DE COMMERCIO E INDUSTRIA”

PUBLICAÇÃO DO CENTRO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE S. PAULO

A revista commercial de maior circulação no Brasil

A MAIS COMPLETA, A MAIS UTIL, A MAIS INTERESSANTE

Assignatura Annual: 10\$000

PUBLICA ARTIGOS SOBRE Sciencia do Commercio, Technica do Commercio e da Industria, Contabilidade, Escripuração, Politica Commercial, Geographia Commercial, Finanças, Sciencias Economicas, Estatistica Commercial, Industrial e Agricola, Direito Commercial, etc.

INFORMAÇÕES COMPLETAS SOBRE Legislação commercial, Jurisprudencia commercial, Alfandegas, Bolsa, Actos e Resoluções do Governo, Junta Commercial, Movimento Bancario, Movimento Maritimo, Movimento dos Mercados, Fretes, Transportes, etc.!

Verdadeira e completa encyclopedia commercial - Unica no Genero

Assignaturas e venda avulsa: **Livrarias ALVES e GARRAUX**

Editores: **OLEGARIO RIBEIRO & Co.**

Redacção: **RUA DIREITA, 27 (1.º andar) -- S. PAULO -- Officinas: RUA DR. ABRANCHES, 43**

CAIXA, 1172 - TELEPHONE, 1908





Os Annaes Paulistas de Medicina e Cirurgia

SÃO PUBLICADOS MENSALMENTE

Cada numero contem 24 a 32 paginas de texto
AS ASSIGNATURAS PARTÊM de JANEIRO ou JULHO e são sempre annuaes

Assignaturas : 15\$000

ANNO

Para estudantes

Redacção e Administração

Rua de São Bento N. 41

(Sobrado)

Num. avulso: 1\$500

Assignatura annual: 10\$

S. PAULO - BRASIL

Os autores de artigos originaes tem direito, quando o sollicitando, a cincoenta separados do seu trabalho.

Toda a correspondencia sobre assignaturas, annuncios nacionaes etc., deverá ser endereçada ao Redactor Secretario Dr. AYRES NETTO. Rua Quintino Bocayuva, 4

Toda a correspondencia do Extrangeiro, artigos originaes ou outros, deverá ser dirigida ao Redactor Secretario Dr. REZENDE PUECH. Rua S. Bento, 41

A redacção dará noticia e analyse, nas columnas do jornal, de todos os livros e trabalhos que lhe forem remettidos.

La Redaction annoncera et analysera les livres ou ouvrages dont un exemplaire lui sera envoyé.

Para annuncios nacionaes, tratar com a Redacção ou seus agentes autorizados.

Pour la publicité européenne, s'adresser á Mr. E. THIOLBIER - 54, Rue JACOB, PARIS, Régie Exclusive des Journaux de Médecine.



Casa Andrade

FUNDADA EM 1891

Moveis e Tapeçaria

Rua Boa Vista N. 29 - - Telephone N. 2266



SÃO PAULO



Vicente Lattuchella
Alfaiate

RUA BÔA VISTA 56

S. PAULO

CASA EDITORA ITALIANA

Dr. Francisco Vallardi

MILANO

Filial de S. PAULO - Rua José Bonifacio, 34

Caixa, 582 - Telephone, 3679

OBRAS DE MEDICINA - DIREITO - VETERINARIA - ENGENHARIA
LITERATURA, ETC.

REVISTAS DE DIREITO - MEDICINA - LITERATURA

F. BULCÃO & C.

CASA MATRIZ:

RIO DE JANEIRO - Avenida Rio Branco N. 20

CASA FILIAL:

S. PAULO - Rua Florencio de Abreu N. 58

OFFICINAS:

Jundiahy

Fabricantes e importadores de Machinas para Industrias e Lavoura

ESPECIALIDADES DA NOSSA FABRICAÇÃO:

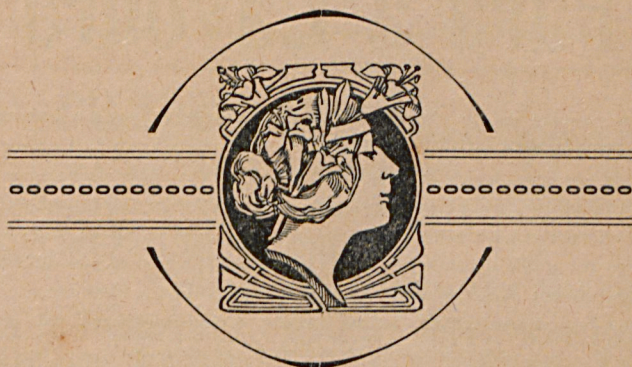
Machinas completas para café, canna, mandioca, arroz, milho, madeiras, torradores de café de diversas capacidades

Além das machinas de beneficiar café, fabricamos tambem machanismos para capacidade de 300 até mil arrobas de café beneficiado por dia. -- Tendo os srs. agricultores reconhecido a superioridade de nossas machinas separadas ou conjugadas de beneficiar café e outras sobre as demais combinações que por ahi appareceram, excusado será recommendarmos aos srs. interessados os machanismos de nossos vastos ramos industriaes e commerciaes.

F. Bulcão & C. - Casa Arens

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega

S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE



Para a Lavoura

Temos sempre em deposito **Machinas e Accessorios para a Lavoura.**

Fabricamos: Machina "AMARAL", a melhor que existe para o beneficio do café; catadores de pedras; carrinho "IDEAL" para movimento do café nos terreiros; machinas para serrarias; bombas diversas; classificador de café, peça de inegualavel valor para o aperfeçoamento de typos de café, que se valorisa excepcionalmente, com grande alcance, agora, devido ás exigencias do mercado para cafés finos.

Importamos: Machinas agricolas em geral, arados, corréas, oleos e graxas, encanamentos, motores, turbinas, bombas e arietes, encerados e lonas, e tudo emfim que é necessario numa fazenda bem montada.

Catalogos, preços e orçamentos a pedido.

Comp. Industrial "Martins Barros"

SUCCESSORES DE

MARTINS & BARROS

ENGENHEIROS, INDUSTRIAES E IMPORTADORES

Officinas:

Rua Lopes de Oliveira, 2

CAIXA N. 6

Endereço Telegraphico:

"PROGREDIOR"

SÃO PAULO

Escritorio:

Rua da Boa Vista, 46

TELEPHONE N. 1180



CASA MENDES

Vidros para vidraças
Quadros-oleographias
Espelhos e papéis pintados

A. MENDES

Telephone, 2389 - Rua de São Bento, 28-B

SÃO PAULO

JOÃO DIERBERGER
FLORICULTURA

|||
SÃO PAULO
|||

Caixa Postal, 458 - TELEPHONE: Chacara, 59 - Loja, 511
ESTABELECIMENTO DE 1.^A ORDEM

Sementes, Plantas, Bouquets e Decorações

LOJA: Rua 15 Novembro, 59-A - CHACARA: Alameda Casa Branca,
Filial: CAMPINAS- GUANABARA

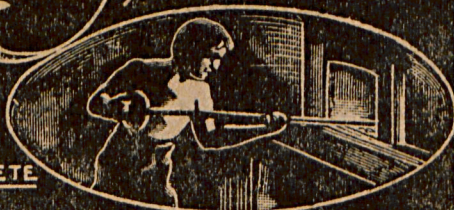
AVENIDA PAULISTA

• PLACAS
ESMALTADAS
E DE METAL

Massucci Peracchi Nicolli

TELEPH. 3641

GRAVURAS
CARIMBOS
DE BORACHA
FORMA PARA SABONETE



• ESCRITORIO - Rua Florencio de Abreu 52
• FABRICA - Rua dos Alpes 79 S. PAULO •

WILSON, SONS & Co. LTD.

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523 End. Telegr.: "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES

DE CARVÃO DE PEDRA, FORJA, ANTHRACITE, COKE etc.; FERRO
GUZA, COBRE, CHUMBO, CHAPAS E CANOS DE FERRO GALVANI-
ZADO, FOLHAS DE FLANDRES E FERRAGENS; OLEO DE LINHAÇA E
TINTAS; DROGAS E ADUBOS PARA INDUSTRIAS;
BARRO E TIJOLOS REFRACTARIOS, BARRILHA, etc.

AGENTES

da **Cia. DE SEGUROS CONTRA FOGO "ALLIAN-
ÇA"** de LONDRES (**Alliance Assurance Co. Ltd.**)

Os fundos excedem £ 24,000,000 — Presidente The
Hon. N. CHARLES ROTHSCHILD.

CIMENTO - "PORTLAND" marca "J. B. W." de J. B.
White & Bros. - Londres.

CREOLINA E PACOLOL - de WM. PEARSON Ltd.
de Londres e Hull.

WHISKEY - "LIQUEUR" de Andrew Usher & Co., de
Edimburgo - Escossia.

TINTA PREPARADA - "LAGOLINE" e outras mar-
cas de HOLZAPFELS Ltd., Newcastle on Tyne.

CERVEJA "GUINNESS" - marca "CABEÇA DE CA-
CHORRO" de Read Bros., Ltd. Londres.

ASPHALTO - da NEUCHATEL ASPHALTE Co. - Val
de Travers - Suissa.

MATA-BORRÃO "FORD" - de T. B. Ford Ltd. - Londres.

"BRICKTOR" e MALHAS para CIMENTO ARMADO de
Johnson Clapham & Morris - Manchester.



Edição da noite de
“O ESTADO DE S. PAULO”

Jornal moderno, de formato commodo, publicando oito paginas diariamente

INSERE TELEGRAMMAS DE ULTIMA HORA

ASSIGNATURAS:

Anno. 15\$000 — 6 mezes. 8\$000

Para Anuncios:

PEDRO DIDIER

RUA S. BENTO N. 61 (sala n. 5)

VALENTIM A. HARRIS & C.

RUA 15 DE NOVEMBRO N. 45



SECÇÃO DE OBRAS

— DE —

“O Estado de S. Paulo”

Jornaes, Revistas, Folhetos, Appellações e Trabalhos commerciaes

com esmero e a preços modicos

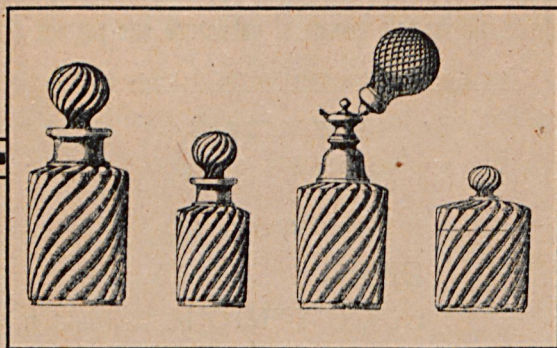
TELEPHONE, 725



SECÇÃO ARCHIVO

RUA 25 DE MARÇO N. 145 -- SÃO PAULO

CASA FRANCEZA
— DE —
L. Grumbach & Cia.



APPARELHOS PARA LAVATORIO
O melhor Sortimento

JOGOS DE FRASCOS PARA PERFUMES
Preços moderados

Rua São Bento Ns. 89 e 91 — SÃO PAULO

Grande Fabrica de COFRES e Officina Mechanica

Premiada com Grand Prix nas Exposições : Nacional, 1908 — Milano, 1912 e 1913 — Gran Premio e Medalhas de Ouro

VITTORIO GARIBALDI

Patente privilegiada N. 5222

Fazem-se chaves difficeis e qualquer trabalho pertencente a esta arte

Travessa do Seminario, 10 - 12 :: Telephone, 2412
SÃO PAULO

Caixa Postal, 962 - Teleph. 4305 - End. Electr. "DOSMAN"
Rua Boa Vista, 44 — SÃO PAULO

CASA DODSWORTH

COSTA, CAMPOS & MALTA

ENGENHEIROS CIVIS, HYDRAULICOS, MECHANICOS E ELECTRICISTAS

Importadores de machinas Norte-Americanas e Europeas

Instalações Electricas, de Força e Luz, Telephonica, Telegraphia, Usinas Hydro-Elctricas. Material de alta e baixa tensão, Turbinas, Geradores, Motores, Transformadores, Medidores, Telephones. Fios e Cabos, Isoladores, e Accessorios. Grande Deposito de Lampadas e material Electrico.

A MOEDA METALLICA NO BRASIL

(SYNTHESE RETROSPECTIVA)

A moeda no periodo colonial — O Conde de Eri-
ceira e o bi-metallismo — A unificação moneta-
ria — os resultados da lei de 1688 — A moeda
fraca e a crise do fim do seculo XVII — Pri-
meiro golpe ao bi-metallismo — As emissões de
cobre ordenadas por D. João V — Casas da Mo-
eda do Rio e da Bahia — Moedas nacional e co-
lonial — O mono-metallismo-ouro — Legislação
parcellada — Moeda especial nas terras de Mi-
nas — O fracasso do emprestimo de 1796 — Me-
didas visando o augmento do numerario — Ten-
tativa para introduzir o papel-moeda — As no-
vas cunhagens de 1797 — Abertura dos portos
brasileiros ao Commercio Internacional e os seus
effeitos no problema monetario — Duas taxas
de cambio par — Desordem monetaria — A le-
gislação de D. João VI — Fuga da moeda de
ouro — Desdobramento da prata e do cobre — O
1.º Imperio e a desordem monetaria. Herança
aos estadistas da Regencia — O resgate do co-
bre e do papel-moeda foram as preocupações
dominantes no periodo regencial — A proposta
do Marquez de Barbacena — A lei de 1833 —
Fracasso da circulação em ouro — Impossibil-
idade de organização bancaria — A situação fi-
nanceira do quinquenio 1840-45 — Nova legis-
lação monetaria — Razões que a justificaram —
A lei de 1846 e o padrão monetario actual — A
moeda de prata — Decretos de 1846 e 1849 —
A legislação posterior mantem para a prata a
função de moeda auxiliar com curso obrigatorio
limitado — A proposta da Comissão de Finan-
ças da Camara em 1912 — Debate provocado
pelo deputado Calogeras — A lei que autorisou
a recente cunhagem da prata, não attinge a le-
gislação de 1846 — Declarações categoricas de
Homero Baptista e Antonio Carlos — Emissões
illegaes de prata e nickel — Seus effeitos — Bi-
metallismo? — A solução do problema monetario
exige firmeza e constancia de orientação.

I

E' sempre interessante tratar da moeda metallica em nosso paiz, principalmente, sob o ponto de vista historico, já pela desordem monetaria que herdamos de Portugal, já por ter sido, este problema, e o ser ainda, o alvo collimado, de preferencia, por todos os governos durante os nossos 94 annos de Independencia.

Além disto, que questão economica sobreleva em importancia a da moeda? Não ha, não pode haver organização economica e financeira em um paiz não dispondo de uma circulação sadia, de um perfeito systema monetario. Todo desenvolvimento economico tem por base o credito, tanto vale dizer, uma solida organização bancaria e esta não póde existir nas sociedades em que o numerario é constituido, unicamente, pelo papel de curso forçado. Dotemos um paiz com moeda má e tel-emos sempre sujeito ás alternativas de prosperidade e miseria, enfraquecido e pobre, opulento hoje, andrajoso amanha, entregue ás oscillações da sorte, aos vendavaes da fortuna, ora impulsionando todas as actividades, ora destruindo todas as energias.

Ainda interessante se nos afigura, em meio da quadra amarga que percorremos, estudar um problema nosso que, apesar de jámais ter sido descurado, durante quasi um seculo, comtudo, contiúa a pedir que se lhe desvende a trilha da solução, desde que não a podemos resolver immediatamente.

Não será para extranhar encontrar-se no Brasil quem ignore ser o nosso systema monetario o mono-metallismo ouro, de tal sorte e ha tanto tempo já afastada das transacções commerciaes, a moeda de metal amarello que o Poder Publico declarou ser a legal. Em vez della conhecemos as notas do Thesouro, tão malsinadas por uns e decantadas por outros, contendo a esperança vaga de resgate.

E tão vaga, é a promessa que em geral nem mesmo nos apercebemos mais da obrigação que nos assiste de effectuar este troco, tal tem sido, nos ultimos tempos, principalmente, a orientação financeira e economica dos nossos governos.

Entretanto, não parece ainda de todo extinto o grupo de teimosos que insiste em considerar, divida sagrada, o papel-moeda circulante, procurando nas forças vivas do paiz, na

ordem e equilibrio das finanças, no franco desenvolvimento da energia economica, chegar ao restabelecimento do regimen metallico, banindo, expulsando da vida commercial o papel inconversivel, que força é confessar, tem sido a causa permanente das perturbações economicas do Brasil.

Somos dos que pensam que as questões dessa natureza devem sempre ser encaminhadas para o terreno da solução ditada pelo elemento historico de cada povo, tão certo é nelle encontrarmos como corrigir os erros do presente e os materiaes de resistencia comprovada necessarios á construcção do edificio do futuro.

Pena é, ser demasiada pesada a tarefa de descrever a obra dos estadistas do passado, firmada neste mesmo elemento historico e bem assim a destruição periodica, que, em nome de interesses parciaes, foi feita dessa obra. Veriamos então como por vezes foi o caminho da solução definitiva aberto ao nosso futuro e outras tantas desviado o rumo da picada, soffreada a marcha redemptora do curso forçado até á regressão a ponto já vencido, á adopção de processos condemnados, base falsa, insustentavel, terreno pantanoso, donde pretendemos, ainda hoje, ver surgir o monumento da nossa grandeza economica.

Essas duas correntes que se contradizem, chocam-se, ha mais de 60 annos, passando ambas pelo Poder, periodicamente, destruindo cada uma a obra construida pela que a antecedeu.

Da incerteza de orientação de cada agrupamento, do ponto de vista de cada um, emana a collisão. O sentimentalismo, uma noção falsa da acção governamental em face de classes determinadas, anima a um dos grupos, emquanto que o outro visa os interesses geraes, a Patria acima de tudo, o bem estar de toda a nação.

De um lado a crença de que a protecção do Estado a esta ou aquella classe redundará, afinal de contas, no bem estar nacional; de outro lado a convicção de que tanto mais feliz será um povo quanto mais o Estado se mantiver dentro do conceito da Justiça e que não será amparando classes determinadas que se porfiará neste ideal.

Para uns o artificio deve ser creado e mantido desde que delle resulte qualquer vantagem, particular que seja, ainda que ephemera; para outros a acção governamental deve ser a de guia e de apoio ás leis naturaes. Tudo que entrava a marcha



natural dos phenomenos economicos, tudo que desobedece ás leis geraes da sciencia, deve ser afastado das normas administrativas.

Temos de nós para nós e já o dissemos na Imprensa, que as leis economicas são mais fortes que os sophismas; o artificio não derróca o phenomeno natural; é impotente para modificar, pernamentemente, a sua acção ou para destruil-a; pode sim, atrophiar-lhe a energia, deter-lhe, provisoriamente, a marcha, mas, tão sómente, o tempo preciso para que a resistencia seja vencida pela reacção; não evita o triumpho, mesmo através de mais longo e tormentoso caminho.

No mundo economico as relações dos phenomenos, mantêm em equilibrio um systema invariavel. Se uma acção extranha, perturba a marcha natural de qualquer delles, as relações se alteram, o equilibrio se desfaz momentaneamente, mas, por fim, ha de se restabelecer na primitiva fórma, á custa de reacções sobre os outros. Se vantagens resultam da intervenção indebita, effeitos perniciosos são tambem sentidos, reflectindo-se nas outras partes constitutivas do systema.

Estimulemos a producção, sonhando com o nacionalismo, crentes de podermos viver isolados do concerto internacional e havemos, finalmente, de recuar dessa trilha ante o esmagamento que nos ameaçará na nossa propria patria. Desvalorisemos a nossa moeda e dia virá em que sentiremos a asphixia quando tivermos de adquirir a moeda internacional.

A historia da moeda no Brasil é a da luta entre o sentimentalismo que anima a corrente nacionalista, proteccionista, a qual se incorporam os homens de negocio e a do patriotismo que aspira para a patria logar de destaque no convivio internacional, prosperidade e grandeza, tendo por base a boa doutrina economica.

E a controversia decorre, no que concerne á moeda, da desharmonia existente entre a que usamos nas relações ordinarias da vida social e a que por lei nos foi concedida, sujeita aos principios geraes da sciencia, ás conveniencias da prosperidade nacional.

De facto, como meio circulante, encontramos, entre nós, o papel inconvertivel, emittido pelo Estado, os discos cunhados de prata, nickel e ainda de cobre, sem que sejam qualquer



destes o que reservamos como unico e bom, ao estabelecermos o regimen monetario.

Entre a lei e a pratica ordinaria da vida commercial, existe a mais profunda divergencia, com bem graves e perniciosos effeitos para a economia nacional.

Aliás, este mal é antigo, podendo-se dizer que jámais possuiu o Brasil, um meio circulante, tal qual fôra em lei estabelecido.

Volvamos os olhos para as paginas da historia colonial e só encontraremos na circulação, moedas cerceadas, de cunho imperfeito, contendo quantidade de metal fino, em grande desproporção com o valor nos mercados.

Se até o seculo XVII era má, em geral, a organização monetaria de todos os povos, já por um excessivo direito de senhoriagem, já pela falsificação tão commumente observada naquella época, cumpre salientar que em parte alguma, como na Inglaterra e Portugal era tão desenvolvida a profissão de moedeiro falso, explorando uma industria fartamente remuneradora, zombando da inefficacia das medidas de repressão, severamente mandadas adoptar.

Então, não se havia ainda bem firmado qual o metal preferido para representar efficientemente a moeda, recorrendo-se com relativa indifferença, ao ouro, á prata ou ao cobre. Dest'arte, correspondia a tal estado de cousas inevitavel desordem monetaria, acarretando aos Erarios da época a consequencia fatal concretizada nas finanças desorganizadas, ou para nos servirmos da phrase de um notavel economista moderno, referindo-se á situação financeira de certos Estados: finanças avariadas.

Não escapou Portugal a um tal regimen financeiro sendo bem de vêr que igualmente soffria a grande colonia portugueza da America.

Na verdade, parece que só no reinado de D. Pedro II, o Pacifico, teve o velho reino, ao lado do seu soberano, alguém que comprehendia a necessidade de boas finanças como base essencial da prosperidade de um povo.

D. Luiz de Menezes, o Conde de Ericeira, illustre pelo seu saber, talentos e actividade, animado de ardente desejo de impulsionar o desenvolvimento da sua patria, estimulou o progresso da industria, organizou as finanças da Corôa, sem ter



descurado o problema monetario, tendo-o mesmo resolvido, satisfactoriamente, dentro das idéas economicas da época.

Predominava o mercantilismo; a preponderancia economica da França sob Luiz XIV, tornára o colbertismo doutrina francamente accetivel.

O Conde de Ericeira, agia na sua patria animado pelas mesmas idéas do grande ministro de Luiz XIV; a historia portugueza, cognominou-o, por isto, o Colbert Portuguez. Seja ou não exaggerado o cognome, a nós pouco importa averigual-o; basta salientarmos que a elle deve o Brasil a legislação monetaria que vigorou até 1747, apesar de sensivelmente viciada nesse longo periodo, e, ter sido elle quem primeiro adoptou o ouro como padrão monetario.

Para as idéas do seculo, o alvará de 4 de Agosto de 1688 representa uma boa lei monetaria e se não trouxe ao nosso paiz a ordem necessaria á circulação, deve-se a inexiquibilidade á factores de outra natureza, da mesma fórmula que a lei de 1846 não conseguiu até hoje, por periodo maior do que 6 annos dar-nos a ambicionada circulação metallica.

São as causas que militaram, para tal resultado, não só naquella época, como ainda hoje, que estudaremos em seguimento.

E' comtudo facto digno de registo ter sido o Brasil, colonia, embóra de Portugal, uma das organizações sociaes, que primeiro possuiu o metal amarello entre os padrões do seu systema monetario.

Quando ainda Loocke preferia a prata como *legal tender* e a aconselhava á Inglaterra e William Pety a preconisava igualmente, o Conde de Ericeira, declarava no alvará referido ser conveniente que o ouro e a prata ficassem equiparados perante as casas de moeda de Lisbôa e do Porto, fixando legalmente a razão entre os seus valores.

A lei não determinou arbitrariamente qual seria esta relação. Fixou-a, justamente, na existente no mercado, muito embora um pouco differente da registada em varias praças da Europa. E' sabido que em Portugal elia se manteve, por muito tempo em $\frac{1}{16}$ emquanto noutros paizes, permanecia em $\frac{1}{15}$. D. Luiz de Menezes adoptou a primeira.

Desse modo, o ministro de Pedro II estabelecia para o Reino e colonias o bimetalismo, reconhecendo como padrão ao



lado do amarello o metal branco e providenciando de modo a que a cunhagem dos dois não se fizesse permittindo a existencia por lei de uma moeda má. Manteve, para ambos, o mesmo direito de senhoriagem e fixou em 6.6 %. O marco de ouro de 22 quilates seria pago, nas casas da moeda, pelo preço de 96\$000 e o de prata por 6\$000. Os cunhos seriam, portanto, na proporção de 102\$400 para o marco de ouro amoedado e de 6\$400 para o de prata nas mesmas condições; isto é, as moedas de ouro de 4 oitavas seriam cunhadas na razão de 1\$600 por oitava.

Para que a lei pudesse produzir os effeitos desejados, mandou-se fazer a unificação de toda a moeda cerceada em circulação no Reino e nas colonias.

Daquella data em diante só seriam recebidas nas transacções pelo valor do peso de metal que realmente possuissem ou então seriam levadas ás casas de moeda que as receberiam pelos preços acima para o metal fino que contivessem.

Essa foi a lei monetaria que por muito tempo vigorou nos dominios portuguezes, muito embora contra ella fossem desfechados profundos golpes sendo, certamente, o maior de todos, e contido na Ordem do Conselho de Fazenda no anno de 1747, que lhe modificou profundamente o espirito.

Antes de nos referirmos a esta Ordem, devemos investigar se no Brasil a primeira lei monetaria que o attingia foi praticamente executada. Não o foi; não, porque de seus defeitos emanasse a causa, mas, tão sómente, pelos mesmos motivos que determinaram sempre insuccesso das coisas brasileiras em bem largo periodo da nossa historia colonial: o descaso da Corôa, algumas vezes, outras vezes, o receio de que a rica colonia creasse azas...

A lei, já o dissemos, representava um producto da época; criava o bimetalismo com todos os seus defeitos, mas da sua pratica não emanaria a moeda fraca, nem seria a de ouro expellida, emquanto os dois metaes guardassem a invariabilidade de valores que o Conde de Ericeira, investigou nas praças e fixou no alvará de 4 de Agosto de 1688.

O Brasil possuia moeda cerceada em avultada proporção e principalmente as de prata, em virtude do alvará, proporcionavam á economia brasileira, uma perda representada em 17 % do valor da moeda circulante.



Não havia casa de fundição na colonia para a fabricação do novo cunho, não enviava Portugal stocks de moedas para a substituição das que aqui circulavam, providencia alguma tomou para regular a situação monetaria, nesta parte do Atlantico, quedando-se á espera de que a situação se modificasse á custa, unicamente, das relações commerciaes, da colonia com a Metropole.

Facil é imaginar a que desastrado estado economico foi arrastado, o nosso paiz, nessa época, attendendo a que só negociando com a Mãe Patria e possuindo uma moeda má em confronto com a do Reino, estavam os nossos antepassados, sujeitos a um regimen monetario depreciado. Como e de que fórma poderia ter curso no Brasil, conjuntamente com a sua desvalorizada moeda, a cunhada no Reino, que lhe era superior em valor intrinseco, conservando embóra os mesmos dizeres, os mesmos carimbos?

Só seis annos mais tarde e quatro depois da morte de D. Luiz de Menezes, resolveu a Corôa autorisar a fundação temporaria, na Bahia, de um estabelecimento destinado a cunhar moedas de um typo especial destinado á circulação colonial e que tivesse tanto menos valor intrinseco, quanto bastasse para que não fossem exportadas ou fundidas, devendo o estabelecimento existir, apenas, o tempo necessario para reduzir á nova fórma toda a moeda antiga. Cumprida a sua missão devia ser extincto.

Bastam, as instrucções que acabo de citar, mandando executar a lei de 1694, para esclarecer-nos porque a lei monetaria de 1688 não repercutiu, praticamente, no Brasil.

Essas providencias merecem alguns commentarios e deixam antever como, economicamente, preparava-se para o nosso paiz uma situação de crise. Estabelecia-se a moeda fraca no Brasil com o proposito de se evitar a exportação de seu meio circulante, de sorte que restricto ao Commercio com a Metropole e ficando em relação, numa situação de inferioridade manifesta, della recebendo tudo o que necessitavam ficavam os brasileiros ou os que entre elles residiam, sujeitos a resignação de uma vida carissima, cheia de difficuldades, determinada pelos elevados preços que seriam forçados a pagar plas mercadorias que importassem. E como só com o producto do trabalho colonial se poderiam liquidar as contas no escambo com a Mãe Patria, a



solução unica era: trabalhar, consumir a ultima parcella de energia para saldar do outro lado do Atlantico, a roupa que vestissem, os generos com que se alimentassem, a ferramenta que devia revolver o sólo abençoado da Patria querida! A Metropole distendia, assim, por sobre o Brasil, muito amado, as malhas da rêde metallica, os grillhões com que pensava prendel-o para sempre na posição humilde de escravo!...

Com a criação temporaria de uma casa de fundição na Bahia, mais tarde transferida para Pernambuco e Rio de Janeiro, modificou-se a lei Ericeira na parte referente ao Brasil e creou-se o typo de moeda dito colonial.

A modificação consistiu em alterar o preço da oitava de ouro augmentando-lhe o valor de mais 10 %. Quanto á moeda de prata, entendeu o Governo portuguez, que para o Brasil a relação devia ser outra. Cunhou-se prata guardando para o ouro, não a razão legal e do mercado de $\frac{1}{16}$, mas, sim a de $\frac{1}{10.5}$. Era evidente que a tão profundo golpe no bimetallismo, resultaria como resultou a emigração do ouro amoedade e o dominio, sem restricção, da moeda fraca de prata. Não se fez esperar a crise financeira que se alastrando attingiu a todos os ramos da actividade, produzindo sensível desvalorisação do capital empregado no beneficiamento de terras, notadamente, na cultura da canna e fabricação do assucar.

O deficit que tanto perseguiu as finanças coloniaes no tempo de Manuel Telles Barreto, em fins do seculo XVI e que já havia desaparecido no começo do seculo XVII resurgiu violento, tendo a aggraval-o a precariedade do capital applicado aqui, as difficuldades commerciaes resultantes da moeda fraca e o pessimo estado da saúde publica, origem de uma elevada mortandade e exodo provocadas pelas epidemias da bexiga e da *bixa*, nome com que se designava, então, a febre amarella.

Em taes condições era fatal que persistisse como persistiu a desordem monetaria no Brasil.

Ao lado da prata e do ouro, tinha curso, como moeda divisionaria, as peças de cobre de 10, 5, 3 e $1\frac{1}{2}$ réis. Zeloso de manter o systema monetario com que dotára sua patria, não obstante o primeiro choque que lhe produzira, no Brasil, em 1694, no occaso do seculo XVII, El-Rei D. Pedro II legislou



ainda, mandando, em 1699, que taes peças não tivessem curso obrigatorio nas transacções além da quantia de cem réis.

Como medida complementar, cinco annos mais tarde iniciava-se a importação do cobre em peças de 10, 20 e 40 réis, dando-se a esta como zona limite de circulação, as *terras de minas*.

Com a alvorada do seculo XVIII raiou para Portugal o periodo de rutilante esplendor que as minas do Brasil lhe proporcionavam. Por outro lado, desenvolvia-se na Colonia a actividade aventureira em busca dos filões. Nas terras de minas onde a agglomeração despertava relativo incremento commercial, era, certamente, maior a necessidade do intermediario das trocas, dahi circularem, legalmente, como moeda em todas as transacções o ouro em pó ou em barra. Dessa fórma em taes regiões o problema monetario não exigia da Corôa outra providencia senão fornecer-lhe a moeda divisionaria de cobre que referimos.

Entretanto, no litoral, apesar da caudal de ouro que por elle passava, provindo das entranhas do Brasil, as difficuldades monetarias continuaram as mesmas. Para resolvel-as, D. João V ordenou a emissão de moedas de cobre para o Brasil e que, no dizer de um dos nossos mais competentes financistas modernos, trazendo a inscripção: *Pecunia—totum—circumvit—orbem* — parecia adquirir fóros de padrão monetario.

Por uma conveniencia toda da Corôa Portugueza foram fundadas duas Casas da Moeda em terras coloniaes: uma na legendaria Bahia em 1714 e outra no Rio de Janeiro, doze annos antes. Em taes estabelecimentos não seriam cunhados os disticos coloniaes; delles só sahiriam os nacionaes nos termos restrictos da lei de 1688. A moeda cunhada seria de tres oitavas com o valor declarado de 4\$800 e teria curso no Brasil com a moeda colonial de duas oitavas e vinte grãos, valor nominal de 4\$000.

Essa providencia ao lado da continua derrama de cobre que até 1730 Portugal fez no Brasil, não restringiu a desordem monetaria da Colonia.

A importação de cobre, naquelle momento, tinha um aspecto pittoresco digno de menção.

O ouro e os diamantes que remettiamos para a metropole eram-nos pagos em cobre. Trocavamos metal e pedras preciosas



pela azinavrada moeda africana, cuja circulação, aliás, estava prohibida no Reino.

Durante quasi meio seculo, sem que nenhum acto revogasse a lei monetaria que havia estabelecido o bimetallismo, vivemos sujeitos ás modificações que bem approuve a Corôa praticar, synthetisadas não só nas providencias relatadas, como em outras semelhantes, todas, tendo por effeito inevitavel, cada vez mais, afastar a pratica ordinaria das relações de commercio do caminho que em lei se havia bem nitidamente traçado.

O alvará de quatro de Abril de 1722 trouxe apenas, uma innovação ao systema monetario sem contudo deturpar-lhe o espirito. Mandou que se cunhassem os $\frac{1}{2}$ escudos, escudos e dobras de ouro de 22 quilates e pesos de $\frac{1}{2}$, 1, 2, 4 e 8 oitavas na razão de 1\$600 por oitava.

Verdade é que já então o ouro do Brasil, fascinara a Côrte de D. João V e provavelmente o metal branco, já era considerado indigno de figurar na legislação monetaria do velho Reino. Por esta época andava em perto de 2.000 arrobas a produção de ouro do Brasil que se exportara para Portugal.

Por outro lado no intuito de se evitar a exportação da moeda de prata que aqui circulava, persistia-se na idéa de augmentar o valor nominal das peças de metal branco, pela diminuição do peso das moedas, finalmente corporificada na ordem do Conselho de Fazenda de 7 de Agosto de 1747.

Esta ordem deu o golpe fulminante no bimetallismo, cinquenta annos antes estabelecido, e criou para Portugal e Brasil, o mono-metallismo ouro.

Conservou-se para o ouro o mesmo valor legal e deu-se á prata uma elevada senhoriagem de 16 %. Enquanto a oitava de ouro amoedado continuava a valer 1\$600 em Portugal e 1\$760 no Brasil, a prata cunhada passara a ter curso com um valor nominal muito superior ao seu valor intrinseco.

A nova medida poderia ter sido mais vantajosa á colonia se não continuassem a ser tomadas as mesmas providencias, desordenadas e sem systematização.

A Corôa, porém, parecia desconhecer como imperiosa é a necessidade de boa ordem administrativa para o desenvolvimento efficiente de qualquer povo. Nisto, aliás, ainda hoje, não se afasta muito o Brasil daquella época.

Pouco tempo depois de banida a prata do systema monetario, a Provisão do Conselho Ultra-marino datada de 30 de Março de 1750, mandou cunhar e generalisar o curso em toda a colonia da moeda de cobre de 40 réis, que até então só corria nas minas e em Dezembro prohibia que continuasse a circular dentro das minas, qualquer moeda de ouro, inferior a 800 réis, isto é, differente do meio escudo, criado em 1722.

Esta prohibição, acarretou contratempos e difficuldades que mais tarde, em 1752, foram corrigidos com a cunhagem de moedas de prata, dos valores de 600, 300, 150 e 75 réis, tendo curso sómente em terras de minas, permittindo-se tambem a circulação dos pesos hespanhoes.

Na ultima metade do seculo XVIII com o declinio da exploração do ouro, a situação colonial tornou-se excessivamente precaria sob o duplo ponto de vista financeiro e economico. De muito pouco valeram os esforços de Luiz de Vasconcellos e Souza o penultimo Vice Rei do Brasil, autor do primeiro plano financeiro que conhecemos capaz de amparar, conscienciosamente, as energias economicas da Colonia.

A Corôa parecera ter abandonado á sua sorte esta parte dos seus dominios, só cuidando de tirar della os proventos maximos que pudesse dar. A divida do Erario Régio, no Brasil, segundo um officio do Vice-Rei de 1781, elevava-se a mais de dois mil contos de réis, representados em letras das Juntas de Fazenda, titulos fracos e desacreditados, com prazos vencidos de longa data.

A situação monetaria nenhuma modificação soffreu até os ultimos annos do seculo, quando se mandou cunhar para o Brasil, moedas de cobre, tendo os mesmos valores que as peças antigas, mas reduzida a metade o preço legal da oitava. Era um desdobraimento das moedas existentes e mais uma novidade na circulação: a moeda fraca de cobre — cujo valor legal passou de 10 réis a 5 réis por oitava.

Por este tempo, era melindrosa a situação financeira do Reino, sentindo-se abalada a Corôa Portugueza pela marcha accelerada com que os acontecimentos da França, synthetisados na Revolução, se extendiam por toda a Europa.

Na esperanza de apparelhar o Erario para preserv-a e aos seus dominios e vassallos das *detestaveis idéas da França*, no dizer das Cartas Regias, appellou-se para o credito publico



em 1796 por meio de um empréstimo em apolices, reservando-se parte delle a ser subscripto no Brasil.

Não tratarei aqui da verdadeira odysséa que a historia deste empréstimo, sempre mal succedido, ainda mesmo quando a favorecer-lhe o exito se deixava ao seu serviço o guante de ferro a que costumava recorrer, como elemento essencial ao seu prestigio, D. José Castro, o Conde de Resende, então Vice-Rei do Brasil.

Bastará referir que do insuccesso do appello ao credito, resultou, para Portugal, o estabelecimento do papel moeda com juros e a tentativa de fazel-o introduzir no Brasil.

Entretanto, aquella porção de *apolices menores de 50\$ que girariam sem endosso, recebiveis nas estações publicas e entre acções particulares, sem excepção, como se fossem metal e com juros de 6 %* a que se referia o alvará de Julho de 1797, não logrou outros tomadores no Brasil, além dos funcionarios da Corôa e poucos fieis e dedicados vassallos. Foi porém invertida nesses titulos somma relativamente grande e producto da violenta acção do Vice-Rei, alienando as propriedades das ordens religiosas, casas de misericordia, etc, com evidente infracção de ordens que recebera para apenas insinuar que tal se fizesse, como, aliás, mais tarde declarou D. João VI, então Principe Regente.

A Corôa attribuiu, certamente, o insuccesso do empréstimo no Brasil, á falta de numerario e por isto, mandou cunhar mais cobre, desdobrando o existente. Foi um processo commo e que parece ter lançado profundas raizes na administração do Brasil. Então, desdobrou-se o cobre, hoje, desdobramos, o papel moeda.

Só no começo do seculo XIX percebeu o governo portuguez que a situação das finanças reaes, o desleixo dos seus negocios no Brasil, haviam sido causa predominante do descredito em que cahira e receiando, com a persistencia neste estado de cousas, atizar, alguma braza, que por acaso restasse do incendio de Villa Rica e justamente quando a Revolução Francessa lastrava victoriosa, resolveu para ventura nossa, poucos annos antes de Junot forçar a vinda do Principe Regente, providenciar para a liquidação do seu enorme debito na colonia, de modo a esboçar a consolidação da divida nacional, pouco tempo depois, em 1827 consumada pelo Brasil Independente.



* * *

São conhecidas as vantagens economicas auferidas, com a permanencia da Côrte Portugueza em terras coloniaes.

Justamente do mais importante acto desse periodo — a abertura dos portos do Brasil ao Commercio Internacional — resultaram difficuldades monetarias que se vieram juntar, aggravando-as ás que então soffriamos.

Na permuta livre com todas as nações, o Brasil passou desde logo a occupar a posição de devedor, de tal fórma lhe era contraria a balança commercial e mesmo a economica, pois nessa época, já haviamos contrahido em Londres um emprestimo em ouro que seria pago com o auxilio da exportação de productos do monopolio da Corôa.

Entretanto, as estatisticas deficientes de então, deixam perceber um saldo de exportação, verdadeiro, se bem que exagerado, até o decreto de 28 de Janeiro de 1808 e inexistente depois desta data. Na extensa costa do paiz campeava infrene o contrabando, sendo impossivel constatar o movimento exacto da importação. Sabe-se, porém, pelos estudos então feitos na Inglaterra, como augmentou consideravelmente a exportação deste paiz para o nosso. O facto era natural, porquanto, os portos europeos estavam trancados, de facto, á navegação portugueza desde que Portugal permanecera alliado da Inglaterra contra Napoleão. Só nas praças inglezas poderia supprir-se o Brasil.

Por outro lado, o commercio inglez procurava expandir-se deste lado do Atlantico, compensando dessa sorte o obstaculo que lhe creava o *bloco continental*. O testemunho insuspeito de um grande economista inglez, affirma que do tratado de commercio de 1810 resultou um movimento importador de mercadorias britannicas no Brasil, levado até ao exaggero.

Estava nessa occasião, a Inglaterra, no regimen do curso forçado, tendo a moeda brasileira elevado agio sobre o guinéu. O par do cambio entre as duas moedas era de 60 $\frac{1}{4}$ d. por mil réis. Referimos-nos a moeda de ouro cunhada no Brasil em virtude da lei de 1694. Entre o padrão ouro estabelecido em 1688 e confirmado em 1747 o par era de 67 $\frac{1}{2}$. Esta situação cambial, exprimia-se, na pratica ordinaria pelo par da moeda de 4\$000 e o da moeda de 6\$400 respectivamente. Nas praças, uma letra sobre Londres, negociara-se a 70 d. por mil réis.

Por algum tempo, gosamos essa valorisação da nossa moeda sobre a ingleza, valorisação que chegou até a expressão de um cambio de 96 d. justamente quando a escassez do ouro em Londres, dava-lhe no mercado o preço de 111 shs. a onça quando o da lei era de 77 $\frac{1}{2}$ shs.

O elevado preço do ouro, na praça onde mantinhamos o maior commercio e os saldos contrarios do balanço economico, foram factores que alliados ás medidas monetarias adoptadas por D. João VI, para attender ás necessidades do Erario no Brasil, determinaram a emigração das moedas de ouro que aqui ainda circulavam.

Na verdade, não foram pequenos os attentados contra a circulação monetaria, praticados pelo Principe Regente, salientando-se, dentre elles, tres que tornaram profundamente precarias as condições monetarias do Brasil e preparavam o meio onde floresceram as difficuldades com que no primeiro Imperio e mesmo além da Regencia, tiveram de luctar os nossos estadistas.

E' lamentavel que legislando sobre a moeda, o Principe Regente se deixasse conduzir pela preocupação de obter, de preferencia, uma maior somma de unidades monetarias, do que um mais forte valor intrinseco das mesmas. Seus actos tendiam todos para enfraquecer cada vez mais a moeda circulante. Triste e pernicioso illusão que vê na quantidade de numerario, as riquezas do Thesouro Publico!

Pensando, talvez em Montagne, quando fundou o Banco da Inglaterra em 1696, D. João VI mandou criar o primeiro Banco do Brasil, em 1808 com o intuito expresso em lei de fornecer auxilios ao Erario Regio. Cumulou-o de favores, procurando, dest'arte, apressar a sua existencia e emquanto as providencias não surtiam o desejado effeito, repetia para a moeda de cobre a mesma operação que já mandára praticar em 1797.

Com o intuito de unifical-a D. Pedro introduzira a peça africana que não circulava em Portugal e no reinado de D. Maria se fizera a emissão para o Brasil com peso reduzido de metade. D. João em vez de tornar forte a moeda fraca existente, muito embora, até certo ponto isto desfizesse a sua primeira providencia sobre essa mesma moeda, foi coherente com o seu acto anterior e as suas ideias. Mandou que se elevasse ao dobro o valor nominal da mais forte.



Não parou, porém, o desdobramento monetario. Os pesos hespanhões que apenas, até então se havia mandado punçar augmentando-lhe o valor para circular em terras de minas, foi carimbado, passando nominalmente a valer 960 réis, isto é, mais do que seu valor intrinseco.

Não é difficil pensar na situação economica a que eramos arrastados com tamanha desordem monetaria. O Erario, em todo o caso, munia-se, assim, de uma maior somma de numerario e o governo estava crente que dessa fórma lhe seria facil continuar a manter a opulencia da Côrte, as exigencias dos vasallos fieis que acompanharam o Principe na viagem ao Brasil e gosar o luxo do Paço na contemplação deleitosa dos quadros de Le Breton.

Pouco depois, installado o Banco do Brasil iniciava-se o curso da moeda fiduciaria, tentado com insuccesso em 1797 e ensaiado mais tarde na circulação que se procurou dar ás letras das casas de fundições, emittidas contra a entrega de barras metallicas para cunhagem.

Em seus primeiros tempos as notas do Banco eram convertiveis, sendo digno de saliencia não ter o Principe, em meio das suas attribuições financeiras, recorrido a uma typographia de Estado e dos seus prélos ter feito surgir alluviões de bilhetes com a promessa de pagamento em tempo indeterminado e garantidas, como pomposamente hoje se diz, pelo Patrimonio Nacional.

D. João VI, porém, não procedeu assim. Praticou o mesmo abuso de todos os chefes de estado, em todas as épocas, quando á sua disposição têm um banco emissor official. Criou uma enorme divida perante o Banco. Este emittia para emprestar ao governo e quando em 1821, teve o Rei sciencia de que a situação do estabelecimento era precaria, que a bancarota estava imminente, fez recolher aos cofres bancarios as joias e alfaias da Corôa para garantia da divida que immediatamente mandou considerar nacional.

Foi este o ultimo acto de D. João VI no que interessa a moeda. Dahi em diante, os abusos das emissões de papel e de cobre, que até hoje nos deixam bem longe da pratica de uma circulação sadia, correm por conta do Brasil Independente.

F. T. DE SOUZA REIS.

NARCISOS E JEREMIAS

Foi o sr. Afranio Peixoto quem descobriu ou pelo menos quem baptisou essas duas modalidades brasileiras. Narcisos são os patriotas sempre deslumbrados ante a belleza da propria terra e da propria gente. A seu ver o Brasil não padece eclipses. E' a inveja do resto do mundo e tudo nelle — homem e natureza — é magnifico e sem exemplar. Não pensam, porém, assim os Jeremias, raça sombria e lugubre, que se esmera em aguar o entusiasmo dos primeiros com lamentações e tristes presagios, donde não ha extrahir nenhuma scentelha de esperanza. E cifra-se nestes dois campos, ao parecer do sr. Afranio, todo o patriotismo brasileiro.

Façamos praça de exemplos. Fala o sr. Affonso Celso, que entra sem duvida alguma no primeiro grupo:

Pintei a nossa incomparavel natureza, com o seu aspecto nivelado e calmo, desprovida de culminancias e abysmos ameaçadores, sem crateras activas, a amena variedade dos seus climas, a ausencia total de cataclysmos, terremotos, seccas prolongadas, inundações; o nosso systema hydrographico completo, o estupendo numero de lagos, regatos e rios navegaveis, entre os quaes o gigante Amazonas, soberano fluvial do mundo, com cerca de seis mil kilometros de curso, contando uma caterva de affluentes tambem colossaes.....

Demonstrei que eramos a primeira nação latina do Novo Mundo, dispondo de recursos inesgotaveis, em pleno progresso commercial, industrial e agricola, fabricas surdindo activamente, fios telegraphicos e estradas de ferro annullando a cada hora as distancias, a instrucção se expandindo numa ascensão rapida e estavel, a riqueza publica augmentando, a immigração estrangeira affluindo em escala assombrosa.....

Recordei o juizo manifestado por excursionistas illustres sobre o Brasil: — Saint-Hilaire declarando que a Minas seria licito segregar-se do resto do mundo, pois encontraria em si propria tudo quanto pudesse necessitar; Agassis commemorando em phrases enlevadas a sua missão scientifica ao imperio sul-americano; Humbold presagiando que residiria nelle o nucleo da civilisação futura; Martius pedindo que sobre seu tumulo se collocassem folhas de palmaceas brasileiras.

Enumerei os costumes singelos e bons do povo, a sua perfeita tranquillidade, espirito hospitaleiro, habitos patriarchaes, tolerancia absoluta para com



qualquer crença ou opinião, tendências humanitarias, ausencia de separações sociaes, facilidade de accesso aos mais altos cargos, disposições para o progresso, amor ao bello, desconhecimento de exaggeros patrióticos e exclusivismos bairristas, inteira segurança, independencia e liberdade, faculdades estheticas.....

(Do livro *Lupe*).

Tome agora a mão um Jeremias, o sr. Graça Aranha :

E' um cadaver que se decompõe este pobre Brasil... Aqui, a raça não se distingue pela persistencia de uma virtude conservadora; não ha um fundo moral commum... Repare o que se passa com o patriotismo... No Brasil a grande massa da população não tem esse sentimento; aqui ha um cosmopolitismo dissolvente, não que seja a expressão d'uma larga e generosa philosophia, mas simples symptoma de inercia moral... O clima... A peste se apodera do corpo miseravel da nação... Pobre Brasil!... Foi uma tentativa falha de nacionalidade. Paciencia... E que nos adeantam os Estados Unidos? Será sempre um senhor. Todo este continente está destinado ao pasto das feras... Sul America... Ridiculo... Mas não haverá uma salvação, não haverá um Deus ou uma força que paralyse o raio armado contra nós?... Emfim, vá lá... Mea culpa; e está acabado... Temos o que merecemos... D'ahi, pôde ser que seja melhor... A Terra prosperará... Melhor administração... mais policia... e é só... Vale a pena? E o mundo é só isso? Vale a pena viver para ter mais policia? E a lingua? a raça... esta associação... degradada se quizerem... mesquinha... sim, fraca, quasi a esphacelar-se... mas amavel, boa, e amada, apesar de tudo, porque é nossa... Oh! muito nossa...

(De *Chanaan*).

Esses trechos, um encantadoramente lyrico, o outro angustioso, cortado de exclamações e reticencias, põem-nos deante dos olhos as duas attitudes mythologica e biblicamente nomeadas pelo autor de "Esphyngé".

Não entendemos, porém, que taes modos de encarar os destinos do nosso paiz, quando sinceros, como no caso dos srs. Affonso Celso e Graça Aranha, sejam para condemnados por improficuos. Muito ao contrario, acreditamos que, se o Brasil estivesse realmente dividido em dois exercitos de Narcisos e Jeremias, nada teriamos que recear do futuro. Porque em semelhante hypothese possuiriamos a coisa de que mais havemos mister — sensibilidade patriotica generalisada. Os exaggeros admirativos de uns ficariam compensados pelos threnos dos outros. E, como toda a realidade, no dizer de um philosopho de nomeada, resulta sempre da convergencia de duas forças opostas, que se encontram á maneira dos arcos de uma ogiva, é de crêr que a realidade nacional brasileira só teria a ganhar com esse recontro de pontos de vista.

Mas, infelizmente, por ora só se recrutam Narcisos e Jeremias sinceros em um pequenino meio culto e ainda ahi entre



almas verdadeiramente de eleição. As massas, mesmo alfabetas, jazem na mais absoluta indiferença e do patriotismo não conhecem senão uma miseravel simulação — a especulação politica.

Não é, porém, nosso intento analysar os males da nação. Tornemos á classificação do sr. Afranio, ou melhor, a um estiramento da classificação, pois determinamos transformal-a, de binaria que é, em quaternaria.

Como é sabido, quando appareceu “Chanaan”, de Graça Aranha, houve criticos que, sob côr de zelo nacionalista, o notaram injustamente de anti-patriota.

Mau grado, todavia, o pessimismo atroz do livro e a grita dessa gente, que não poupou nem ao nosso grande Machado de Assis, achavamos na obra malsinada fervores de que não seria capaz um contemptor de sua raça e de seu paiz.

Tal convicção mais tarde se nos arraigou no espirito, amadurecida á luz de “umas philosophias”, como lá dizia o amigo de Quincas Barba. E ahí vão ellas, á laia de introito á explanação promettida.

Philosophias... é dizer muito. Trata-se apenas de breve analyse psychologica. Mas, para chegarmos ao ponto que importa, temos necessidade de escrever aqui uma verdade de ordem geral, e é que todo homem, por uma imperiosa lei vital, não pôde deixar de amar-se a si mesmo e, como consequencia, não se pôde diminuir aos seus proprios olhos, sob pena de caminhar para o suicidio. Estavamos para citar Montaigne, Hobes, La Rochefoucauld, Nietzsche... Porém suspendemo-nos a tempo. Vá por demonstrado o que fica só enunciado.

Ora, quando nos consideramos, não isoladamente, mas como membros de uma collectividade — povo ou nação — não podemos condemnal-a — irremissivelmente e a nós mesmos, sem nos degradarmos até a mais absoluta abdicção, vizinha da inconsciencia e da morte. Dada, comtudo, a hypothese de que a collectividade que contemplamos e a que pertencemos offerece aspectos dolorosos, signaes patentes de desorganizaçãõ, de fraqueza, de declinio, eis como engenhosamente actua a necessidade biologica de nos elevarmos aos nossos proprios olhos e aos olhos dos outros: — Ou deformamos a realidade, mau grado a evidencia, ou mudamos o valor ás cousas, ou supomo-nos superiores ao que se nos afigura moral ou esthetica-



mente mal aquinhoado, ou finalmente procuramos intervir no espectáculo de que somos parte, para o exalçarmos á altura do nosso orgulho.

Mas são idéas de Nietzsche, acudir-se-á, e nesse quadro não tem lugar o desinteresse. Sem duvida. De Nietzsche e também de Gaultier, mais philosopho e menos mystico do que Bergson. Quanto ao desinteresse, nada mais facil de dar-lhe cabimento. E' uma questão de palavras. Basta consideralo uma fórma superior do amor proprio. Não temos, porém, a pretensão de as defender, senão que nos soccorremos dellas apenas como de optimo aparelho classificador, muito apropriado ao nosso caso.

Examinemos as quatro hypotheses assinaladas.

I

Deformação da realidade. Aqui suppõe-se abundancia de imaginação em damno do senso critico. A vida interior assume grande intensidade, ao passo que se torna fraca a acção dos "reductores" de que falla Taine, na "Intelligencia".

Nesta classe podem entrar os Narcisos, com a accepção dada a essa palavra pelo sr. Afranio Peixoto.

* Já lemos algures que o sr. Affonso Celso é mais politico do que literato e que o seu patriotismo nada mais é do que manifestação da tendencia dominante de sua personalidade.

Em que mundo estamos, onde uma sensibilidade violentamente patriótica causa tal estranheza, que se procura uma explicação grosseira, quasi utilitaria, para tão formosa attitude!

"Certos espiritos, diz advertidamente Ribot, collocados em face de uma obra qualquer — romance, quadro, monumento, theoria scientifica ou philosophica, instituição financeira ou politica — cuidando aprecial-a, *refazem-n'a* espontaneamente. Esse caracter de sua psychologia os distingue dos puros criticos."

E' o que, a nosso ver, se dá com o sr. Affonso Celso. Julgando estudar a sua patria, pelo muito que a ama, não limita os seus deslumbramentos ao que realmente nos lisonjeia a todos. Vae além. Transfigura tudo — organização social, vida publica, instituições... Até a ausencia de sentimentos pa-



trioticos apparece-lhe endeusada em qualidade. E' mera negação de exclusivismos bairristas, indício de larga tolerancia e de liberdade.

Admiramos esse poder transfigurador, cuja força nos dá a medida de um amor á terra e á gente, que só nos "Lusiadas" irrompe com tamanha amplitude. (Isto sem nenhuma intenção de fazer comparações do Brasil ainda em formação ao Portugal heroico de Camões).

Nem se diga que os trechos de "Lupe" por nós citados, entendem mais com o Brasil do Imperio do que com o actual. Mais tarde o mesmo escriptor, em um romance digno de grandes louvores, intitulado "Geovannina", abordou a questão da immigração, assumindo attitude immensamente diversa da do sr. Graça Aranha. Para o suave autor de "Minha Filha" a patria foi sempre maravilhosa expansão da propria personalidade, visão interior intensissima, contra a qual debalde vieram bater as ondas tormentosas de uma realidade dolorosa e ameaçadora... Nelle ainda vive o encantador enthusiasmo dos Itaparicas, dos Teixeiras Pintos e dos Rochas Pittas.

A tão nobre exaltação da sensibilidade patriótica desejaramos dar um nome sonoro, despido de quaesquer intuitos pejorativos. Uma vez, porém, que já foram baptisados de Narcisos esses magnificos transfiguradores, não nos esqueçamos ao menos de prolongar a metaphora até a apothose final com que a Mythologia lhes remata o enlevo...

II

Transmutação de valores. E' agora a occasião de tratarmos do caso do sr. Graça Aranha, que já tocámos ligeiramente. Aqui o artificio psychologico, determinado pela lei de ascensão vital a que nos referimos, opera de maneira muito diversa. Não é a realidade objectiva que vae ser directamenté deformada, senão o valor que pelo commum se dá a essa realidade.

Declaremo-nos. A idéa de nacionalidade, de continuidade historica, de resistencia ethnica é tida por um principio sagrado, a cuja luz se avaliam povos e raças. Por outro lado o senso critico do sr. Graça Aranha, acompanhado, a nosso ver, de forte tendencia pessimista (a qual concorre para uma tal ou qual deformação da realidade para peor), não lhe permite illudir-



se ácerca das probabilidades de triumpho da collectividade a que pertence. Que faz então, nos momentos de maior desengano? Recusa subscrever ás apreciações correntes. Que importa que um povo desapareça, se tal é o destino de todos os povos, dos fracos como dos mais poderosos, e se a humanidade inteira, através das fórmulas transitorias que chamamos patrias e nações, caminha dolorosamente para a solidariedade universal, para a Chanaan ideal, que ainda ha de brotar do sangue das gerações redimidias? Bem lhe ensanguenta a alma de brasileiro a persuasão tragica de que a tradição vae quebrar-se e o futuro não entenderá mais o passado. E — o que é terrífico — não lhe resta nenhuma confiança no esforço consciente dos que o rodeiam. Só vê sombras e escuridade. Não haverá, porém, uma salvação, não haverá um deus ou uma força que paralysse o raio armado contra nós? pergunta anciosamente o juiz Maciel, personagem em que evidentemente nesse passo se encarna o autor. Sim, ha uma salvação, responde-lhe pela voz de Milkau, o instinto profundo, a necessidade vital de não decahir no proprio conceito, de envolta com o seu povo e a sua raça. Todos os homens são irmãos e o seu valor não se afere pela maior ou menor capacidade de Violencia, senão pelo Amor e pela Bondade.

E eis como a sensibilidade patriotica do sr. Graça Aranha mais depressa o arrebatava paradoxalmente ás generosas Icarias dos sonhadores de paraísos sociologicos do que ao recurso vulgar de transformar-se individualmente em excepção, em portento sobranceiro ao seu paiz e á sua gente. Porque — cumpre insistir — a abdicación absoluta repugna com uma lei irresistivel da vida consciente.

Convem ainda lembrar que apenas estudamos aqui a intima psychologia das pessoas capazes de se contemplarem sob o angulo ethnico e nacional, por assim nos exprimirmos. Pouquissimos, entre nós, como já observámos, são dotados desse sentimento de solidariedade que leva o homem a considerar-se parte componente de um determinado agrupamento humano. E infelizmente isto é devido, não á influencia de formosas utopias sociaes, senão á ignorancia das massas e ao egoísmo estreitissimo dos mais instruidos.

Do exposto se colhe que o modo de encarar as coisas nacionaes denominado jeremiada pelo sr. Afranio Peixoto é,



em seu minucioso processo psychico, uma phase de transição que dispara em uma das attitudes que vamos analysando, ou então remata em inconsciencia ou em indifferença absoluta, que tanto vale.

Talvez ainda se queira achar uma categoria não prevista — a dos que affectam emoções que não sentem, a dos baixamente interessados, para quem semelhantes preocupações não passam de *flatus vocis* lucrativos. Esses, se não entrarem na classe negativa dos inconscientes, se pensarem, por pouco que seja, nas relações que os prendem á collectividade, irão automaticamente alojar-se em uma das casas que aqui estamos abrindo, quando não fiquem a correr de uma para outra, segundo as occasiões e os estados de alma.

De todos os typos de Jeremias, pois os ha de grande variedade, preferimos os que mais se approximam do biblico. Choraram e annunciam desgraças, mas só por setenta annos. Para estes o captiveiro de Babylonia não é eterno...

III

Superioridade illusoria. Como já vimos, nas duas primeiras ordens só entram almas nobres, espiritos de eleição. Para aqui acódem, em numeroso bando, os vaidosos, os fatuos, os ridiculos e os tolos.

Contemplando um instante e de relance os males da nação a que pertencem, correm-se do seu povo e da sua patria. E longe de se angustiarem com os verdadeiros Jeremias, com elles só aprendem alguns gestos condemnatorios, a que misturam laivos de altivo desdém, para se firmarem cada vez mais na prodigiosa convicção de que são rebentos extraordinarios, flores raras desabrochadas no apice de compridas hastes, cujas raizes longinquas souberam seleccionar em seu proveito a quinta essencia da raça em decadencia.

Cada um destes curiosos super-homens (para applicarmos ao nosso caso uma imagem de Mæterlink) reduz, de si para comsigo, toda a historia de seu paiz a um immenso alambique, onde massas e massas humanas se agitaram em guerras, em heroismos, em lutas de toda a sorte, para, ao cabo de seculos, distillarem uma gota brilhante, uma maravilha de suprema perfeição. E essa maravilha é elle — o cosmopolita, o “pari-



siense”, o homem de todas as patrias, para quem o ambito do mundo é demasiado estreito, quanto mais a terra que teve a gloria de servir-lhe de berço...

O artificio psychologico no presente caso, assume aspectos do mais delicioso comico. Porque, bem lançadas as contas, o que taes seres conseguem assimilar das supercivilisações que admiram é apenas a parte mais superficial e sem importancia.

Para edificação de tão sublimada casta, seja-nos permitido pôr aqui um retrato que delles faz um francez, estudando a vida politica e social da... Turquia:

Manifestam soberano desprezo pela multidão turca, pelos usos turcos, por tudo o que cheira á terra de nascença. Detestam a musica turca e classificam de barbaros os innocentes divertimentos do “Karagheuz”. Fogem de seus conterraneos e procuram a companhia dos estrangeiros. A seus olhos, o ultimo da elegancia está em vestir um “smoking” para assistir aos balles, aos saraus, ás representações dadas pelas colonias estrangeiras. Tomam attitudes de Occidentaes requintados, imitam os ademanes das pessoas elegantes que admiram nos salões onde são acceltos, semelam a conversação de “mon cher” e de infinitas expressões francezas, encommendam os fatos nos alfaiates em moda... De Paris só conhecem o luxo, a leviandade, a troça... São inimigos jurados do nacionalismo, que julgam esteril e vão... Esta macaqueação desarrazoada do Occidente é, com razão, detestada pelos turcos verdadeiramente esclarecidos, que a estigmatizam com a denominação desprezadora de “levantinismo”.

Por onde se vê que cá e lá más fadas ha... A’ imitação dos bons turcos, estigmatisemos os nossos cosmopolitas, dando-lhes, porém, um nome mais portuguez do que *smart*, *snob*, *dandy*, etc. Chamemos-lhes, com o velho Castilho, enxacocos... Lá o define o dicionario de Moraes: “Enxacoco, s. m. O que fala mal a lingua estrangeira, misturando-lhe palavras da sua”. E’ isso.

Os nossos “levantinos” falam mal o francez. Misturam-lhe ainda algum portuguez, fraqueza que muito amargurava a um dos nossos escriptores, para quem o livro de D. Luiz era exemplarissimo, — por ser escripto todo em francez...

Do que dizemos não se infira, porém, que reputamos um mal toda influencia estrangeira. De modo algum. A nossa civilisação é feita de principios elaborados na Europa e da Europa havemos de assimilar o que de melhor ella nos offerrecer. Não nos podemos furtar ao que Silvio Romero já chamou — *lei da persistencia e da equipolencia das forças espirituaes* entre os povos. Não ha nenhuma nação, sobretudo das ainda em formação, que escape de imitadora. A mesma



Allemanha tem ido buscar á França, não só modas e elegancias, senão idéas e artes. Nietzsche é um genio mais francez do que allemão, o que elle proprio era o primeiro a proclamar...

Mas estamos sahindo do risco deste breve estudo. Afim de darmos fim ás considerações sobre a numerosa classe dos enxacocos, desfazendo ao mesmo tempo todos os equivocos possiveis, lembremos que “assimilar” é coisa muito diversa de “dissolver-se”. Os brasileiros de real valor *assimilam* o estrangeiro, para enriquecerem o seu paiz. Os enxacocos *dissolvem-se no estrangeiro*. Basta ouvil-os falar: Nós em Paris... O diabo é aquella historia da gralha...

.....contemnens suos
 Immiscet se Pavonum formoso gregi.
 Illi impudenti pennas eripiunt avi,
 Fugantque rostris.....

IV

Homens de acção. Arribamos emfim á quarta e ultima modalidade.

Aqui entram todos aquelles que, sem cahirem num optimismo digno de Pangloss nem tão pouco num pessimismo inerte e desanimado, forcejam por modificar a realidade no que ella tem de mau.

Estes têm por lemma o proloquio latino: *possunt quia posse videntur*. A persuasão de poder é poder. Postos em face dos males de sua patria, considerando-se como membros de uma collectividade, não dissimulam a si mesmos a gravidade da situação, não se refugiam no *além* das humanidades futuras, nem commettem a vulgaridade de se suporem superiores á sociedade de que fazem parte — lançam-se quixotescamente na refrega, ambiciosos de provar com factos que o seu paiz tem energias latentes, donde ha de brotar um amanhã incomparavelmente esplendido... Cada um, na medida de suas forças e de accordo com a sua esphera de actividade, applica-se a fazer algo por se elevar a si mesmo e comsigo a patria. Porque taes homens podem repetir aquelle verso celebre de um poeta polaco: “Eu e minha patria não somos mais do que um”. E Como não a querem immobilisada na desesperança nem num inutil e injustificavel “deixa-te ir”, arrojam-se para a



frente, com o impeto de quem sente sobre si os destinos de toda uma raça. São os fortes. Não se detêm ante as fatalidades com que lhes acenam, porque sabem que o esforço humano é uma das faces da fatalidade universal. São os heróes de Carlyle e os heróes de Emerson — uns no fastigio do poder e da gloria, outros na sombra dos mais humildes misteres, mas todos senhores desse determinismo que — assegura-se — traz modelados em bronze, desde o principio dos tempos, os mais pequeninos acontecimentos. Um obscuro professor rural, no seu ramerrão diario de ensinar a cartilha a broncos filhos de caipiras, pôde ser tão necessario aos esplendores da nação quanto, por exemplo, a personalidade, nunca assás louvada, do deus Terminus do nosso paiz.

Tudo, assim nas sociedades humanas como na natureza, de que aliás estas não são mais do que um dos aspectos, tudo se prende e se liga, em tal ennastramento de causas e effeitos, que nem sempre poderemos distinguir o grande do pequeno, o util do inutil. Já se disse que, para conhecer bem uma folhinha de herva, é preciso desarmar o universo inteiro. Assim nas ascensões collectivas dos povos e das raças. Não ha força, por infima que seja, para desprezada. Todos pôdem modificar a realidade angustiosa, não subjectiva e imaginariamente, mas de facto, exteriormente, concorrendo com palavras e com actos para inserir na trama dos acontecimentos elementos ao parecer minimos, mas ás vezes capazes de alterar a trajectoria dessas terriveis fatalidades que, a modo de grandes massas cegas, se vêm despenhando através dos seculos.

Sabemos que a muitos o nosso entusiasmo por causa tão nova, qual a de procurarmos diffundir entre nós o espirito de nacionalidade, parecerá ôca “tîrada” (como diriam os nossos “levantinos”). Não importa. Não visamos effeitos literarios, senão sómente fazer parte dos “imponderaveis” que, segundo Bismarck, servem ás vezes para decidir da sorte das nações.

V

Conclusão. De toda essa longa parlanda se conclue mais uma vez a artificialidade das classificações. Assim é que os illustres escriptores que tomamos para exemplo das duas primeiras attitudes, vêm naturalmente inscrever-se entre os



mais estrenuos da ultima classe — porque todo livro é tambem um acto e de alguns sabemos que chegaram a operar grandes resoluções.

Tal é a obra de Rousseau, que ainda hoje exerce mais influencia sobre os destinos humanos do que as deliberações reunidas de todos os chefes de Estado.

Permanece, comtudo, o quadro abstracto, que tem a vantagem de facilitar certas apreciações das realidades sociaes. — Considerando-nos como membros de uma collectividade, somos levados por irresistivel necessidade biologica a assumirmos uma dessas quatro attitudes: Ou exalçamos directamente o agrupamento humano que é, ao cabo, um como prolongamento da nossa personalidade, ou elevamol-o indirectamente, recusando fé aos valores impostos pelo darwinismo social, ou imaginamos-nos superiores ao nosso meio ethnico ou nacional, ou finalmente procuramos modificar por meio da acção o organismo, por hypothese abalado, da sociedade de que somos parcella.

Especiosa é talvez esta distribuição, que em rigor podia reduzir-se a dois casos, attendendo-se sómente á dupla face subjectiva e objectiva do phenomeno. Serviu-nos, porém, para ampliar a classificação do sr. Afranio Peixoto, a quem não hesitamos em collocar na ultima phalange, ora chamada ao bom combate pelo brado vibrante de Olavo Bilac.

JOSE' ANTONIO NOGUEIRA



OS VERSOS AUREOS DE PYTHAGORAS

Até bem poucos dias não havia em nossa lingua uma unica traducção dos versos aureos de Pythagoras. Ou porque semelhante traducção seja realmente muito difficil, ou porque taes versos comquanto celebres pela profundidade de seus conceitos, não fossem largamente conhecidos, o que é facto é que a musa brasileira e portugueza os tinha silenciado.

Quando tivemos a idéa, talvez temeraria, de fazer alguns commentarios a esses versos immortaes, foi a nossa maior difficuldade encontrar um poeta igualmente temerario, que os traduzisse. Nestas conjuncturas, é que um amigo muito trabalhador e muito recolhido, grande conhecedor dõ esoterismo, a que se filiam os versos de Pythagoras, á força de ser instado por nós, apresentou-nos a sua bella traducção, que ainda assim não o agradava, não lhe satisfazia o espirito, ancioso por qualquer coisa de mais perfeito e de mais condizente com a majestade dos versos pythagoricos. Essa traducção nos foi concedida com a condição de lhe occultarmos o nome, e tal promessa vamos cumpril-a constrangidamente. Hontem o "Correio Paulistano" surprehendeu-nos com uma traducção de Aristêu Seixas, traducção igualmente bella e em que o pensamento de Pythagoras está expresso com fidelidade. De fôrma que damos parabens á nossa boa estrella. Os commentarios que vamos fazer terão vida ephemera, mas a obra dos poetas ficará, enriquecendo assim a nossa literatura.

Eis os versos:

PREPARAÇÃO

Aos Deuses immortaes, seja qual fôr teu credo,
rende o culto da lel. — Dos Herões — Bemfeitores
a memoria venéra, e tambem a memoria
dos Espiritos-Luz, iguaes a Semi-Deuses.



PURIFICAÇÃO

Sê bom filho e bom pae, terno esposo e irmão justo.
 Escolhe para amigo o amigo da virtude;
 — aos conselhos lhe attende, e jamais o desprezes
 por nugas, — se estiver em ti poder fazel-o,
 — porque existe uma Lei que jungiu, implacavel,
 o dom da Liberdade ás garras do Destino.
 Mas como te foi dado as paixões que te cégam
 combater e vencer, — trata então de domal-as.
 Sê sobrio, activo e casto, e jamais te enralveças.
 Ah! nunca a sós ou não, coisas de que te córes
 faças e, antes do mais: — Respeita-te a ti mesmo!
 Reflecte antes de agir, e, antes que fales, — pensa.
 Sê justo, que outra Lei, igualmente implacavel,
 nos faz morrer, e faz que os bens e as honrarias
 que “cantando nos vêm — de nós cantando vão”.
 Quanto aos males que, cégo, o Fado traz comsigo,
 supporta-os como um bem, e tudo empenha para
 os suavisar o mais que então te fôr possível,
 — porque aos Deuses apraz que menos soffra aquelle
 que, por bem meditar, mais e mais longe enxerga.

Tambem o Erro tem como a Verdade asseclas.
 Prudentemente approva ou reprova o philosopho;
 e, se o Erro triumphá, elle recúa e espera.
 Grava fundo em tua alma o que passo a dizer-te:
 — Nunca juízo algum preconcebás, nem sigas,
 em tal, o alheio exemplo e, agindo por ti mesmo,
 consulta, verifica, e livremente escolhe.
 Pondéra que é loucura agir á toa, a esmo,
 — e que o Futuro nasce e vive do presente.

Não te mettás jamais a fazer o que ignoras:
 — com persistencia aprende, e primarás em tudo.

Trata de ser sadio. — Assim, com parcimonia
 dá pão ao corpo, e dá descanso ao teu espirito;
 — mas dá de modo tal, que de mais nunca sejam,
 nem de menos, — que a inveja surge nos dois casos.
 E como, da avareza e do luxo os effeitos
 podem se confundir por sua semelhança,
 — escolhe um meio termo em tudo bom e justo.

PERFEIÇÃO

Acordaste? — Vê lá com calma e incontinenti,
 que o que tens de fazer para amanha não fique.
 Vaes dormir? — Nunca o somno as palpebras te feche
 sem que antes hajas tu perguntado a ti mesmo:
 — “Que fiz eu? Que deixei de fazer neste dia?”
 Se praticaste o mal, recúa; perseverá
 se praticaste o bem. — Aceita estes conselhos,
 e as virtudes terás que esplendem só nos Deuses:
 — juro-te por quem gravou bem fundo em nossas almas
 a Tetrada sagrada, immenso e puro symbolo
 que engendra a natureza e é dos Deuses modelo.
 Antes, porém, de tudo, o teu dever cumprido,
 desses Deuses a graça ardentemente invoca,
 — pois, sem ella, jamais das coisas começadas

lograrás vêr o fim que de antemão visaste.
 Em tudo acertarás si os tiveres por guia;
 e, das mil coisas que ha, immerso então na essencia,
 de relance o Princípio e o Fim terás de tudo.
 Queiram elles, verás que, em tudo semelhante,
 a natureza é sempre a mesma em toda a parte.
 De posse assim de teus legitimos direitos,
 — o "Imperio da Ilusão" ruirá em tua alma.
 Só então tu verás que os males que nos rôem
 do mau caminho vêm que dantes preferimos
 e que, fóra de nós, vamos buscar ao longe
 o remedio que, perto, em nós latente existe!
 Quão poucos sabem ser felizes! Embalados
 pelo inverso fragor de vagas que se chocam,
 eil-os que, das paixões ludibrio, vão rolando
 por tormentoso mar sem fim, á cuja sanha
 ceder nem resistir podem de fôrma alguma!
 Quizesseis Deus, e vós, certo, lhes abrireis
 os olhos... se lhes não tivesséis outorgado,
 como raça divina, o immenso privilegio
 de poderem julgar entre a Verdade e o Erro.
 E tu, Homem, que tens na natureza um servo,
 tu, que cauto e sagaz, lhe arrancaste os arcanos,
 — descansa-lhe no seio agora... Pára! Espera!

Pára! mas pondo em obra as leis que aqui te deixo!
 Pára! sem que jamais o que a alma teme faças!
 Pára! da Intelligência á voz submisso o corpo
 — afim de que, no pleno e ethereo azul suspenso,
 tambem sejas um Deus por entre os "Immortaes"!

Taes são os versos aureos de Pythagoras. Na verdade, não são de Pythagoras esses versos famosos e sim de Lysis, seu discipulo, o qual prestou inestimavel serviço á posteridade, salvando assim do esquecimento a doutrina esoterica do seu mestre.

Varios autores os commentaram, destacando-se principalmente Hierocles, entre os gregos, e entre os modernos, — Fabre d'Olivet que lhe dedicou um volume, rico de saber e de preciosos ensinamentos. Da traducção franceza do famoso autor da "Histoire Philosophique du Genre Humain" é que foi feita a traducção portugueza que acabastes de ouvir. Versos aureos é como são denominados e bem merecem o nome. Os antigos prezavam o symbolo e symbolisavam pelo Ouro o que é incorruptivel, o que é verdadeiramente bello, o que é immortal. Porisso é que são aureos os versos de Pythagoras, versos em que se esboça todo o edificio da Sciencia antiga. Dizemos *Sciencia* antiga, escrevendo sciencia com S grande para separal-a da sciencia dos nossos dias, que é um saber contingente, esoterico; que é um saber exterior, adquirido pelos sentidos, instrumentado pela observação e pela experiencia. Por sciencia antiga enten-

demos o Esoterismo, cuja fonte é a tradição millenaria, que assimilamos pela intuição, e cujo objectivo é a espiritualisação do Sêr pelo desenvolvimento de suas forças latentes, de suas virtudes transcendentales.

Se conseguirmos transmittir-vos a nossa admiração pela majestade dos ensinamentos alli contidos, teremos realizado o nosso objectivo.

Aos Deuses Immortaes, seja qual fôr teu credo, rende o culto da lei.

Este verso nos ensina a tolerancia e não a indifferença, como poderia parecer a um julgamento irreflectido. Essa tolerancia deriva da unidade fundamental das religiões que Pythagoras ensinava.

Não a podem acceitar os que se prendem á letra da lei religiosa, os que se escravizam aos dogmas, aos cultos, aos ritos exteriores.

Para os servidores da letra, Deus só é accessivel ao crêdo dessa letra, só ouve o que lhe brota de tal linguagem, e só está na Igreja que as representa, igreja que pode ser a Mesquita, a Synagoga, o Pagode.

Dahi as divisões sem conta da familia humana. E no entanto, toda grande religião preceitúa a paternidade divina e, como corollario inevitavel, a fraternidade entre os homens.

UNIDADE DAS RELIGIÕES E TOLERANCIA

Aos Deuses Immortaes, seja qual fôr teu credo, rende o culto da lei.

Quer dizer: Israelita, ao penetrares no templo de Apollo, respeita, venera e adora. Qualquer que seja o culto, a fórmula ou o rito, é sempre o mesmo Deus que recebe a mensagem do coração; é a sinceridade da mensagem e não o nome do destinatario que abre as portas do Infinito. Christão, ao transpores a Mesquita, não cuides que fóra de tua Igreja não ha salvação. Teu Mestre instituiu o culto, puro, sem fórmula, sem exterioridade, sem patria. Apesar disso, ensinou na Synagoga judia, e disse: Fecha a tua porta e ora a teu Pae em segredo; ou ainda: Deus é espirito e em espirito e verdade é que o devem adorar os que o adoram. Sectario de Zoroastro, onde quer que se invoque a



divindade, lembra-te que é das tuas Escripturas o seguinte preceito: “—Por qualquer caminho que siga chegarei a Ti”. E tu budhista, a ti foi dito e prescripto: “O homem puro respeita todas as fórmulas da fé”. Não te rias, chinez, de fórmula culturaes que te parecerem esdruxulas, tu a quem foi dito: “O entendimento agudo vê a verdade de todas as religiões; a intelligencia acanhada só vê as differenças.”

“As flôres do altar são differentes, mas a adoração é só uma.” A adoração é só uma, porque, como dizia o Christo, somos todos filhos do mesmo Pae.

Aprendamos com os pythagoricos a tolerancia sob todas as suas fórmulas, e lembremos que a intolerancia religiosa já cobriu de sangue o planeta, e que ainda hoje multiplica o numero de suas victimas.

Importa para isso adquirir o habito da reflexão e do exame, o que é raro. Geralmente nossas opiniões e idéas são formadas sem contribuição pessoal, sem elaboração propria, sem esforço consciente. Com ellas nos encontramos, como, ao nascer, encontramos a nossa patria ou o nosso arthritismo. Dahi é que advém a difficuldade de reformal-as, melhorando-as. E quem quer que se proponha a fazel-o se apresenta como inimigo de nossa vaidade satisfeita, de nossa preguiça de pensar. Por isso é que o homem de outra seita, de outro circulo, de outro systema desperta a nossa antipathia, ou a nossa animosidade. O espirito de partido só vê o mal na bocca do adversario, como o espirito sectario só lobriga o erro e a heresia em toda a igreja que não a sua.

A tolerancia é a virtude do homem que aprende constantemente, que se habitúa á reflexão e ao exame, á critica sincera de suas proprias idéas e opiniões, porque sabe o que ha de instavel nos juizos que formúla, o que ha de fragmentario nas verdades que alcançou. O homem tolerante procura compenetrar-se profundamente do pensamento alheio e separa o que é essencial do que é secundario. O essencial é o ponto de convergencia, o fóco de união, porque a verdade unifica; o secundario são as linhas divergentes, porque o erro desune e conta innumeraveis caminhos. Aliás o que divide e separa é muitas vezes uma simples illusão verbal, mero arranjo de som e de vocabulo como se vê desta



PARABOLA

Alexandre, filho de Felipe, estando em Babylonia, mandou vir sacerdotes de cada um dos paizes que havia subjugado e os reuniu em palacio. Reunidos que foram, em grande numero, ao pé do throno, perguntou-lhes: "Reconheceis e honraes um Sêr superior e invisivel?" — Todos responderam: "Sim". O rei continuou: "Que nome lhe daes?" — O sacerdote dos hindús: Nós o chamamos Brahma, isto é, o Grande; o sacerdote dos persas: Nós o denominamos Ormuzd, a luz eterna; o sacerdote dos judeus: chamamol-o Jehovah, o Senhor, aquelle que é, foi e será. E assim por diante; cada sacerdote deu nome differente ao Sêr Supremo.

"Então o rei, irritado, exclamou: "Só tendes um rei e soberano. De ora em diante tereis um só Deus, Jupiter é o seu nome.

"As palavras de Alexandre perturbaram a alma dos sacerdotes, que disseram: Nosso povo, desde a origem, dá ao Sêr Supremo o nome que indicamos. Porque havemos de mudal-o? O rei encheu-se de colera.

Então, um velho, um brahmane que o tinha acompanhado a Babylonia, levantou-se e pediu licença para falar á assembléa. E disse: Brilha em todos os paizes o sol, a fonte da luz? Todos responderam affirmativamente. O velho lhes perguntou a um por um: Como o chamaes? E cada qual indicou nome differente, consoante ao paiz e seu povo. O velho, dirigindo-se ao rei, perguntou-lhe: Não devem elles tambem dar ao sol um nome diverso? "Helios" é o seu nome em grego.

Ouvidas taes coizas, cheio de confusão, Alexandre corou e disse: Cada um empregue o nome que é proprio ao seu paiz. Vejo agora perfeitamente que o signal não é o ser. (1)

Haverá nada mais simples nem mais verdadeiro? O signal não é o sêr. O signal não é a coisa. No entanto ainda não o sabemos comprehender, nem mesmo em nossa época.

Quantas vezes não é o signal que nos atira á peleja, ao odio, á ruina!

Foi o signal que determinou as tremendas guerras de religião e é pelo signal que modernamente seitas religiosas se en-

(1) Morel. — "L'Esprit des allemandes". P. 309-310.



treolham com hostilidade e intolerancia. Guerras religiosas! Mas, qual a religião que não tem por preceito fundamental o amor do proximo? Qual dellas mandarà na verdade perseguir, queimar o heretico? Foi o signal, o formalismo, a religião exterior e não o espirito religioso, que o fizeram. Com razão dizia Shakespeare: Heretico é quem mandou accender a fogueira e não quem arde nella.

TOLERANCIA LEIGA

Fóra mesmo do dominio religioso, em assumptos puramente leigos, a tolerancia é coisa rara e de difficil aquisição. Ella reclama da intelligencia que esteja sempre aberta a todas as indagações, á procura perpetua da verdade em todos os dominios scientificos.

Os sabios especialistas, o physico, o chimico, o microbiologista, são geralmente intolerantes. Querem muitas vezes resolver os problemas geraes pelo prisma exclusivo das sciencias que cultivam. Outros organisam systemas philosophicos e rejeitam factos que lhes contrariam as syntheses. E' assim que Hæckel não cuida sequer de interpretar os factos psychicos; nega-os simplesmente, redondamente.

Somos geralmente muito apressados em julgar aquillo que ignoramos.

Formulamos juizos definitivos sobre assumptos não estudados. Lavramos sentenças irrevogaveis, sem reflexão nem exame.

A tolerancia é uma fórma da modestia, — a modestia do pensamento, sempre receioso de encontrar o joio entre suas idéas mais caras. Mas ella não implica ausencia de espirito proselytico. Ao contrario, quer com a discussão, com a propaganda, a livre adhesão da intelligencia. Ella não é a indifferença e não abdica, por isso, de suas opiniões e crenças, mas procura com sympathia no pensamento adversario o que possa harmonisal-os reciprocamente ou ao menos rectificar o seu proprio exaggero.

E se o não encontra, ou não póde convencer ou persuadir, conforma-se sem irritação nem menosprezo. Porque é preciso que o erro seja livre para que a verdade possa triumphar. Além disso, num sentido, cada um de nós tem a sua verdade, a que



a sua intelligencia comporta. Revoltar-se contra isso é a mesma coisa que revoltar-se contra a nossa estatura, contra a côr da nossa pelle ou contra a lei de gravitação.

Tem-se visto a felicidade domestica fugir, porque um dos conjuges faz parte de outro rito; velhas amizades quebrarem-se porque idéas politicas se tornam inconciliaveis. Assim, a intolerancia separa e hostilisa, embaraçando a marcha das idéas em todos os dominios. Se o nosso argumento não convence o adversario, é porque — ou não o soubemos apresentar, ou não teve ou não tem o merito e o alcance que lhe attribuimos, ou porque preconceitos vetustos não podem ser abalados num momento, por encanto; ou porque as nossas idéas lhe excedem a medida, se porventura não acontece exactamente o contrario. Como quer que seja, não venha a intolerancia aggravar a situação. Persista o desaccôrdo, mas não o animo bellicoso. Sejamos tolerantes, mas não indifferentes. Amemos as nossas idéas, propaguemol-as, atiremol-as ao combate; mas isso sem que a nossa pessoa lhes siga o argumento, sem que a nossa vaidade lhes acompanhe o syllogismo e sem que o nosso orgulho lhes aguce as pontas do dilemma. Se as idéas são como as sementes, como as sementes é que devem ser semeadas: — com cuidado e carinho.

Aprendamos a tolerancia por um esforço de reflexão. Quantas vezes não attribuimos nós a outrem a teimosia, o pyrrhonismo, os preconceitos que estão em nós. Quantas vezes merecemos a ironia mordente, a severidade inexoravel com que julgamos o adversario, para reduzil-o a pensar como nós.

Sejamos tolerantes. Quem nos contradiz, nos rectifica muitas vezes. E não pensemos ter o monopolio da verdade.

Vimos ha pouco alguns preceitos, máximas, ensinamentos derivados de religiões diversas e em que estão claramente expressos os sentimentos da unidade divina e da fraternidade humana. No entanto, se taes são os preceitos, assim não é a conducta dos homens. Na realidade das coisas mundanas, cada crente, julgando se um privilegiado, não se limita apenas a ver o erro e a heresia fóra da sua Egreja, mas chega até a vel-os e com mais forte prevenção nas proprias fórmulas de uma mesma creença fundamental. No seio mesmo do christianismo, por exemplo, quão raros não serão os crentes capazes de penetrar com animo religioso o culto lutherano, o calvinista ou as variantes



grega e russa do mesmo christianismo fundamental! Dahi resulta a excellencia dos preceitos pythagoricos que não reconheciam barreiras para o exercicio do seu culto.

Não olhavam os pythagoricos o polytheismo de seus contemporaneos com os olhos myopes com que o contemplamos á distancia dos seculos. O povo inculto tinha tantos deuses quantas estatuas, como ainda hoje muita gente vê verdadeiros santos nas imagens; comtudo, os discipulos de Pythagoras não eram idolatras; “elles viam, como diz Fabre d’Olivet, nos deuses das nações os attributos do Sêr ineffavel que lhes não era permittido nomear; augmentavam ostensivamente, e sem repugnancia alguma o numero desses attributos cuja causa infinita reconheciam; rendiam-lhe o culto consagrado pela lei e os reduziam todos em segredo á unidade que era o objecto de sua fé.” (1)

Qualquer que seja a fôrma em que se tenha vasado a concepção do monotheismo, e por muito que se affirme ainda em nossos dias, que o pensamento só tenha chegado á idéa da unidade divina com os ensinamentos de Moysés, a verdade é que todas as Escripturas das grandes religiões do passado consagram semelhante unidade, em termos claros e insophismaveis.

Seria facil estender aqui os textos escripturarios que o comprovam. Não o faremos, comtudo, e isso para evitar explicações e delongas exegeticas que nos projectariam fóra do thema proposto.

Dos heroes-bemfeitores a memoria venera, e tambem a memoria dos espiritos-luz,
iguaes a semi-deuses

Surprehendamos o fundo através da fôrma, e não vejamos na letra dos versos senão a expressão verbal do espirito. O que alli se recommenda á nossa veneração é a hierarchia do mundo divino, e hierarchia é facto que tambem existe no mundo das fôrmas vivas e terrestres.

Sabemos que a vida é universal; que o universo é um organismo vivo, que materia, vida e espirito estão associados por toda parte na natureza. Manifestações elementares da vida existem nas fôrmas mais grosseiras da materia densa. Manifestações mais altas se nos apresentam, maior amplitude da cons-

(1) Fabre d’Olivet. — Vers dorés de Pythagore, p. 198.



ciencia, mais largo descortino do universo á medida que se passa da materia densa a formas mais instaveis da materia. Mas é sómente nas fórmas fluidicas da materia, em que se encarna esporadicamente, e de maneira transitoria o homem terrestre, no duplo, que a vida e a consciencia se manifestam no seu apogeu. Posto que o nosso saber experimental seja a tal respeito fragmentario e incompleto, comtudo no ponto de vista philosophico, nada nos autorisa a marcar um termo, a designar um limite para a evolução da monada que se encarna na materia e que passa do meio terrestre ao meio espirital. Alli continuam as linhas da ascensão evolutiva. A evolução prosegue a sua marcha no mundo do espirito, porque a evolução é a lei universal da vida.

HIERARCHIA ESPIRITUAL

Tal é a concepção que se nos depara nestes versos de Pythagoras, e tal é igualmente o fundo commum esoterico de todas as religiões.

Intelligencias de todos os graus, diz Annie Besant, que poderiamos chamar sobrehumanas e sub-humanas, tomando nossa raça como termo de comparação, reflectem a imagem divina em proporções que variam constantemente; muitas myriades de vidas formam por assim dizer uma vasta escada cujos pés repousam na vasa dos mundos visiveis e cuja ponta se perde no esplendor dos céus; “são os degraus do altar deste vasto universo que se elevam em declive, das trevas até Deus.”

Quaes serão, pois, estes Heroes-Bemfeitores, os Espiritos-Luz de Pythagoras? São os Dévas dos hindús e dos budhistas, tambem chamados seres radiosos. São os anjos e archanjos, dos hebreus, dos musulmanos e dos christãos. São os sete Ameshas-pentas dos discipulos de Zoroastro.

Todas as vezes que transpomos o dominio da letra, que deixamos as fórmas exteriores do culto ou do rito, depara-se-nos o accôrdo fundamental entre as grandes religiões. No que se refere á hierarchia das vidas espirituaes não faltam textos a comproval-o em todas as biblias do mundo.

Esta unidade espirital deve conter uma verdade superior.

Todas as biblias do mundo vêem no universo um organismo vivo, e não um simples mecanismo, uma machina sem alma



como o pretende o saber esoterico de nossos dias. Para ellas, acções phisicas e chemicas são a expressão de actividades vi-taes, e onde ha vida ha espirito dirigindo a materia para fins previstos e escolhidos. Segundo o ensino unanime de todas as Escripturas, o homem occupa uma escala intermedia na evolução; abaixo delle, estão seres submettidos á lei da vida inferior, e que a maneira de automatos trabalham de accôrdo com a lei até que se desenvolvam os poderes latentes; acima delle, estão seres superiores, conscientes e livres e que se associam voluntariamente ao cumprimento da lei. Nesta escala intermedia, que é o mundo humano, reina a anarchia, o conflicto das vontades. E', pois, o mundo humano a região do conflicto; o homem fica entre as actividades forçadas das classes inferiores e a cooperação voluntaria das classes superiores.

Esta hierarchia de vidas invisiveis é do christianismo segundo a sua divisão conhecida em Seraphins, Cherubins e Thronos; Dominações, Virtudes e Potencias; Principados, Archanjos e Anjos.

Está tambem no Alcorão com a sua concepção dos quatro grandes Archanjos.

Limitemo-nos, mesmo porque este sentimento da unidade das grandes religiões resaltarà com mais clareza e mais abundancia no decurso dos nossos commentarios.

Pythagoras tinha a consciencia dessa unidade, e ensinava essa e outras verdades que recebeu de sua iniciação no Egypto.

A INICIAÇÃO E A EGREJA

Que iniciação é essa que se diz ter sido outróra o patrimonio de todos os povos, de todas as religiões, incluindo a propria religião christan?

A Egreja christan nega que tenha havido um ensino esoterico no seu remoto passado e affirma que o seu ensino é uniforme para o ignorante ou para o sabio. Evidentemente assim acontece na actualidade, e já ha longos seculos. Tendo perdido a chave da tradição esoterica, ella ficou presa á letra da lei, e já não penetra no fundo das coisas. Isso, porém, não aconteceu nos primeiros tempos em que se reservavam a elucidación de certos mysterios exclusivamente aos catechumenos. Não nos esqueçamos de que o seu fundador falava ao povo em parabolas e



explicava em particular aos discipulos o significado occulto, transcendente, de certas verdades inacessiveis á comprehensão popular. E não obstante terem os monges da Edade Media destruido todos os manuscriptos que lhes pareceram erroneos e até perniciosos, porque não estavam de accordo com a sua propria orientação, muitos dos antigos ensinamentos chegaram até nós, graças ao labor indefectivel dos gnosticos e dos alchimistas.

INICIAÇÃO E SYMBOLISMO

Duas palavras sobre a iniciação grega. Sob a allegoria dos mythos, o iniciado moderno devassa o véu de muitos antigos symbolos, cujo significado escapa á generalidade dos homens. E' o que acontece, por exemplo, com o mytho de Tantalos, que fazia parte dos Mysterios menores.

Tinham elles por fim ensinar aos discipulos a influencia da conducta terrestre sobre a vida posthuma no plano astral. Condemnado a soffrer nos infernos sêde inextinguivel, Tantalos estava rodeado de agua por todos os lados, a qual se afastava cada vez que della aproximava os labios.

O esoterismo nos ensina que desejos, sensações e paixões sensuaes, estão no corpo astral do homem. Escravo de sua vida puramente material, tendo identificado a existencia com os prazeres alcoolicos, o homem, ao morrer, transporta para o plano astral a unica coisa que lhe dava um sentido á vida. A paixão de beber apaga todos os sentimentos nobres, degrada o individuo em todas as suas fibras. Estes desejos morbidos acompanham o individuo no Além-Tumulo, e, por ausencia de um corpo physico, não podem ser satisfeitas: — dahi o supplicio de Tantalos, o purgatorio do bebedor, que soffrerá as consequencias de sua falta emquanto durar o karma, a lei de causalidade natural, que se exerce em todos os planos da existencia.

Semelhantemente a fabula de Sisyphos, obrigado a rolar até ao alto da montanha a pedra que, mal attingia o vertice, se despenhava. Ella symbolisava a vida astral dos ambiociosos egoistas que só trabalham para a vangloria, para a ostentação, para as honras pessoases. Nenhum sentimento de abnegação, de desisteresse, de sacrificio. O symbolo mostra-nos o viver d'elle no mundo astral, a formular projectos e mais projectos, os



quaes se desfazem como fumo logo que o infeliz verifica que já não tem um corpo physico. E assim a pedra continuará a rolar até que elle comprehenda que seus desejos são vãos como a espuma das vagas de sua vida terrestre.

Quanto aos mysterios maiores, eram elles celebrados no Templo de Eleusis, cujos iniciados se chamavam "epóptas", palavra que significa "aquelles que têm os olhos abertos". Tinham por emblema o toirão de ouro de Jasão, cuja côr amarella corresponde á "aura humana", e symbolisava o que os theosophos chamam "corpo mental". E da mesma fórma que os Mysterios menores ensinavam os resultados da conducta e sua influencia posthuma na vida astral, assim tambem os Mysterios maiores ensinavam a influencia de certos actos sobre o chamado mundo celeste. Os symbolos são aqui mais complicados e difficeis pela propria difficultade de adaptar ao plano physico as coisas do mundo mental.

A INICIAÇÃO E A SCIENCIA MODERNA

Não nos parece vantajoso prolongar este estudo sobre os antigos Mysterios, mesmo porque, se houver entre vós algum bastante saturado dos ensinamentos da sciencia contemporanea, certamente não estará disposto a acompanhar-nos em indagações cuja authenticidade é geralmente negada por semelhante sciencia.

A esse proposito escreveu Schuré o seguinte:

"Os sabios de hoje recusam admittir que esta religião dos Mysterios fosse na Grecia, não sómente a mais sagrada, mas tambem a mais antiga. Elles consideram-n'a como fabricação tardia e artificial enxertada sobre uma mythologia puramente naturalista. Esta doutrina tem contra si os mais solennes testemunhos da propria antiguidade, não sómente os dos poetas de Homero a Sophocles, mas ainda os dos mais graves historiadores, de Hesiodo a Estrabão, e os dos dois maiores philosophos gregos, Platão e Aristóteles. Todos falam dos Mysterios como da religião mais alta e mais santa, todos os fazem remontar aos tempos prehistoricos e falam de uma antiga religião sacerdotal que reinava na Thracia, muito antes de Homero, e da qual dão testemunho os nomes lendarios mas eloquentes e significativos de Thamyris, de Amphyão e de Orpheu. As theo-



rias arbitrarías dos historiadores e dos mythologos modernos, que raciocinam sob o jugo de idéas materialistas preconcebidas, não poderiam prevalecer contra taes autoridades. Menos ainda resistem ellas á poesia maravilhosa e suggestiva que deriva desses velhos mythos, quando, ousando contemplal-os frente a frente, então nos inspiramos em sua indestructivel magia." (2)

Desde a origem dos tempos que se interroga a esphyngue. O homem quer resolver o proprio enigma porque sente por intuição que o seu problema é o problema do Universo. O microcosmo corresponde ao macrocosmo. O que está em cima é como o que está em baixo. E a esphinge responde segundo o grau de evolução de cada um. Alguns chegaram aos mais altos vertices, lá onde palpita a monada divina: São os grandes Iniciados, os grandes instructores dos povos, os fundadores das grandes religiões. E transmittiram ao seu povo o verbo divino, que se reflecte em cada ser com luz maior ou menor, consoante o seu fóco de reflexão. Ora, este fóco de reflexão augmenta á medida que a intuição se desenvolve, e pouco ou quasi nada deve á cultura xclusiva da intelligencia.

A intelligencia é o organ de adaptação ao mundo exterior, consagrado á vida externa, á interpretação das fórmulas. A intuição é a intelligencia das coisas interiores, é o sentido esoterico, o instrumento do divino. Por isso a sciencia sem a intuição não passa das planuras do materialismo, do agnosticismo ou do positivismo. Não vê o universo senão pelo seu lado exterior atómico e mecanico; não lobriga nas coisas senão uma successão de phenomenos; na vida ella vê em acção as mesmas leis da materia morta; no homem, — simples poeira ephemera de moleculas.

Mas o homem não é isso, e o saber mais informado do futuro encontrará certamente em sua curva ascendente os dados primitivos da intuição.

ALBERTO SEABRA.

(2) Schuré — L'Evolution divine, p. 294.



VIDA DO PADRE ANTONIO ⁽¹⁾

TIRADA DO SEU ARCHIVO PARTICULAR

Nunca me passou pela idéa que eu teria de escrever a historia do Padre Antonio. Mas tambem quem poderia escrevel-a senão eu?

Poucas pessoas conheciam a belleza divina da sua alma, e ninguem sabia que elle era um santo. E nunca houve santidade tão grande como a sua.

Muitas vezes ouvi dizer delle que era um hypocrita e um mau padre. A verdade é que foi um espelho de virtudes.

Fui seu companheiro e amigo na prosperidade como o fui na adversa fortuna, quando uma doença minaz devorava as suas forças, e quando todos o haviam desamparado.

Sendo eu um herege, elle punha todo o cuidado na minha conversão — grande signal de verdadeiro amigo. Mas não tinha indignações apostolicas. Sabendo-me relapso, não tinha o espirito inquisitorial dos seus antigos confrades e preparava-me apenas algumas dessas fogueiras scenographicas, como as ha nos theatros, onde eu podia ser chamuscado sem inconveniente grave.

— A bondade de Deus é infinita, dizia-me elle. E quem sabe? talvez o fogo do inferno não seja mais que uma allegoria chimica para certos effeitos da religião.

E assim era que eu sempre renascia das minhas cinzas.

Não se vá concluir desta excepção de bondade que fosse perpetua e inalteravel.

(1) A "Revista do Brasil" obteve do autor deste romance inédito a parte preliminar aqui impressa.



Por vezes, o Padre Antonio se agastava e até por motivos futeis e quasi frivolos. Era talvez o signal prematuro da sua doença.

As pessoas que lerem estas paginas poderão verificall-o, discretamente.

Vê-se de um passo deste livro, lá para o capitulo LXXI, que elle não me tinha em grande conta. Pésa-me a decepção de o confessar, mas é a verdade: "Este Cleobio, diz elle (com a sua mania de nomes trocados) é intelligente e é uma boa alma, mas é homem inepto e pedante que sabe misturar atrevimentos grandes com certas prudencias asininas que escachariam a besta de Balaão se cá viera de novo a disputar com os doutores."

Este Cleobio sou eu, não tenho duvidas, segundo vim a perceber pela transparencia do texto. A referencia, comprehendese, não foi agradavel, mas tem a sua explicação. Em primeiro lugar, a vehemencia daquelle rasgo pode ser um defeito de estylo. Quantas vezes um epitheto pode acender a discordia! as longas guerrilhas byzantinas não tiveram outra causa. Eu, por mim, avalio todas as cruezas do vocabulo pela intenção occulta, talvez pelo habito grangeado de meu velho mestre-escola que me mandava sempre descobrir os synonymos.

Nesse confronto com a besta sagrada descubro a temperança e a misericordia de uma alma christã. Que admiravel fortuna a de entrar na Biblia mesmo de gatinhas e quadrupedante! A immensa reputação de Pilatos não tem outra origem. Porque, em verdade, o caso assim se passou, como vou relatar em breves palavras.

Falava-se de doutores da egreja e dos antigos padres que tanto lustre deram ao christianismo nascente; e eu, com descuidosa familiaridade, cheguei a dizer que Tertulliano era certamente um idiota quando affirmava que deviamos crêr em coisas de si mesmas indecentes e absurdas, desde que fossem necessarias á fé.

Era, da minha parte, talvez uma prudencia de asno.

Ante a colera do Padre Antonio, comecei a pôr attenuantes inhabeis e de occasião. Disse que a minha intenção era outra; alleguei ter empregado a palavra *idiota* no seu sentido antigo e proprio: de pessoa que não sabe lêr nem escrever; e é coisa conhecida que Tertulliano roçava pela heresia com todo o seu



mau latim cheio de barbarismos africanos; e eu reclamava para mim, o que já se havia feito para aquelle vaso insigne, algumas glossas complacentes.

E' preciso entender os homens.

— Cleobio, disse o padre Antonio, aqui o idiota seguramente és tu. A verdade não precisa de estylo; ella é formosa, sem formas, como a luz.

Comtudo fiquei aborrecido por alguns dias e temeroso do lance arriscado em que me vi mettido. Amuei e senti-me tomado de melancholia; e como ás vezes me succede quando tenho cuidados graves, surprehendi-me a escrever em todo o papel que me vinha á mão as palavras sagradas de quando a besta prophetica se cosia á parede — *asina junxit se parieti*.

Na realidade eu estava encostado e vencido. Afinal, tudo passa. O resentimento foi apenas uma vertigem. O padre Antonio fez elogios do jumento sagrado e deu-me, por atalhos, grandes consolações de espirito.

Aliás a intimidade, em familia, explica certas indelicadezas e grosserias que estimulam a concordia.

A monotonia do affecto gera esses reagentes de perturbação talvez pela necessidade de dar um rythmo ao proprio tedio.

Eis ahi toda esta frivola anecdota. Pouco tempo depois:

— Então?! inquiriu-me o padre Antonio pondo a mão sobre os meus hombros.

— Então?!

Já não havia mais nada. E nem já me lembrava o mesquinho incidente.

Outro successo differente não deixa de ter alguma circumstancia neste livro de archivo. E deu-se da maneira que passo a referir.

Pouco tempo depois da morte do Padre Antonio appareceu-me em casa uma figura triste e dolorosa que me lançou em profunda consternação. Parecia-me um espectro (se eu nelles acreditara) tão longe estava da realidade familiar a meus olhos e que me vinha advertir da inconstancia das coisas humanas.

Entrava-me pela casa dentro uma mulher macilenta, torva e desfeita; moça talvez ainda, mas desfigurada ou envelhecida, mal posta de roupas, e miseravel.



Fedia á pobre, que assim acontece quando a pobreza se junta ao desespero e ao desconsolo. Reconheci-a. Era bem ella, a Dona Juliana, que eu conhecera farta, alegre, alva e formosa, com o seu riso bom, aberto e perenne. A seriedade ou a tristeza fechara-lhe os labios e agora ao vel-a, de botas encarquilhadas, com os pés quasi desnudos, senti que o seu riso alto lhe tinha descido aos sapatos. Parecia assim pisar a cada passo a fugitiva fortuna que a vestia, e a compunha ha pouco e que lhe cahira agora aos pés.

Quão differente do que tinha sido!

Dona Juliana, uma creatura sã e alegre, tinha um pouco daquelle temperamento que entre nós se define com uma palavra corriqueira. Emfim, era *pernostica* ou literata. Não que fizesse sonetos (indicio certo de literatura) mas era lida em romances e outras cavallarias que vinham em fasciculos.

Agora era a imagem da tristeza. Parecia-me feita de uma lagrima só, grande, inteiriça.

Era outr'ora visinha do Padre Antonio e era ella quem fornecia as suas frugaes refeições. O padre tratava-a com extranha severidade e, com certo respeito como a um inimigo poderoso.

Foi talvez alludindo aos encantos desta sereia que uma vez o Padre Antonio me disse:

— Em toda Helena ha sempre uma Troya.

E atraz d'aquella mulher eu via symbolicamente a ira de Achilles, o incendio e o escombro dos teucros.

Que engano! esta pretensa Helena eil-a ahi: esfarelou-se em ruina. E o incendio e os gemidos que devia projectar voltaram-se-lhe para dentro a consumil-a de miseria e desesperação.

Dona Juliana contou-me entre lagrimas a historia da sua decadencia. Em resumo, *seu Souza* (era o seu marido) só conviveu com ella emquanto foi vivo o Padre Antonio que era a unica pessoa a quem obedecia. Mas, ha muito tempo a queria deixar, não fosse o conselho do santo homem.

— Logo que o padre morreu, disse ella, abandonou-me, metteu-me os pés...

Esteve a dizer ainda algumas coisas...

E a sua voz desencordoada como a de um phonographo esgotado escambou em tons graves e confusos, guaiando em soluços.



Consolei como pude aquella tristeza grande. Dei-lhe tudo o que tinha na occasião e no bolso.

Dona Juliana desapareceu. Della ficou a memoria de como entendia a caridade christan aquelle silencioso apostolo das almas que havia prevenido tantas desgraças e concertado tamanhos infortunios.

O mundo ignora essas virtudes occultas das quaes elle vive, entretanto; a paz que respiramos é, como o ar, invisivel, e é o trabalho perpetuo de uma providencia desconhecida.

O meu grosseiro atheismo nunca chegou á negação dos anjos da guarda. Sim! ha pelo menos anjos que nos vigiam e nos protegem.

Tudo me imporia, ao redor de mim, o dever de falar d'aquelle missionario encoberto; mas a empreza era demasiada para as minhas forças.

Todavia, não foi surpresa para mim quando dois annos depois da morte do Padre Antonio eu recebia em registrados do correio quinze maços de papeis vários de letra do saudoso amigo.

Como vinham a mim essas reliquias? Mandava-m'as do longinquo sertão de Minas um seu parente, o coronel Mascarenhas que recolhera o espolio do querido morto.

Os dois annos decorridos não haviam lançado nenhuma poeira na minha memoria. Eu via e sentia viva a sua figura nitida e luminosa como a realidade. Achei, porém, que tardara muito essa inesperada visita que no meu espirito ainda não era pósthuma.

Vinham os papeis com a seguinte carta:

“Meu querido amigo:

“A morte avizinha-se do meu leito e sinto que chega com aquelle pé egual de que nos fala o poeta. E' a minha vez, e já era tempo do meu ajuste de contas.

“Antes de partir, puz em ordem o meu archivo. Estes papeis ser-te-ão entregues quando eu tenha já apodrecido. Pensei em destruil-os, mas a destruição é uma obra diabolica. No



diluvio, Deus poderia ter destruído o mundo mas não quiz renovar a criação. Conservar foi preferível a Deus quanto mais ao homem!

“Pensei que a tua curiosidade amiga poderia ainda por algum tempo libertar os fantasmas da minha imaginação, presos nessas garbulhas. Podem ainda voar, se nas malhas dessa rede escripta não perderam o habito das azas com que adejaram no outro tempo.

“O crime foi todo meu de escrever tanto, mas o que não escrevi foi crime ainda maior.

.....”

Eis ahi, num trecho apenas, a historia desse archivo que me chegava ás mãos. Delle é que engenhei o romance que se vae lêr e que é a verdade e a poesia d'aquella grande alma de santo. Quanto não daria eu para escrevel-a com a dignidade que merece!

Em poucos dias comecei a pôr em ordem os papeis que me chegavam desencontrados, em desconcerto. Pela numeração, vi que faltava um caderno.

Emfim, dispul-os em duas séries.

Uma dellas compunha-se de *Sermões* (alguns já conhecidos meus de ouvida) materia curiosa para clérigos da roça. Estou que um bispo e um editor de mãos dadas vulgarizariam este sermonario; mas essa accolade hoje em dia me parece difficil. E' provavel que os sermões fiquem sempre inéditos.

A outra serie é para mim a mais importante; para mim e para o editor, e quem sabe? Talvez para o proprio bispo. Delle é que tirei quasi toda a substancia deste livro; o leitor dirá da minha perspicacia.

Os papeis cheios de gregotins quasi indecifreveis reclamavam da minha parte immenso labor, uma exagese e uma arte de interprete que eu não suppunha existir em mim.

Revolvi, noites inteiras, com amor e diligencia os textos obscuros e falhos, cheios de passagens em latim, chamadas, cotas e rasuras.

Eis ahi o que fiz.

Entretanto, escapou, por muito tempo, á minha argucia uma parte (a mais delicada e certamente a mais discreta) de todo o archivo.

Eram talvez casos de consciencia estudados por um *probabilista* insigne como era o Padre Antonio. Como decifral-os? estavam postos em hieroglyphos, senão era chim ou hebraico que não alcancei entender. Uma nota prévia dizia. “Veja o caderno verde, n. 13”.

Ora este era o caderno que faltava, subtrahido acaso por mão inhabil ou criminosa. Ahi estaria a chave do mysterio.

Como os antigos theologos e philosophos, o Padre Antonio praticava a *acroamatica*, uma especie de cabala e de escripta figurada em que só podiam penetrar os iniciados.

Fiz todas pesquisas e viagens para descobrir o caderno perdido. Tudo em vão.

“Veja o caderno verde” era a noticia unica que me exasperava, de vez em quando. Sem iniciação, sem um interprete ou um mystagogo como havia eu de penetrar naquella escura meitada? “Veja o caderno verde”. Mas...

Continuavam assim os meus trabalhos de interpretação do archivo quando já decorrido um anno recebi um concurso inesperado. Vinha do céu donde seguramente vêm todos os favores grandes.

Appareceu-me Dona Juliana. Era já outra, ou antes era a mesma de outro tempo, mas remontada e rediviva, talvez mais bella, alegre, farta e opulenta. O riso subira-lhe de novo ao rosto, agora illuminado de extranha felicidade.

Pensei involuntariamente na fabula de Helena reconduzida a Sparta, duplicando a Menelau a graça de outra lua de mel.

Doce fabula! Dona Juliana tinha um ar de importancia indescrictivel. Notei que falava muito, talvez mais do que convinha. Usava palavras novas, e creio, se não estou enganado, que adquirira um certo *sutaque* italiano. Talvez illusão minha, por que ella parecia de facto uma rainha de opera lyrica ou talvez por outra majestade que me escapou.

— Está admirado da minha mudança, não é? disse-me ella com o seu sorriso perenne. Pois, os tempos mudam, não são sempre os mesmos. Não é verdade?



E accrescentou:

— Agora sou outra. *Vita nuova*, como se diz no commercio. Notei que dizia tudo rindo e com graciosa indolencia.

— Dona Helena, disse eu ...

— Perdão! Pois já esqueceu o meu nome? eu sou a Juliana.

E assim nos entretivemos algum tempo, quando ella, emfim, disse ao que vinha.

— Venho trazer-lhe uma insignificancia que foi do seu amigo, o Padre Antonio. Era a unica lembrança — que eu tinha delle.

E abrindo a bolsa de seda, monstruosa, della 'sacou o *caderno verde*.

Arrebatei-o com as mãos ambas impetuosamente.

Ella riu-se da infantilidade do meu gesto. E contestou:

— E' uma insignificancia este livrinho de figuras que ninguem entende. Faltam umas quatro paginas que *seu Giuseppe* arrancou, creio que para embrulhar palitos.

Seu Giuseppe? pensei. Quem era? Mas que me importava o nome de um vandalo?

A verdade é que eu tinha já o *caderno verde* tão longamente cubicado nas minhas vigalias.

Emfim, Dona Juliana despediu-se.

— Adeus! disse-me. Adeus e talvez para sempre!

— Como assim? repliquei surprezo.

Sentiu-se um pouco tolhida e abaixando os olhos e diminuindo o sorriso, murmurou:

— Nós partimos para *Nápole* esta semana.

Dei-lhe os parabens e desejei-lhe a boa viagem. Não busquei esclarecer-me; tudo era claro como o céu donde iam gozar o benigno exilio. A sua formosura bem o merecia. Quasi á porta e tomando-me a mão, ainda ella reprehendeu com graça:

— Mas não se esqueça outra vez do meu nome. Eu nunca fui Helena, desde a pia que sou Juliana...

— Bem o sei. Dona Juliana de Souza...

— Outra cantiga, atalhou ella. Juliana Capirotti, sua creada.

Se na *Vida* que escrevo deslizar algum erro, ou inadvertencia, a culpa deve ser attribuida á lacuna das paginas do *caderno verde*.

Ou antes, deve attribuir-se a culpa á minha insufficiencia, pois tendo quasi todo o esqueleto dessa historia, não comprehendendi nem restitui a anatomia harmoniosa das suas partes.

Ou antes, dê-se uma porção da culpa a este insensato *Giuseppe Capirotte*.

E' sempre bom repartir as responsabilidades.

JOÃO RIBEIRO

POST-SCRIPTUM

Cumpre-me ainda, antes de começar esta *Vida*, agradecer o concurso de duas pessoas que me valeram em algumas difficuldades da narrativa.

Comquanto ricos e numerosos os papeis do archivo particular do Padre Antonio, alguns passos da sua vida sempre me pareceram obscuros. Foi preciso soccorrer-me de outras fontes para a intelligencia dos textos.

Algumas das notas escriptas foram redigidas em latim que não pude alcançar, sendo, como sou, muito fraco na materia.

Informações pessoaes, era o que eu buscava.

Entre os que me ajudaram com as suas luzes devo citar em primeiro lugar Sua Excellencia o Barão de Cajurubeba que todos conhecem pela sua grande posição social não menos que por sua nobreza cuja prosapia vem desde os cruzados bretões. Sem embargo da sua alta linhagem, o Barão de Cajubeba foi homem pobre nos seus principios, e serviu a Deus e ao mundo humildemente como sacristão da matriz de Quatipurú, berço do Padre Antonio.

Esta circumstancia não é decerto nenhuma nódoa nos seus braços. A verdade é que no arraial de Quatipurú elle era sacristão e até conhecido por Chico do Capêta, (o povo assim o appellidou por suas tendencias picarescas e diabolicas, como se verá em tempo). O Barão occultou-me essa circumstancia meramente anecdotica e sem importancia; e nem eu commetti a indiscreção de alludir a ella.



O Barão disse-me que nos seus começos fôra mestre-escola e professor de latim em Quatipurú — o que é perfeitamente exacto. E lembrou-me que o padre Antonio foi um dos seus discipulos.

— Era muito distrahido e parecia estar sempre doente.

Sua Exa. animou o meu projecto de escrever a vida do virtuoso sacerdote. Achou que era obra patriotica e ficou de falar ao governo ou ao congresso sobre o caso. Quanto á sua bolsa, estava ao meu dispor, disse-me elle.

Agradei a inutil generosidade e recusei ambos os alvitres.

O outro informante que tive foi o doutor Bezerrinha, hoje aclamado entre os grandes vultos e luzeiros das nossas letras medicas. Homem imponente (e mais conhecido na sua ausencia por Doutor Bezerrão) é na verdade um colosso de oleos e de sciencia. Infelizmente o seu nome não acompanhou a adiposidade crescente. Por absoleta fidelidade historica chamar-lhe-ei sempre Bezerrinha.

Não applaudiu o meu tentamen.

— Faça o que quizer, disse-me dogmaticamente. Faça o que quizer; mas para que escrever? A vida passa e é um crime perpetual-a. A nós mesmos cumpre apenas prolongal-a até o termo. A vida não se mineraliza. Deixe o Padre Antonio em paz. A sobrevivencia é talvez uma falta de respeito pelos mortos.

Hesitei um momento. Mas antes que eu chegasse á porta, já havia atirado o conselho pela janella.

Bezerrinha ou Bezerrão, pouco importa ao meu intento. Colhi os testemunhos que pude e comecei a escrever esta historia.

J. R.



EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA

(A PROPOSITO DE UM LIVRO DIDACTICO)

Bem sei que, do assumpto e não da sua pessoa deve tratar o orador. E' velho o preceito e voluntaria a obediencia. Quando, porem, o orador não fala por si, mas é emissario de mais alta autoridade, a apresentação das credenciaes, que o investem no mandato, precede a exposição da mensagem que traz.

Apostolo de uma fé, em prol da qual tantos militam, não é em nome de almejos egoistas ou interesses particulares, que, a esta terra, onde ensaiei as minhas primeiras armas na cruzada nobilima do magisterio, sou vindo agora levantar a minha voz de mestre obscuro, após a longa ausencia de dous decennios: é em nome da doutrina, em cuja pregação aqui fui minima parte, quando ainda não ralara para a patria brasileira a dupla alvorada da redempção dos captivos e da liberdade politica.

A razão, que d'aqui me fez levantar a tenda e ir armal-a onde o combate da palavra e da acção se podia ferir para a victoria da grande causa, é a mesma que me faz volver ao recanto, onde o grito de alarma, que é o protesto contra a má doutrina e a pratica condemnada, foram erguidos.

Si corri ao centro, d'onde a omnipotencia do governo pessoal coaretava e regia então as manifestações do pensamento e da actividade nacional, si para lá corri afim de convencer e chamar esse governo ao caminho por onde, a meu ver, se havia de encarrear o engrandecimento e a prosperidade patria, isto é, o da educação que nutre, que rege e que guia, hoje que, livre da influencia effectiva d'esse poder caprichoso, n'este recanto, que põe todas as suas forças em contribuição para serviço da propaganda, em que militei, a cruzada em prol da doutrina avança, imperterrita e confiante, para a realisação do ideal pregado, impõe-me o zelo de patriota que para aqui

N. de R. — Este trabalho foi lido em conferencia publica realisada no amphiteatro do Jardim da Infancia, de S. Paulo, a 8 de maio de 1916, na presença dos srs. drs. Altino Arantes, presidente do Estado, Oscar Rodrigues Alves, secretario do interior, membros do magisterio etc.



acuda a ajuntar tambem o meu grito de alarma e o meu protesto aos dos que gritam e protestam, vendo armar-se disfarçadamente, na Capital da Republica, um perigoso golpe contra as instituições livres, que a 15 de Novembro de 1889 inaugurámos, a pretexto de corrigir pela educação civica da infancia, os defeitos da raça, "que tem tornado o regimen responsavel pela incapacidade dos seus homens de Estado."

E' como uma nova cruzada, que se quer levantar entre crianças, qual a que no delirio da exaltação religiosa da epoca medieval se levantou para a conquista dos Santos Lugares; e parece que o pontifice maximo, que a suscita, quer tambem, como Innocencio III, exprobar por ella a tibiez dos grandes, que dormem indifferentes ao sacrilegio dos increos.

Verdadeiramente nugatoria, verdadeiramente derisoria, como chamaram os chronistas aquella expeditio, a aqui suscitada, si não pode ter felizmente o destino da que os Ferrer e os Porcus levaram ao naufragio nos cachopos da Reclusa porque a catechese falou uma linguagem tão incomprehensivel á intelligencia dos catechisandos que foi como si seus ouvidos não a ouvissem, é entretanto, uma tentativa falha, que pode, pelo silencio e pela impunidade, levar a mais bem tramado e succedido commettimento.

E' pois, em nome da causa republicana que hoje aqui estou, não como o general, que vos venha apresentar na sua fé de officio os feitos heroicos, que hajam merecido os louvores das ordens do dia na campanha, que levou á victoria — mas como o soldado despretençioso, que vos vem provar que não deu ainda baixa á sua praça, porque a victoria almejada está até agora longe de se inscrever como um facto consummado nos annaes da vida republicana, e, no momento, um attentado de funestas consequencias clama pela vigilancia e devotamento de todos os sinceros republicanos.

Sem louros, portanto, que ostente ufano aos vossos olhos, com grandes responsabilidades no que os estadistas do dia chamam a decadencia do ensino, como pessoalmente l'ho declarou, em franca expansão, o digno compatriota, que acaba de deixar o governo d'este Estado — com a mesma coragem, a mesma convicção, o mesmo zelo e o mesmo amor da sua mocidade, aquelle, que se vos dirige, vem ajuntar a sua voz, que não é senão affirmacão de sympathia e promessa de esforço, a d'aquelles, que conhecendo a funcção da escola na educação de um povo, não querem ver semear no coração da infancia o germen da descrença no futuro da patria pelo entibiamiento da sua confiança nas virtudes da raça, e creem na regeneração dos costumes pela convicção de que é pelo exercicio da virtude, que se elles moralisam.

Illustre collaborador no progresso da terra paulista, infelizmente já arrebatado ao seu serviço, o dr. José Luiz de Almeida Nogueira, escreveu no livro "Tradições e Reminiscencias da Academia de



São Paulo”, á pagina 297, setima serie, em relação a minha individualidade sem nenhum destaque como estudante das letras juridicas, as palavras seguintes: “Conhecido educacionista, deixou infelizmente a sua nobilissima missão pedagogica e fez-se serventuario vitalicio de um pingue cartorio na Capital Federal.”

A minha presença vos prova que o **officio pingue** ainda não abafou em minha alma as desinteressadas aspirações dos ideaes da mocidade, nem os firmes e assentados propositos do homem maduro, que, para sua realisação, teve de cortir as mais duras provações, embora o imperio das circumstancias o traga ora retirado nas fileiras da reserva, onde, no estudo e na meditação, não tem um momento deixado de pensar e de trabalhar pela causa, conforme em futuro proximo vos ha de demonstrar com a publicação de trabalhos didacticos, destinados a servir a um numero maior de seus jovens compatriotas do que o poderia fazer com o exercicio militante do magisterio.

Velho, hoje, assoberbado pelas decepções contra as quaes se não rebella porque as acha naturaes, pois que o monstro da rotina, como a hydra da fabula, precisa, para sua destruição, da clava de um deus, tem visto a reacção dos espiritos obscurantistas vibrar golpes fundos e bem succedidos contra idéas, que já iam fazendo caminho victorioso nas reformas republicanas, e, certo de que hão de ainda ir avante, não só não dá por mal empregados, nem vencidos, os esforços da sua actividade em prol das conquistas annulladas, como ainda o pouco, que vale, o pouco a que reduz a sombra d’essas derrotas, tem-n’o sempre a causa do ensino a seu serviço — é sempre tributo espontaneo e grato da sua alma brasileira e republicana.

A melhor parte da experiencia de um homem, diz um grande escriptor, que tambem foi um dedicado mestre, a melhor parte da experiencia de um homem é que aquillo, em que falha, lhe ensina como havia de ser bem succedido. Não são as grandes cousas, que leva a feliz termo, que dão ao homem a sua preciosa sabedoria; sim, porem os desapontamentos, as humilhações, as perdas, a descoberta da sua nullidade, ou, o que é mais intoleravel, a convicção da sua pequenez: é por estas que chega elle a experiencia, que mais importa — o conhecimento do seu Eu e do outro Eu, que não o seu, assim como da escada entre os dous. Nas batalhas, que se perdem, lucrase, pois; e, como a taça cheia das gottas de sangue, que a coroa de espinhos e a lança fizeram verter, se poude tornar no symbolo da communhão, travez do qual a crença entranha em si o corpo do amado ideal, que a alenta para as lutas por vir, assim a derrota soffrida, a responsabilidade que me pesa, a maldição que me pune, alentam em mim o animo para, esquecendo o vencido, arrostar de novo o inimigo triumphante, porque na vergonha do desastre, que me possa humilhar, vejo o exemplo para o emprehendimento das lutas, que outros podem vencer.



Por isso, e em nome da santa causa da educação republicana, é que aqui estou hoje e vos peço a vossa atenção para o que a ponderação reflectida dos annos — o amor entranhado das idéas, a que sempre servi — as responsabilidades, em que por minha vida publica tenho incorrido — me impõem que vos diga sobre o recente livro do dr. Afranio Peixoto, o illustre Director da Escola Normal da Capital da Republica, que se propoz ser util á infancia habilitando-a a “formar juizo seguro sobre os nossos homens e as nossas cousas”, para que, n’este regimen democratico, em que lhe tocou crescer para a cidadania, “faça, pela selecção, que o voto lhe conceder, recahir sobre quem mais capaz fôr, a escolha dos homens, que hão de fazer o Brasil eterno e forte, feliz e grande”, pondo-o a caminhar sobre “as estradas amplas e rectilineas por onde”, na phrase d’aquelle eminente cidadão, que ha pouco vem de assumir o governo d’este grande e glorioso Estado, “as gerações de hoje e de amanhã hão de conduzir a Patria e a Republica á fortuna e á grandeza, de que uma é digna á sombra da outra,,.

Permitta agora V. Exa., sr. dr. Presidente do Estado que, apresentando-lhe aqui muito especialmente os meus votos pela prosperidade do governo, que ora inicia e de cujos resultados são esperançosa promessa os honrosos antecedentes da sua vida publica, a V. Exa. agradeça desvanecido a honra da sua complacencia em concorrer a ouvir a minha desautorizada palavra — agradecimento que torno extensivo ao digno sr. dr. Secretario do Interior, ao sr. Director Geral da Instrucção, ás illustres autoridades escolares, que aqui se encontram, e a vós todos, minhas senhoras e senhores, cuja presença me penhora e anima. E, pedindo-vos venia, passo a ler as considerações, que me pareceu opportuno fazer sobre:

MINHA TERRA E MINHA GENTE

I

“A vitalidade e a integridade politica de um Estado moderno devem, em ultima instancia, assentar sobre o character e a clareza das opiniões politicas sustentadas pelos homens, que estão fóra das posições sociaes. Nenhum vigor administartivo e nenhuma sabedoria legislativa podem por muito tempo sobreviver no vacuo da ignorancia e indifferença publica.

Um corpo de opinião, que a ampara, é essencial á marcha da politica administrativa ou legislativa; é necessaria uma opposição séria e de principios elevados, afim de impedir o exaggero e o abuso, “diz um eminente escriptor americano em ponderado arti-



go sobre a educação da opinião publica, que, no seu modo de entender, não é senão “o jogo reciproco das forças de propulsão e resistencia, influenciado pelos sentimentos religiosos e moraes do povo, traduzindo-se em credos politicos e tendencias para os pôr em acção.”

Comquanto a opinião publica seja filha da imprensa, da educação moderna, dos meios de communicação e da democracia dos nossos tempos, porque esta a desenvolveu pelo exercicio, aquelles contribuíram para a sua propagação, e as primeiras a tornaram possivel, já Pericles dizia, segundo o assevera Thucydides: “O cidadão atheniense não se descera do Estado pelo facto de presidir ao proprio lar; e, mesmo aquelles de nós, que nos consagramos ao commercio, temos idéas precisas sobre politica. Só nós consideramos o homem, que se não interessa pelos negocios publicos, não como um caracter inoffensivo unicamente, mas inutil; e, se poucos de nós somos criadores, somos todos juizes competentes de um sistema politico.”

A sabedoria destas verdades, applicaveis a qualquer forma de governo, que tenha um paiz, tem sido em todos os tempos comprehendida, e, em todos os tempos, mais ou menos intensamente, se tem esforçado pela effectividade das vantagens, a que alludem os espiritos mais esclarecidos e as nações, que mais norteadamente aspiram á realisação de progresso firme e duradouro, procedente do sentir e do agir de cada impulso individual, dando como resultante a segurança, o bem-estar e o engrandecimento crescente da communhão social.

Não simples dente em roda que gira ás cegas, sim, porém, e cada vez mais, cellula viva em organismo animado, o individuo ou cidadão, póde-se dizer que o aggregado é o que o faz a acção de cada um dos seus componentes. Para que, porém, a acção de cada componente se possa effectuar proficua em relação a si e em relação á sociedade, cumpre que cada um tome por base do seu bem-estar particular e da sua felicidade, a paz, a liberdade e a segurança publica, sem o que não poderá exercer o seu privilegio e cumprir sua função como membro de uma comunidade.

Não podia, pois, escapar á observação daquelles, a quem incumbe nortear o afeiçoamento do caracter e a illuminação do intellecto das gerações novas, a necessidade de preparar o cidadão para intervir na vida da comunidade com a acção mais efficiente compativel com o seu *essere* psychico, ao mesmo tempo que se



lhe dá o mais completo aparelhamento para assegurar-lhe a sua maior prosperidade individual.

A pedagogia, portanto, de Platão e Aristoteles até nós, ao lado do cidadão-animal viu sempre o animal-cidadão, e, tanto quanto daquelle, deste se preocupou através dos seculos, reputando-se mais sensata aquella que não põe o seu alvo na esperança de estabelecer uma igualdade utopica — sim, porém, o seu esforço em arraigar funda a convicção de que, na acção commum, havendo socios mais capazes a collaborar com outros menos, estes aceitem a quota, que recebem, como proporcional á exiguidade da parcella, com que contribuam e, pela responsabilidade menor que lhes caiba, se compensem das vantagens melhores que não auferam.

O animal, tomado no physico e mental a que se chama *homem*, cultiva-se sob o duplo aspecto de *corpo* e *espirito*; mas como o espirito se desdobra em *intelligencia*, *sentimento* e *vontade*, influenciados todos, travez do aparelho de sua manifestação, por heranças de ascendencia, a cultura de um e outro cáe tambem sob a alçada dos cuidados pedagogicos — donde o tradicional desmembramento da educação em *physica*, *intellectual* e *moral*. Sob qualquer das tres capitulações, os problemas da cultura do homem-individual entendem com a cultura do homem-social: o que este tem de ser depende do que fôr aquelle. *Civica*, pois, e dentre todas a mais vantajosamente *civica*, é a educação que mais fizer pelo aperfeiçoamento do individuo como homem physico, intellectual e moral para o exercicio das suas funcções como homem social ou cidadão.

Comprehende-se pelo exposto a razão sobeja, que levou o dr. Afranio Peixoto a querer que, para o Brasil ser “prospero e eterno”, comece por ser um povo “instruido e educado”, desde que “só ha um caminho para a conquista da natureza, dos homens, de si mesmo: saber:” e “não ha outro meio de o conseguir: “querer”: o que por outra forma se poderia exprimir dizendo que o futuro de uma nação depende da maneira por que corresponde o seu sistema de escolas publicas ás exigencias da educação dos futuros cidadãos, que tem ellas por funcção promover.

O que se não comprehende, porém, é o que no seu recente livro “MINHA TERRA E MINHA GENTE” faz o dr. Afranio Peixoto em prol do objectivo, a que o destina — a educação civica — quando nelle se limita a repetir *per summa capita* a historia da evolução da cultura greco-romana travez da nação portugueza



no desenvolvimento da nacionalidade brasileira, e a reproduzir em traços muito geraes a entidade geographica do paiz ou meio influente sobre a raça, repetição excusada das noções de historia e geographia patria, que constituem materias obrigadas dos programmas elementares das escolas frequentadas pelas *crianças*, a cuja cultura civica foi seu intento acudir.

O primeiro erro do illustre academico, professor emerito e abalisado director da Escola Normal, foi destinar a *crianças* a contemplação de assumptos, que lhes não pódem ser submettidos, porque a sua idade não dá a essas crianças o criterio necessario para a formação de convicção propria, nem nellas desperta a materia o interesse infallivel, que ahi encontram os *adolescentes*, isto é, aquelles, que se vão a emancipar das influencias da infancia para receberem as dos sentimentos, que a virilidade vem evocando.

O segundo erro foi, dirigindo-se a *crianças*, concentrar em resumo substancioso, que requer capacidade grande de assimilação, posse de vocabulario abstracto muito copioso e somma de conhecimentos ou noções impossivel na idade, empregando exposição muito superior á comprehensão normal, e de todo despida do calor narrativo capaz de emocionar, e, travez da emoção despertada, affectar o leitor juvenil, produzindo-lhe no coração e na mente impressões, que assegurassem o exito do fim proposto ao livro, isto é, inspirar o zelo pela patria como terra e nação.

O terceiro erro, e o mais grave de todos, foi ter mettido entre e quadro do nosso desenvolvimento historico e o do nosso meio geographico, a pretexto de dizer "*verdades necessarias, sem reservas, nem vehemencias, sobre os problemas essenciaes da nossa nacionalidade*", o libello accusatorio contra a Republica, no seu conceito responsavel por males, "*se não do regimen, ao menos culpa de homens pouco capazes que a têm servido*", sem entretanto, indicar meios a que recorrer para extirpar esses males, a não ser a diffusão da instrução, que "*cria a consciencia collectiva capaz de escolher e impor homens idoneos.*"

Querer prender a attenção de *crianças* a assumptos, que não as podem interessar, é já de si emprehender trabalho evidentemente improficuo; fazel-o, porém, com considerações abstractas como se se doutrinasse a espiritos amadurecidos e providos de meios para assimilação respectiva, é dar prova da mais completa ausencia de



observação e do mais absoluto desconhecimento das lições pedagógicas mais elementares.

No trecho á pagina 12:

“O **hellenismo**, nome pelo qual tambem se chama á cultura grega, foi, de facto, a idade de oiro da humanidade. A liberdade, civil e politica, pela qual o homem dispõe livremente de sua pessoa e bens, e governa-se, sem senhor nem mandões; o respeito e a dignidade da mulher; a educação geral do povo; a cultura das artes e das sciencias; as navegações de commercio e colonisação, que levaram todas essas vantagens aos povos da bacia do Mediterraneo, são os seus maiores louvores.”

que *criança*, mesmo a que haja completado o curso da escola primaria, realisa mentalmente o que é *cultura grega, liberdade civil e politica, disposição livre da sua pessoa e bens, dignidade da mulher, educação geral do povo, navegações de commercio e colonisação?*

No trecho á pagina 17:

“A Igreja, um poder novo, acima dos Estados e entre elles, velou solícita e pertinaz pela pureza e estímulo da crença e das virtudes publicas e particulares, que d'ella derivavam.”

que significa para a *criança*, que naturalmente ignora o que seja *poder* ou *poderes*, um *poder novo acima dos Estados e entre elles, estímulo da crença e virtudes, virtudes publicas, e virtudes particulares*, a não serem as theologas, que tenha aprendido no catechismo ou haja visto suspensas entre berloques á corrente, pulseira ou collar de alguém?

Querer que o espirito movel de uma *criança*, que ainda nem tempo teve de vêr as coisas até ao fundo, mesmo quando provida fosse de capacidade psychica, que permittisse o aprofundamento, é como impor a um estomago debil, que digira uma nutrição demasiado forte em prejuizo da sua integridade physiologica e da de todo o organismo, que com elle está em relação.

Se querer tal é, em regra, não só absurdo, porque a natureza tem as suas reacções, mas monstruoso porque attentatorio não só á hygidez physica como ao character da criança, que, ou memorisa sem convicção e adquire assim o habito de repetir sem consciencia, ou esfalfa-se na baldada tentativa de attingir o que escapa á sua potencialidade e perde em consequencia o estímulo para a perseverança na pratica do que lhe traz canção sem compensação em



prazer — querel-o, ainda mais, falando a linguagem das verdades sinceras e frias, que pretendem convencer sem emocionar, é ou absoluta ignorancia da psychologia infantil ou ousada affronta ao criterio dominante no assumpto.

O dr. Afranio Peixoto sabe o que é Homero, e, com certeza, se não no grego, já o leu na prosa mascula e cantante de Leconte de Lisle. Não pôde, tambem, ser alheio ao facto de constituir, na convicção e pratica desses hellenos, cujos successores somos no mundo do pensamento em todas as suas irradiações as mais grandiosas, não pôde ser alheio ao facto de que as grandiloquas epopéas do Divino Cego, lidas, decoradas e recitadas sob direcção, eram o objecto da primeira educação, sendo o grande poeta considerado entre os mais competentes educadores da infancia e adolescencia como o mais eminente mestre da vida e da moral. Compare, porém, o dr. Afranio Peixoto o que escreveu na "*Minha terra e minha gente*" com a narrativa homerica e pergunte a si mesmo si o seu livro poderá fazer da sua gente e da sua terra o que a Odysseia e a Iliada fizeram da Grecia, de Roma e de todo o Occidente europeu. Em seguida, então, como psychologo profundo, que deve ser dê sinceramente a si proprio a razão da negativa, corra ao preclaro director da Instrucção Municipal e supplicue-lhe que tranque as portas da escola á invasão de um livro, a que, como medico e pedagogo, não pôde dar nellas entrada.

O genero didactico, ha de sabel-o perfeitamente o dr. Afranio Peixoto, se quer simplicidade e precisão, não rejeita calor e entusiasmo, que dêem graça e vigor á narrativa, acordando nos discipulos o interesse, sem o qual o fruto da instrucção é peço ou frustro.

Se, em vez da exposição, houvesse o dr. Afranio Peixoto dramatisado em palestra viva, de dialogo cerrado, é bem certo que, numa aula de leitura expressiva, do embate entre a pergunta, que pede luz ou complemento, e a resposta, que a duvida objectada arranca emphatica e incisiva, aquelle interesse se despertaria e fora grande o lucro do que quiz inculcar. A passividade, a que a narrativa secca obriga o ouvinte, desinteressa-o facilmente, porque o canção physiologico actua desapiedado, se a voz, que a faz, não se timbra sonora nas vibrações de entusiasmo pelo factos, que expõe.

Leia o dr. Afranio Peixoto a uma classe infantil a passagem simples como tudo que ha de mais simples, em que Affon-



so Arinos conta que, nas travessias do Atlantico, ao aproximar da linha, os brasileiros, de retorno á Patria, *abandonam* os serões da musica e se precipitam para a amurada afim de contemplarem ao longe, erguida sobre a massa escura do Oceano, a constellação do Cruzeiro, e verá que éco suavissimo leva aos corações pequeninos a affirmação de que, para contemplar essas quatro estrellas, que se accendem na noite do nosso céu, os seus patricios, entretidos no convivio do salão luxuoso, *abandonam* a correr os encantos da musica e se suspendem da amurada entre a scintillação dos astros e o rumorejo das aguas, que o avanço da proa possante faz chapinhar de encontro ao costado.

Os portuguezes, porém, com Pedro Alvares Cabral, á vista desses olhinhos cheios de curiosidade e d'estes coraçõezinhos suspensos em aneio de maravilhas, vem entrando pelo mar a dentro, rumo de costa para elles nova, como marujos fartos de sulcar sempre a mesma rota; avistam na terça-feira um monte; chamam-lhe Paschoal; aproam para terra na foz do rio Frade; costeiam a praia; acham uma enseada, onde podem abrigar a armada; parece terem ficado sem nada fazer até á primeira missa, celebrada quatro dias depois; ouvem segunda missa, celebrada ao pé de uma cruz, cinco dias mais tarde, e chamam á terra, a que assim aportaram, Terra de Vera Cruz — tudo isto em uma desfiada firme e simples como o pregão espevitado e imperterrito do caixeiro de restaurante barato, que annuncia aos freguezes mortos de fome o menu das petisqueiras do dia.

Conseguir o que por essa forma quiz o dr. Afranio Peixoto, muito mais facil e efficazmente o faria a apresentação dos quadros de Victor Meirelles ou Aurelio de Figueiredo, representando a primeira missa e o avistar da terra inesperada.

Diante dessas telas, em que fôrma e côr falam á vista e sugerem a scena real de um modo palpavel, o que nellas vissem as crianças, e as respostas, que tornasse um mestre competente ás perguntas despertadas pela sua curiosidade por saber o que o visto lhes não dissésse, seria sem duvida, muito mais agradavel e muito mais proficuo para as instruir e edificar.

Quiz o dr. Afranio Peixoto ser simples e grave como convem a um historiador e, para tal, fez-se frio e concentrado, quando quente e expansivo é que age sobre as crianças. “Não é necessario que a criança comprehenda todas as minucias do que lê ou recita”, diz Chubb, notavel director da High Scholl



Department of the Ethical Schools de Nova York; “a condição imprescindível para que as impressões sejam duradouras e nutritivas é que as obras escolhidas sejam de primeira ordem... O que lhes convém é o que lhes interessa, o que lhes empolga a atenção e atea os sentimentos — não o sensacional, mas o realmente affectivo e impressionante. O interesse é a primeira pedra de toque; a facilidade, a linguagem simples, o estorvo: a criança salta por cima de muita barreira de palavras difficeis, se encontra genuino interesse no assumpto. No rebusco de palavras faceis, fareja ella algo de artificial e condescendente.

É a obra, um todo, texto e forma, a impressão total, que vale.”

A differença entre a narração secca e fleumatica de “Minha gente e minha terra”, está para o que deveria ser a narração capaz de interessar a criança como estão para os quadros de Victor Meirelles e Aurelio de Figueiredo os apagados clichés monochromos das paginas 79 e 83, por exemplo, entre os varios com que é recheiada a edição.

E, como a “Descoberta”, a “Campanha Hollandeza”, o “Sacrificio do Tiradentes”, a “Proclamação da Independencia” e o “Advento da Republica”, os grandes episodios da epopéa nacional, em vez de se aureolarem no fulgor da narrativa, que os devia cantar ao ouvido, desenrolam-se insulsos em rapida menção chronologica, como insulsos deslisam ante os olhos os clichés, em que traço e côr enchem a pagina, mas não descem a accordar no coração o sentimento, que pretendem educar.

E o modo de o fazer convenientemente deveria ser tão conhecido daquelle, a quem hoje está incumbido o arduo, mas nobre, encargo de formar os preceptores, que hão de educar á altura das exigencias do tempo e á luz da mais adiantada pedagogia a infancia nas escolas publicas, essas retortas maravilhosas, onde a fusão da nossa triste mistura de raças irá pedir ás raças regeneradoras as virtudes, cuja falta nos peia o progresso são e seguro!...

Na sessão legislativa de 23 de Agosto do anno ultimo, por occasião de se discutir o projecto financeiro, o dr. Cincinato Braga, salientando o papel historico economico e politico de São Paulo na Federação, afim de oppor protesto á injustiça daquelles que, na phrase do digno deputado representante, attribuem ao mesmo Estado o papel de polvo a sugar em seu próprio pro-



veito os recursos geraes da mãe-patria, se bem que se não ende-reçasse a uma assembléa de crianças, mas a homens cultos, eru-ditos e cuja comprehensão de seus deveres civicos e patrioticos não precisa de ser despertada pelo calor da linguagem capaz de a suscitar e alentar, positivo e sincero, como soube ser, não dei-xou, emtanto, na sua peroração, de dar, em suas palavras, éco ao surto dos sentimentos proprios, quando se referiu ao nosso pas-sado historico e á terra, em que nos coube nascer, passado e ter-ra que são um patrimonio precioso de que se deve orgulhar o Brasil inteiro sem parcialidade de preferencias bairristas ou odioso e systematico chauvinismo. Alludiu, pois, embora em ra-pidissimo escorço, á *gloria* brasileira, que deriva do *heroismo* pernambucano — á lição *patriotica* dos Inconfidentes mineiros — á *união e bravura* de todos os brasileiros na cruenta campa-nha do Paraguay, lembrados sempre com *entusiasmo e cari-nho* — ao *sumptuoso* edificio das nossas tradições nacionaes — ás *seductoras* lendas da grandeza do Amazonas — ás descripções *maravilhosas* daquilo, que os Paulistas chamam a *nossa* cachoei-ra de Paulo Affonso — ás cochilhas onduladas do Rio Grande do Sul, onde as *paixões* bucolicas afinam os *cantares de amor*; e re-matou com a declaração solenne de aprenderem as crianças da sua terra, pelo ensino de seus paes e mestres, a não comprehenderem São Paulo senão envolto no “bemdito” agasalho do auri-verde pendão, que a estrophe do poeta immortalisou na harmo-niosa cadencia dos seus versos inesqueciveis.

Pois bem: todos esses episodios historicos da nossa vida na-cional, todos esses arrebatadores vislumbres da nossa paizagem geographica, quando, ás paginas 106, 132, 164 e 196 do livro “Minha Terra e minha Gente”, do dr. Afranio Peixoto, são apresentados ás crianças, traduzem-se numa frieza glacial con-tristadora, sem o colorido rapido de um qualificativo ao menos, que lhes dê relevo e denuncie na alma do autor a affeição, que quer inspirar, por vezes até num tom que tange com o achinea-lho; e, mesmo o auriverde pendão, a que o texto não allude, se assoma entre as paginas, em que as gerações novas devem lêr o Evangelho do Brasil futuro, é solto no ar como uma coisa lar-gada, sem mãos que o empunhem ou o applaudam, e mentindo á realidade porque mutilado pela suppressão de uma das suas es-trellas.

Entre os livros, que a bibliotheca americana põe nas mãos da mocidade, que as suas escolas educam, tem logar proeminente um pequeno conto de Eduardo Everett Hale: "O Homem sem patria". Se esse livro, ou outro inspirado pelo mesmo sentimento de reacção contra o estadualismo ou cosmopolitismo, tivesse sido a norma á empresa do dr. Afranio Peixoto, com certeza "Minha terra e minha gente" teria vindo contribuir para a formação da bibliotheca pedagogica brasileira com um contingente valioso, e dado ao ardor civico dos nossos jovens patricios o impulso, que lhe quiz dar o autor. Assumindo, porém, o tom com que iniciou e conclue, para fugir "ao macambuzismo ou á gabolice", não soube conservar o meio termo, onde estaria a virtude, e, intencionalmente simples e frio, deduziu a sua narrativa de maneira a não informar á altura da capacidade das crianças, a não insinuar com probabilidade de accesso ao seu coração e a não evocar na sua imaginação visões patrioticas, que lhes podessem despertar impulsos promissores bem deliberados, resolutos e orientados em rumo a um ideal de civismo convencido e efficiente.

Que é que explica o successo enorme do *Coração* de De Amicis, não só na Italia, para a qual foi escripto, mas no mundo, onde em qualquer parte a alma da infancia vibra intensamente á musica de cordas, que nada tem de extraordinario senão serem universalmente humanas? Que é que faltou á *Testa* de mangazza afim de que fosse elle o leme projectado por seu illustre autor para segurança daquella vela desfraldada pelo incomparavel escriptor de *Constantinopla* no barco, que leve ao porvir as novas gerações?

A presença ou a ausencia do ardor convencido, que se communica aos leitores ou aos ouvintes, sem prejuizo da verdade, que lhes é demonstrada, ou da exacta comprehensão e realidade dos factos, que lhes são expostos. Sem essa qualidade primeira, sobretudo quando o assumpto por si só não é de natureza a despertar interesse tão vivo como aquelles, que mais falam aos sentidos do que á razão, os livros didacticos, no genero de "Minha Terra e minha Gente" — são obras falhas.

Lendo, digamol-o sem rebugo, nem constrangimento, com animo desprevenido e proposito de confirmar o merecimento de trabalho realizado sob aspiração tão auspiciosa qual a que exa-



ra o prefacio, vê-se, entretanto, o critico obrigado a perguntar, concluida a leitura:

E o que pretendeu o dr. Afranio Peixoto accordar no coração dos seus patriciosinhos, quando lhes expoz aos olhos o syndroma, que positiva o declinio, que se tem vindo accentuando de 1889 até hoje, para infelicidade e vergonha da sua gente e da sua terra?

Podem essas almas ingenuas e inexperientes, comprehender a therapeutica do *saber* e do *querer*, que, como chave de ouro de um soneto, fecha o livro, e lhes deve abrir porta para a conquista "da natureza, dos homens e de si mesmo?". Podem essas almi-nhas, abertas sempre á expectativa do bom e do bello, comprehender, collocadas como as deixa o dr. Afranio Peixoto, entre os nativistas emperrados e os patriotas de vista curta, em que character hão de entrar na liça? Como é que hão de ellas renunciar a ser discursadores, poetas, romancistas, actividades, que subsistem do orçamento, se, no autor do livro, que as quer fazer patriotas de vista larga, vêm um orador, um vate, um novellista, um percipiendario do Thesouro, que tem por isso logrado em muito verdes annos escalar ás mais invejadas e apregoadas posições no mundo official e extra offocial?

Não teria sido preferivel, em vez de lhes antolhar o quadro desolador da decadencia, em que se precipita esta terra graciossa, que a chorographia de seu livro retrata apenas em enfadonha nomenclatura juntamente com esta nação corrompida pelo sangue negro, não teria sido preferivel retratar-lhe com todas as galas do estylo a paizagem, que emmoldura e dá realce á silhueta esvelta de Maria Bonita, e erguer-lhes os olhos, ao conspecto das antigas e actuaes grandezas da raça e da humanidade, para o clarão das auroras, em que o devotamento dos sabios e a solicitude dos pensadores illustres promettem ao porvir a utopia da Perfeição Suprema, como pharol, que as attráia para a senda segura, em cujo rumo caminhe o Renascimento Social, que s. exa. almeja?

Não é com a visada posta no modelo ideal que o artista faz convergir todos os seus melhores esforços afim de o transformar em realidade? Porque, pois, em vez desse modelo, mostrar aos almejos de melhor, a realidade do peor?

Não se estiolam as esperanças do futuro, quando é funda a convicção da irremediabilidade do presente?



E não se pôde dizer irremediavel o presente como incertissimo o futuro, quando, depois de caldear no seu cadinho psychologico os elementos ethnographicos, que actualmente compõem a mistura de que hão de sahir as gerações porvindouras, o dr. Afranio Peixoto nada affirma sobre o caracter da massa resultante, mas pergunta apenas ás crianças, a quem se dirige, se della “resultará um povo forte, são e feliz” — se “o esboço de hoje dará um povo *voluntarioso*, sentimental, intelligente, digno da terra e do tempo, em que viver, sob a influencia da selecção reiterada da cultura e a disciplina forçada da vida social?”.

Tem cabimento ou justificação qualquer propor a edades inexperientes, depois de deprimir cada um e todos os elementos concorrentes e collaborantes do progresso da nação, problemas com que não podem enfrentar, porque tudo lhes fallece para os resolver: o desenvolvimento intellectual, a experiencia da vida, a posse de conhecimentos que constituem criterio seguro, a philosophia, emfim, que, dos mais altos pinaculos, a que pôde ascender a meditação humana, sonda para cima, para baixo, para trás, para diante, em todos os rumos e da comparação do que vê no tempo e no espaço, induz, deduz, conclue, projecta e guia á realisação?

A formula do *saber e querer*, em que o dr. Afranio Peixoto concentra a efficacia do regimen, que fará o Brasil futuro, nação e terra, impede que outra raça, em que s. exa. de certo vê a iniciativa, que falta á sua — o *saber* e o *querer*, impedem que, nos Estados Unidos da America do Norte, a influencia dos *boss*, se exerça nefastamente, “considerando as eleições locais como o campo de treinamento, onde exercitam as suas cohortes, e os cargos publicos como o commissariado, onde lhes podem satisfazer a fome”, segundo o affirma Bourne?

E o segredo para reduzir ao que é patriotico, legitimo e justo a acção inevitavel dos *boss*, entidade fatal desde que as opiniões, e com ellas, as tendencias e objectivos variam, é chamar de parasitaria a classe do funcionalismo civil e militar, menos escrupulosa a justiça, minguada e envilecida a instrucção, farça ou fraude as eleições, proteccionismo exaggerado a taxaço aduaneira, mercenaria a imprensa, administrativos os advogados, nulla a organização do trabalho, atrophiantes os impostos, frequentes as crises economicas e financeiras — males de que as crianças não podem sequer medir a gravidade, e dizer-lhes que



todos elles se remediam com o *saber*, que vem da instrucção, constante e maior cuidado do Imperio, que a Republica minguou e quasi que esqueceu?

Não perguntará a criança, que tiver lido no livro do dr. Afranio Peixoto o capitulo "A Republica", em que s. exa. afirma o dogma de que a America deve ser republicana, não lhe perguntará a criança, que á pagina 175 houver visto apontado pela mão de s. exa. como *honesto e liberal* o governo de d. Pedro II, o qual *assegurou ao Brasil longos annos de paz interna*, apesar da mistura das raças e influencia corruptora do sangue negro, *emquanto caudilhos e oligarchias*, só apparecidos entre nós depois da eliminação da monarchia, *ensanguentavam a America do Sul* — não perguntará a criança, muito natural e logicamente, porque é que não voltaremos ao já experimentado e demonstrado melhor para a gente, que somos, em vez de continuarmos no regimen que s. exa. demonstra ter tornado quasi tudo peor?

E não terá razão em perguntal-o, quando, decorridos vinte e sete annos, em que "a população subiu de 14 a 24 milhões de almas, a renda commercial de 52 a 138 milhões de libras, mais alguma selecção de cultura e mais alguma disciplina forçada de vida social se operou, mais braços civilisadores affluiram graças á lei Miguel Calmon, que de 1907 a 1914 introduziu 928.000 immigrants, isto é, numero superior a 28 o/o do total de um seculo, e, emfim, quando já acudiram muitos elementos e influencias capazes de levarem a termo, na mistura ainda mal feita dos coefficients ethnicos, a fusão que faz um povo forte, são e feliz, o regimen inaugurado a 15 de Novembro de 1889 apenas fez do Brasil uma carta sem endereço?"

Longe de nós entretanto, contradizer o remedio receitado pelo emerito professor, se a instrucção e a educação, que pretende elle em beneficio da nossa terra não é a que o Imperio constante e maiormente cuidava, nem a que encontra amostra no livro de s. exa.

Para o Imperio a escola do povo, a instrucção primaria, nem nos moldes entrou das mais atrazadas instituções de que haja memoria entre os povos assim chamados cultos; a instrucção secundaria foi o que geralmente sa sabe — um obice a vencer para as especialisações do ensino superior; e a instrucção superior, a caça ao diploma para o exercicio de profissões privilegiadas. Nem de admirar é que de tal não passasse, quando o sabio,



que o dr. Afranio Peixoto aclama á pagina 167, erigia em programma do seu interesse pela instrucção "o estudo do hebraico, a conversa com outros sabios, as viagens á Europa, a assistencia a concursos, a visita a bibliothecas e a nomeação de commissões para espiarem — espiarem! — a passagem do planeta Venus pelo disco solar!" — segundo tambem affirma s. exa.

Para o dr. Afranio Peixoto, essa instrucção, a julgal-o pelo seu livro educativo, não é a que construe sobre o principio de que o objecto dos cuidados pedagogicos é o desenvolvimento e nutrição de uma criatura viva; não o de um corpo e um espirito, sim, porém, uma unidade, em que a vida physica evolue para a mental", como já o entendia Platão; não é aquella que, adequando á vida em uma sociedade, — o que é essencial — faz subir a alguma coisa de mais alto a natureza humana."

Sem aqui levantar a cathedra para a lição, em que esse objectivo mais alto da educação ideal, aquella que habilita o individuo a ser algo mais do que *cidadão*, fazendo d'elle um *homem* em toda a extensão da palavra, baste-nos perguntar agora: "Que terá a criança, ao fechar "Minha terra e minha gente" aprendido, que contribua para formação do seu caracter civico?"

Se o lêr de per si, isto é, sem um mestre ao lado, ou alguém, que lhe dê a mão para galgar muitas e muitas ladeiras, nada, absolutamente nada.

Demasia — se o lêr pela mão do mestre, ou de alguém, que lhe vá á ilhargá como cicerone, e, sem escrupulo, explique o que é por vezes esclarecimento precoce.

Desçamos á demonstração.

A' criança, que lê só, o que é que dizem os seguintes trechos:

Pagina 139: "Convem dizer, entretanto, para não tomar palavras como realidades, que não é sómente colonia a região submettida a dependencia politica de outra nação, senão tambem aquella que de outra ou de outras depende, na sua formação ethnica, na sua gestão financeira, nas suas relações economicas, de commercio e industria, e até manifestações impostas ou imitadas de sua vida politica, moral, religiosa, artistica e literaria."

Pag. 227:

"Um povo nunca foi uma grande família ou uma seita immensa, mas sómente uma identidade de espirito manifestada n'uma lingua commum. Não importa a origem, si ha adopção dos que, recebem, e, assimilação dos que são."

recebidos... Uma nação, define Renan, é uma grande solidariedade, constituída pelo conhecimento dos sacrificios feitos dos sacrificios ainda por fazer; resume-se, no presente, em facto concreto: o desejo, o consentimento inequivoco de continuar a vida commum."

A' criança que lê ajudada, nos trechos:

á pagina 154: "Entre a mãe louca, a esposa sem compostura, os filhos mal educados, os ministros sem accordo, D. João VI, se não teye dons brilhantes de agradar, possuía bom senso, clarividencia, tino pratico e qualidades com que nos transformou de atrazada colonia, num esboço promettedor de nação civilisada."

á pagina 222: "Serão intelligentes e avidos, asperos no ganho e desperdiçados na economia, aventureiros e idealistas, como os brancos; serão sentimentaes e servis, deramados em sensualidade e capazes entretanto das provações mais penosas, como os pretos; serão altivos e indolentes, sem saber reagir ás coações affrontosas, como os brasileiros primitivos, qualidades muitas vezes antagonicas, que existem em dous individuos proximos, no mesmo individuo alternativamente, ainda não dependurados e ligados num complexo resumido e compensado dos componentes."

como se ha de explicar sem constrangimento ou sem antecipação perigosa de idéas, que hão de ser opportunamente recebidas, mas quando a sua posse não offereça risco, como se ha de explicar, como, sobretudo, ha de explicar a mestra, o que é "uma esposa sem compostura" ou "derramados em sensualidade" si quizer obedecer á lealdade e verdade devidas ao discipulo, isto é, sem falsear a exemplificação, que concretise e objective a idéa a inculcar, afim de fugir á escabrosidade da explicação completa?

Sem entrar no exame do que é ou não é o estylo do autor, o qual realmente deve preencher todos os requisitos, que constituem direito á entrada na Academia de Letras — simples, nitido, preciso, gracioso e mais virtudes que, em obras de outro genero tenha, é elle no genero didactico, a negação de tudo quanto ha de recommendavel ou desejavel. A intelligencia das crianças é como as suas pernas, que só podem galgar alturas por degraus, que estejam em proporção com as suas dimensões ou funcionamento das suas juntas. Entretanto as proposições ou sentenças — de 8, 10 e mais linhas, predominam sobre as de menos, e apresentam-se cheias de incidencias, nas quaes o fio do sentido principal se enreda, difficultando a comprehensão prompta do sentido total, como, por exemplo, entre centenares, o trecho á pagina 48:

"Camões ainda numa epocha de competencias politicas e religiosas, em que a guerra era feita pela fé ou pelo imperio, emancipou-se, como seu povo, desse horizonte mesquinho de uma humanidade fanatica e cannibal, e escreveu



a epopéa que antecede a civilização moderna, livre, expansiva, industrial, juntando todo o prestígio antigo, do culto da bravura e das tradições, aos valores actuaes, da experiencia do mundo, conhecimento da natureza, relações entre os homens, com que elles se conhecem e se humanisam, aprendem os meios de vencel-a e conseguem os de se dominar."

Que criança é capaz de assimilar o que quer dizer esta tirada, que lhe não cabe no folego, compreendendo cada uma das idéas, que a compõem, e compreendendo o sentido total, que a sua relação deve exprimir? Quasi que se nos não dá de apostar, que o proprio autor, lendo esse trecho, seria, a livro fechado, incapaz de repetir-lhe o conteúdo, como nós aqui, com toda a inteireza e sem nenhum constrangimento, confessamos que o não fizemos.

Grande parte da difficuldade de apprehensão procede, sem duvida, de que as questões assim tratadas estão fora do alcance da intelligencia de crianças: mas a isso accresce que a estrutura da expressão, tornando-se demasiado complexa, exige uma tensão muito superior á que se pode esperar de um espirito ainda sem energia para a supportar.

Não são raras, de outro lado, as impropriedades de termos e as incorrecções grammaticaes, que se encontram e podem viciar o manejo da lingua, dado o espirito de imitação característico nas crianças.

Da impropriedade de termos são exemplos:

Pagina 96: "França verdadeira, em opposição a França antartica;"

pagina 127: "documentos que lhes interessam, por em que são interessados, ou que lhes dizem respeito;"

pagina 138: "pronunciar o grito;"

pagina 180: "responsavel por beneficios;"

pagina 222: povo voluntarioso;"

pagina 225: "perguntar esta phrase,

entre outras.

Das incorrecções grammaticaes:

a) graphicas — Vesinho, por visinho, pagina 12 e **passim**; quase, por quasi, pagina 53 e **passim**; cathegoria, por categoria, pagina 130; dissencções, por dissensões, pagina 136; detritos por detricitos, pagina 192; discrição, por discreção, pagina 223; etc; das quaes algumas são cacographias autorisadas em Portugal;

b) syntacticas — Era a certeza de que a esperança lhe enganava, por "o enganava" pagina 36; entestar a Serra Leoa por "com", a pagina citada; aspirar "o" monopolio, por "ao", pagina 39; aperfeiçãoando-o "a" todos os fins de uma boa expressão, por "para", página 67; enganavam aos pobres caboclos, por "os", pagina 88; "se" foi emergindo, por foi emergindo, pagina 192, entre varias outras.

Não raro mesmo a inobservancia dos preceitos grammaticaeas na correlação de antecedente e consequente torna o sentido amphibologico ou obscuro;

pagina 221: "Considere-se que a indigena, embora o seu pequeno contingente, é representada pela terra, isto é, o **meio physico**, cujo reflexo vivo representava, o **qual** continua a actuar nos descendentes das outras raças, para effeito semelhante."

As concordancias forçadas concorrem tambem para tornar a apprehensão difficil em outros casos:

pagina 51: "E' que a **Europa**, visinha da Asia, proxima da Africa, **mal communicadas** entre si e **desconhecidas portanto** umas das outras, já se não **contentavam** com os arduos incertos senão muitas vezes impossiveis caminhos terrestres; já não se **bastavam** nas suas ambições e necessidades, etc.

Outras vezes, por deficiencia de tudo, que mais parece culpa de typographo que do autor, só adivinhando é que é possivel comprehender o que o texto não exprime:

pagina 201: "As industrias extractivas e agricolas e a pecuaria, constituem, pois que nos sobram terras fartas e campos gordos, o forte da riqueza do Brasil: oiro, diamante, cobre e ferro das suas minas, madeiras de lei para construção e marcenaria, das suas florestas; borracha dos seringaes infinidos da Amazonia; café, fumo, algodão, assucar, arroz das plantações, por toda a parte distribuidos segundo as preferencias de terreno; charqueadas, carne frigorificada, lacticinios, de suas criações; — estaria com que, systematica e scientificamente explorados, enriquecer o paiz mais ambicioso."

Nem mais é preciso para ficar evidente que á boa intenção do dr. Afranio Peixoto não correspondeu o exito do seu emprehendimento; e, quando elle sincera e francamente confessa que no livro ora publicado "teria realisado a sua mais alta ambição litteraria por diminuto resultado que lograsse,, peza-nos, tambem sincera e francamente o declararmos, dizer que a sua nobre esperança se mallogrou, o que o põe na obrigação de envidar todos os esforços do seu grande talento e operosissima actividade na elaboração de outro que corresponda aos elevados intuitos, que lhe dictaram o aqui condemnado.

(Continúa)

JOÃO KOPKE



POESIA

SONETOS A HELENA

I

*Muita vez, com a ardente fantasia,
por mercê do alto Homero venerando,
séculos e millenios dominando,
vivi na Grecia antiga noite e dia.*

*Lá, no primevo mundo, que esplendia,
de Heroes e Numes, um só vulto, brando
e augusto — a grande Helena — ia eu buscando.
Mas a Divina sempre me fugia.*

*Desde então, a mais de uma formosura
mortal (quasi illudindo a minha pena)
dei o nome da excelsa Creatura.*

*Certo — pensava — ella visão terrena
não será mais... E errava a mente escura.
Deuses! homens! eu vi, eu vejo Helena!*



II

*Helena eu vejo: bella como outr'ora,
de uma belleza intacta e soberana,
dessa — carnal e ideal — que não engana
olhos que a escutam, coração que a adora.*

*Sim; é a mesma, de fama ampla e canora,
cujo prestigio o tempo não profana;
eil-a resurge em nova aurora humana,
e o ceu, revendo-a, um seu sorriso implora...*

*Mas, se equal vem na venustez sublime
do aspecto, outra, mais pura e luminosa,
alma em seus gestos de bondade exprime.*

*Já hirta, fria, o excidio atroz não gosa,
nem traz por seu cortejo a Guerra e o Crime...
Persignou Christo a fronte da Amorosa.*

III

*Ella, que as eras doma airosa e altiva,
dobra-se ao jugo da piedade santa:
não da piedade van, que psalms canta
inoperosa, e aos miseros se esquiva;*

*bem é, a sua, perpétua fonte viva
de graça e força, prodigiosa planta,
que pão e rosas dá, que ao ceu levanta
seu tronco, e mimos tem de sensitiva...*

*Assim, mais rara e mais preciosa é a chamma
que em torno a um só dilecto ella condensa,
em torno ao homem que escolheu e que ama.*

*Seu coração, como cratera immensa,
candentes lavas de paixão derrama...
No dom de amar não ha mulher que a vença!*

IV

*Amou-te Fausto em extase de gloria,
suprema Flor do eterno Feminino!
mas quando quiz teu vulto alabastrino
cingir, possuir, num esto de victoria,*

*sumiu-se-lhe a visão, como illusoria
nuvem no azul a um vento repentino;
nas mãos um véu só lhe ficou, e um hymno
nos labios, e uma imagem na memoria!*

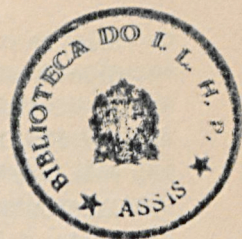
*Cahe a meus olhos a roupagem tua;
triumphas no fulgor das bellas linhas,
mais que o Sol loura e branca mais que a Lua!*

*Não foges... a encontrar-me te encaminhas...
Conduz-te Amor, Amor te entrega nua...
Não! tanta luz nem no meu sonho tinhas!*

CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO.

(Do livro, em via de impressão, *Vida e Sonho*).





FACTOS E IDEAS

RONDONIA

Na primeira das prelecções que fiz em Dezembro proximo passado no Museu Nacional, depois de apontar as principaes characteristics da obra gigantesca da Commissão de Linhas Telegraphicas, no extremo Oeste Brasileiro, propuz que se nomeasse — *Rondonia* — a extensa faixa de terra que Rondon descobriu, palmilhou e começou a civilisar.

A idéa, logo acceita, depois, quando a divulgaram, ainda foi mais apoiada; corresponde a uma necessidade pratica e representa a mais distincta e perenne das homenagens que o Brasil poderia, hoje, prestar a seu filho.

Porque, effectivamente, a somma de aquisições novas, em sciencia, realisadas nas terras da Rondonia, é tão grande, que um nome geral para a região se tornou indispensavel, mórmente pelos caracteres individuaes de muitos dos factos agora postos em destaque pelos estudos effectuados sobre os dados e sobre o material que devemos á notavel Commissão.

*
* *

No continente africano onde, como na America, foi modernamente possivel descobrir territorios, já existe a *Rhodesia*, que pertence á Inglaterra e occupa cerca de 1.058.000 k2. na bacia do rio Zambéze. *Rhodesia* tem como epónimo o colonizador Cecil Rhodes, que os inglezes chamaram Napoleão do Sul da Africa... *et pour cause*. No Brasil, desde 1868, ha um vasto territorio que os bons geographos deveriam sempre conservar nos



mappas com o nome de *Pinsonia*, conforme a proposta de Candido Mendes.

Primitivamente esse territorio recebêra outra designação.

Em 1853 Candido Mendes era deputado. E, preocupado com o estado de abandono em que se achava o territorio da Amazonia comprehendido entre o grande rio ao Sul, o Oceano a Leste, o Nhamundá a Oeste, e ao Norte os limites do Brasil (serra de Tumucumac e rio Oyapoc), formulou um projecto de lei que o elevava a cathogoria de provincia, sob o nome de *Oyapockia*. A capital da circumscripção projectada seria a villa de Macapá.

Pinsonia, conforme a corrigenda do seu patrono, feita em homenagem ao navegante hespanhol que, em Janeiro de 1500, depois de Hojeda e antes de Cabral, avistou as nossas costas, correspondia tambem a uma necessidade. Tanto assim que, em outras occasiões, recebeu designações particulares; foi chamada *Guiana Portuguesa*, e o velho Ayres do Casal baptisou-a, sacerdote que era, — *Guiana Brasileira*.

* * *

O padre Ayres comprehendeu melhor que outro qualquer a vantagem dessas denominações regionaes para um paiz de tão dilatados territorios. Variando os limites politicos de um tempo para outro, a denominação geographica permittirá sempre aos estudiosos ligar entre si sectores de terra primitivamente unidos pelos mesmos laços sociaes, ou *anteriormente* separados. Ayres do Casal esboçou, assim, a *Mundurucânia*, a *Bôrônia*, e outras provincias, cujos nomes tirou das populações primitivas existentes em cada qual.

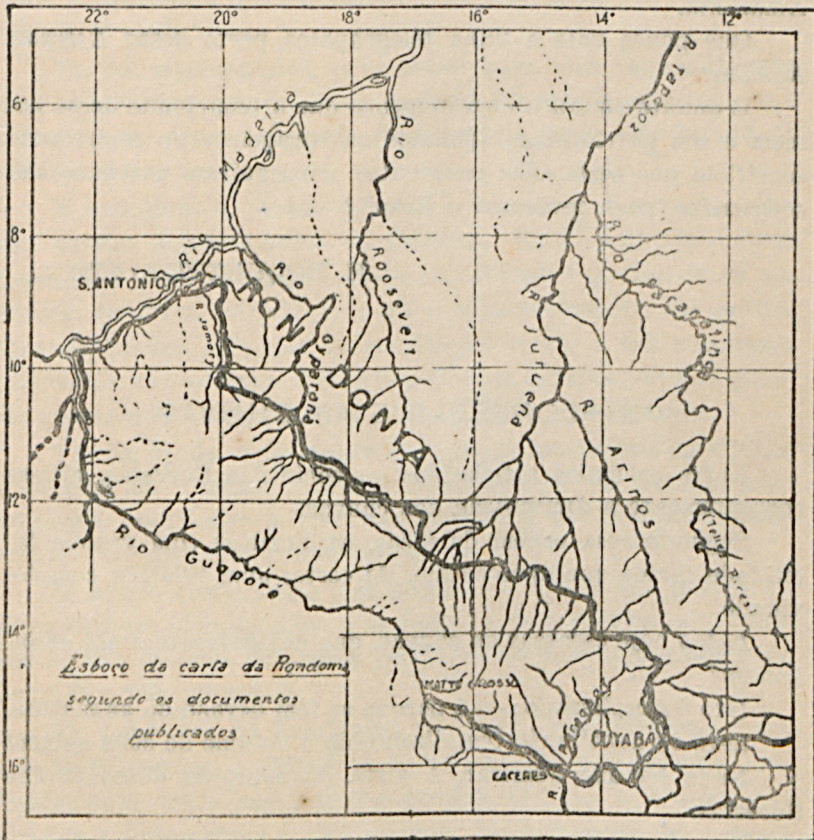
* * *

Rondonia — pois, não deverá irritar o espirito conservador dos nossos geographos.

E' uma homenagem que a sciencia não poderá recusar por ser impropria, visto como se apoia nas nossas melhores tradições.



Si tivéssemos de marcar a Rondonia, de um modo preciso e absoluto, para fins politicos, sem duvida encontrar-nos-iamos embaraçados, por enquanto. Mas, em summa, dentro dos seus limites, ella abrange toda a larga faixa de terra cortada pela linha telegraphica Cuiabá-S. Antonio, e os valles dos rios que ahi nascem. Juruena e Madeira são seus lindos extremos, con-



forme o esboço cartographico aqui posto. Entre esses rios a Rondonia desdobra as suas maravilhas.

Ha, por toda esta fita de terra, hoje, postos telegraphicos, invernadas; mas, além disso, existem por alli afóra numerosos nucleos de população sertaneja, oriundos da Commissão Rondon, vivendo em paz com os Indios, trabalhando em calma.

Surgem, ás vezes, attritos. Rompe-se o equilibrio social ainda mal seguro; é um conflicto pessoal. Sempre, um caso local. A colonisação sertaneja continua. São villas e cidades em processo de incubação. Todas á beira da magnifica estrada de rodagem que acompanha a linha telegraphica, ao longo de milheiros de kilometros; por ellas hão de passar as boiadas que os campos de Goyaz e Matto Grosso mandarão aos seringaes da Amazonia.

Que pouco vale a linha telegraphica perto dessa *Estrada Rondon!*

E quanto valerá o laço immenso que a tenacidade desse homem e seu patriotismo, apoiados na coragem e no espirito de sacrificio dos sertanejos resistentes, conseguiram estender sob o Cruzeiro, para revigorar o Brasil?

E. ROQUETTE-PINTO.

AS FLORESTAS E AS CHUVAS

Entre os males attribuidos ao corte das florestas, cita-se correntemente a diminuição das chuvas.

Segundo essa ordem de idéas, explicam-se com grande facilidade factos que apresentam, de certo, uma relativa complexidade.

Estão hoje escassas as chuvas, que antigamente eram abundantes?

Isto é simplissimo: — é porque se têm devastado as mattas.

Este ou aquelle rio tem diminuido o volume de suas aguas?

Nada ha que admirar, á vista do estúpido desbaste das florestas.

Esta ou aquella lagôa se deseca?

Que ha nisso de estranho, uma vez que se sabe terem sido abatidas as mattas das visinhanças!

Acham, assim, uma relação insophismavel, evidente, entre a floresta e a chuva, e consideram esta ultima como um corollario daquella.

A chuva, no entender desses, é, pois, uma consequencia da floresta; e como a humidade do solo depende principalmente



da chuva, deixando de lado, por exemplo, a influencia do orvalho, concluem que as nossas terras se tornam seccas por causa do desaparecimento das mattas.

A humidade do solo é, pois, para os que vêm os factos desse modo, uma resultante da acção da floresta.

Esquecem-se, entretanto, de que se pode fazer esta indagação: — O deserto é arido por não ter matta, ou não tem matta porque é arido?

Parece incontestavel, pelo menos para mim, que o deserto não tem arvores porque é secco, visto ser essencial, para o apparecimento dessa categoria de vegetaes, ter o solo humidade sufficiente.

A humidade é, portanto, como o mostra a observação, uma das causas determinantes da floresta. Está claro que outras condições, entre as quaes se deve mencionar a qualidade ou natureza da terra, influiram para o apparecimento da matta. Quanto, porém, ao papel da humidade, vemos a sua manifesta influencia nas margens dos cursos d'agua, orlados, mesmo quando atravessam campos aridos, de vegetação arborescente.

Vemos, ainda, a tendencia que têm as pastagens artificiaes e abertas em terrenos cobertos anteriormente de mattas, para voltarem novamente á floresta, invadidos que são, constantemente, de vegetação arborescente.

E' muito conhecida a necessidade da *limpa dos pastos*. Si estes ficarem abandonados a si mesmos, se tornarão em capoeiras no fim de mais ou menos tempo, salvo si o esgotamento da terra já o não permittir.

As condições de humidade, portanto, que influiram para o apparecimento da primitiva matta, não se modificaram profundamente, tanto que a matta voltará de novo, si o corte das plantas arborescentes o não impedir, ou por outra, si o pasto não fôr limpo de tempos em tempos.

A humidade da terra é, como se vê, nesse caso das pastagens, não uma consequencia da arvore, porém, sim, uma das condições do apparecimento desta.

Porque, então, dizer que quando se corta a arvore, desaparece a humidade do solo?

Porque affirmar que a arvore é a causa dessa humidade?



A arvore é, bem ao contrario, uma consequencia da terra humida e carregada de principios nutritivos em condições de poderem alimentar grandes organismos vegetaes.

São, portanto, os dous factores de maior importancia no apparecimento da floresta: a natureza do solo e o gráo de humidade deste.

Conheço no valle do rio das Velhas, mattas estabelecidas em terreno que numa certa época do anno, se torna completamente secco. A vegetação, porém, não se faz ahi de modo continuo. As arvores perdem as folhas e paralytam o seu crescimento durante esse periodo de sequidão, para o recommencarem na estação humida seguinte.

Si a arvore é, pois, o factor determinante da humidade do solo, porque, então, se torna este ahi completamente secco?

Posso citar em condições identicas, os cerradões que se estendem entre Vargem da Palma e o sopé da serra do Cabral, no valle do rio das Velhas, e mattas das vizinhanças de Natividade, na bacia do rio Doce.

Vê-se, pois, bem claramente, que determinadas condições de solo e de humidade promoveram em certa occasião, o apparecimento de plantas arborescentes, cuja vegetação porém, cessa logo que ha falta de humidade, para recommencar novamente quando esta existe em gráo que lhes é propicio. Esses periodos de plena vegetação, que se alternam intermitentemente com outros de paralygação completa, dão em resultado, como é claro, sobre os terrenos precedentemente citados, o estabelecimento da matta ou cobertura onde predominam as plantas arborescentes.

Não é a arvore, portanto, a causa da manutenção da humidade do solo, como affirmam os propagandistas dessa doutrina, pois que os exemplos que citei, mostram que o solo de algumas florestas têm quasi tanta sêde como o dos desertos.

A matta, coitada, soffre as consequencias dessa sêde da terra que a supporta, cessando a sua vegetação.

Não sei como poderão explicar esses factos aquelles que sustentam ser a matta para o solo uma especie de *mãe d'agua*.

Por outro lado, posso citar campos limpos em que a humidade é abundantissima — taes são os das serras do Cipó, da Mantiqueira, do Cabral, de Ibitipóca, de Diamantina, e de outras muitas; taes são os chusqueaes da serra do Caparáo.



Nessas serras a agua existe por toda a parte, abundante, saborosa; e entretanto, a arvore ahi apparece como excepção — o capim e a vegetação de pequeno porte são os donos da terra.

De Vargem da Palma á serra do Cabral, em um percurso de 7 leguas, é o rio das Velhas o unico curso d'agua que se atravessa quando se faz essa viagem de Maio a Setembro; todos os outros estão nessa época *cortados*, isto é, apresentam apenas de espaço a espaço em seu leito deseccado, pequenas poças d'agua; ao passo que nos campos do alto da serra, os cursos d'agua que ahi existem, são perennes, não havendo noticia de terem *cortado* mesmo nos annos de mais rigorosa secca.

O contraste, como se vê, é ahi formidavel: — no terreno coberto de arvores — a sequidão absoluta, a aridez desoladora; no terreno desarborizado do alto, no campo onde raramente se encontra um pequeno grupo de arvores — os cursos perennes, abundantes.

Como se poderá ainda affirmar que o desapparecimento das arvores occasiona consequentemente o desapparecimento das aguas e que uma terra se torna secca por não ter arvores?

Nas mattas de uma grande parte da bacia do rio Doce, é facto muito sabido e eu mesmo o verifiquei, quasi todos os cursos d'agua *cortam* de Maio a Setembro. Nessa região, coberta toda ella de espessas mattas, a agua é escassissima. Os moradores que ahi enfrentam os azares da sorte, cavam cacimbas ou cisternas, donde retiram a agua para as suas mais prementes necessidades.

Uma estrada de 8 leguas, ligando Penha á Natividade e aberta toda ella dentro da matta, teve de ser abandonada porque não atravessava sequer um curso d'agua que não *cortasse* no tempo da secca, não apresentando, assim, ao menos um bebedouro para os animaes que por ella transitavam.

Em uma medição de terras realisada não ha muito tempo, na margem esquerda do rio Doce e que abrangeu alguns milhares de hectares, não se encontrou ao menos um curso d'agua, apezar de se haver penetrado algumas dezenas de kilometros na matta virgem. A agua destinada ao abastecimento do pessoal da turma de medição, era levada do proprio rio Doce.

Como poderão explicar os apregoadores da doutrina que eu aqui estou combatendo, essa immensa floresta em solo completamente secco?



Si a floresta é que traz a agua, porque falta esta na extensa região a que me refiro?

E', evidentemente, falsa a doutrina de ser a floresta a causa unica da humidade do solo, pois que os factos que citei e que podem ser observados por quem se dér ao trabalho de fazer um passeio aos logares precedentemente citados, o demonstram cabalmente.

Fique, portanto, bem positivada aqui mais essa prova de que os cursos d'agua não dependem das mattas: — nos extensos campos altos das serras mineiras, os numerosos cursos que nunca deixaram de ter agua, mesmo na estiagem dos annos de secca mais rigorosa; nos terrenos cobertos de matta em extensão consideravel, sendo de notar que ás vezes é a propria matta virgem, gigantesca e bella, como o são as da bacia do rio Doce, cursos que apenas têm agua na estação chuvosa, cursos que *cortam* e que recebem o nome de "valla".

A valla é o leito do correjo cujas aguas normalmente desaparecem em uma certa época do anno — em geral de Maio a Setembro.

Ha vallas de enorme desenvolvimento, tendo dezenas de kilometros, como a do Travessão, que desempenhou importante papel na questão de limites entre Minas e o Espirito Santo.

As vallas ou drenos naturaes que sulcam o sólo florestal em tão grandes extensões, não recebem, portanto, uma gota d'agua em outra época que não a chuvosa.

Enganam-se positivamente, como estamos vendo, os que imaginam que a floresta attrae a agua para o solo ou mesmo a retém ali, pois que esses exemplos das mattas do rio Doce annullam de modo inilludivel, essa phantasia de ser a floresta o chamariz da agua corrente.

Em completo desaccordo com essa pretensa propriedade da floresta como creadora ou garantidora dos cursos d'agua, convem citar aqui alguns factos interessantes que me foram referidos pelo dr. Clemente de Faria, residente em Fortaleza, norte de Minas.

Quando os fazendeiros daquella zona desejam obter agua corrente ou augmentar a já existente, mandam destruir as mattas das nascentes, alcançando, com a maxima regularidade, o que tinham em vista.



Conta-nos a mesma cousa o sr. Manoel Apollo em artigos por elle publicados no "Diario de Minas", de Bello Horizonte.

Esses factos narrados pelos dous illustres mineiros, devem desnortear completamente os pregadores da theoria que ensina não haver agua corrente sem floresta, ou por outra, ser devido á devastação das mattas a diminuição de volume ou mesmo o desaparecimento de alguns cursos d'agua.

Não desejo aqui entrar na explicação desses factos; citos tão somente para mostrar que a floresta não é a portadora directa ou indirecta da agua das fontes.

A matta tem um valor real, incontestavel — é produzir madeira para a satisfação das diversas necessidades humanas; além disso, tem tambem um valor secundario e relativo á agricultura — prepara, natural e lentamente a terra fertil pela camada de humus resultante dos destroços de vegetação — folhas, flores, etc.

Todas as outras qualidades apreciaveis e tão proclamadas da matta ou são discutiveis ou são de pequena importancia.

O seu papel sob o ponto de vista hygienico não é menos problematico do que outras qualidades uteis cuja existencia não sahiu por emquanto, do dominio da pura phantasia. E' bem sabido, com effeito, que o ar que se respira sob a matta densa, devido justamente á espessa camada de restos organicos em decomposição, é portador de germens perniciosos causadores das tão conhecidas e temidas febres que constituem o espantallo para quem tem necessidade de se internar na floresta virgem.

Quando necessitamos de retemperar o organismo, empregando tão somente a cura de ar, não vamos procurar as florestas virgens e espessas, porém, sim, os campos limpos onde o ar é expurgado de germens virulentos.

A propria função chlorophylliana, que não é, seja dito de passagem, privativa das arvores, existindo, como se sabe, em todo o vegetal dotado de chlorophylla, não tem importancia capital na manutenção das condições de nossa vida, pois que já se apurou que si se queimasse todo o carbono existente na Terra e si os vegetaes deixassem de restituir o oxigenio á atmosphera, a população humana do globo poderia viver ainda muitos milhares de annos, utilizando o oxigenio armazenado na atmosphera e sem correr os riscos de asphyxia.



Ninguem mais do que eu respeita a arvore; acho-a majestosa; amo-a; extasio-me contemplando a floresta; venero-a tambem.

Tudo isso, porém, não me fará encher na matta qualidades ou virtudes que ella não possue.

Como no nosso paiz é costume attribuirem-se aos governos todos os males que nos perseguem, clama-se por um codigo florestal onde se achem medidas que impeçam o corte das mattas, afim de nos salvar da morte pela sêde. O codigo florestal será o guarda possante de nossas fontes e o portador das precipitações atmosphericas em abundancia sufficiente para trazer ao nosso espirito a desejada tranquillidade.

E assim, trata-se de elaborar um codigo florestal para rehabilitar as nossas fontes por meio de chuvas que, desde então, ficam tambem sujeitas e não poderão mais desaparecer.

E' sempre o mytho da tutela official a nos resguardar dos males ou a nos encher de infelicidades.

Poderá ser util o codigo florestal no sentido de promover a exploração mais parcimoniosa de nossas florestas, impedindo desperdicios evitaveis e prejudiciaes, si é que elle a isso se proponha. Quanto porém, á prohibição do corte das mattas com o fim de impedir a diminuição das chuvas e o consequente decrescimento dos nossos cursos d'agua, é bem provavel que não passe do papel essa aspiração da lei, visto que a Natureza pouco se encommoda com os decretos humanos.

Em vez de se fazer a propaganda demagogica da indestrutibilidade da matta, inventando para ella uma virtude hyetogenica que ella não possue e não tem valor justamente por não ser provada, será mais logico dizer-se que a floresta representa uma riqueza que so tem valor real depois de ser ella abatida, porque o seu valor é a madeira e para ter madeira é necessario abater a arvore.

Recommendar que não se toque na floresta é exigir que se guardem como reliquias as nossas jazidas mineraes; é prohibir que se abata o gado em beneficio de nossa alimentação; é não permittir, emfim, que se anniquile qualquer riqueza, natural em proveito de nosso bem estar.

Tudo isso póde ser muito sentimental, porém nada tem, absolutamente, de pratico.



De que modo poderemos, com effeito, obter madeira sem ser abatendo a arvore, sem ser devastando as mattas?

Mais logico será ensinar que deveremos plantar arvores para colher madeira, do mesmo modo que se prepara o milharal para a colheita do milho.

Justamente por ser a matta necessaria, não para garantir a estabilidade das fontes, nem para purificar o ar, porém sim, para fornecer madeira — esse elemento de que o homem não pôde prescindir, deveremos fazer esforços para que seja bem comprehendida a necessidade do plantio das arvores para serem opportunamente cortadas.

Essa é que parece ser a orientação mais de accôrdo com os nossos interesses reaes.

Propagar nas escolas o amor á arvore será tambem uma medida de grande alcance economico, si se fizer que o alumno comprehenda a arvore não como uma reliquia para adoração apenas, porém sim, como uma cousa de valor industrial. E' preciso fazer o alumno comprehender que precisamos é de madeira e não de idolos vegetaes sob a forma de arvores; precisamos é da arvore abatida e esquatejada, e não da arvore em pé e cheia de vida.

Neste ultimo estado tem a arvore, sob o ponto de vista florestal, uma utilidade quasi nulla quando comparada á que ella nos apresenta depois de morta.

São verdades que eu bem sei não estarem muito de accôrdo com uma certa doutrina que, dominada por um platonismo inutilissimo, ensina a considerar a arvore como um verdadeiro idolo em que não se deve tocar e faz cahir o anathema sobre todo aquelle que a derribar, estabelecendo, assim, um fetichismo sem o menor proveito real.

Ninguém deve desejar, está visto, o corte da floresta por mero vandalismo, sem um fim justificavel; mas tambem é claro que tentar impedir a devastação das mattas, é proclamar que não necessitamos da madeira para cousa alguma — o que parece só poder ser asseverado por quem não tenha senso.

Todas essas incongruencias, entretanto, originam-se da falsa lei estabelecida — especie de crendice — sobre o papel da floresta como garantidora das chuvas e protectora dos mananciaes.



Que as aguas diminuem na Terra, parece fóra de duvida, a julgar pelos ensinamentos da Geologia, que nos diz ter havido na época paleozoica, por exemplo, chuvas torrencias e persistentes, occasionadoras dos immensos depositos de vegetaes mais tarde em hulha, e até mesmo na época quaternaria as formidaveis chuvas diluvianas cujas torrentes excavaram os valles e deram á face da Terra mais ou menos o seu aspecto actual.

Segundo a opinião da maioria dos geologos, a agua diminue e ha-de mesmo desaparecer da Terra, que, então, se tornará como é hoje a lua.

Entretanto, para impedir esse phenomeno fatal segundo a Geologia, superior á vontade humana, acha-se que é bastante prohibir o corte das mattas; acha-se que a acção governamental, si o quizer, com um simples decreto promulgando um codigo, revogará essas leis naturaes, inflexiveis e pouco favoraveis no caso, a nossa tranquillidade.

Phenomeno complexo como esse das chuvas cujas causas ainda não estão totalmente conhecidas, não póde, diz-nos o bom senso, depender de cousa tão simples como esta — do corte ou da conservação das mattas.

Sabe-se, por exemplo, que os ventos e os accidentes orographicos influem de facto, na producção do phenomeno; ha, entretanto, outras causas que não se conhecem. Assim, ninguem sabe, por exemplo, porque um anno é mais chuvoso que outro.

Tivemos agora, este anno, uma prova de que as mattas ainda não influiram de modo muito pernicioso na producção das chuvas, pois foram estas tão abundantes que chegaram os cren-tes a fazer promessas para que ellas cessassem.

De sorte que a devastação das mattas servirá apenas como causa da falta de chuvas nos annos bastante seccos. Para explicar a abundancia desse meteoro nos annos como o actual, será preciso, evidentemente, imaginar que as florestas se tenham magica e rapidamente reconstituido.

Só assim poderiamos ter tamanha abundancia de chuvas, visto que, quando estas escasseiam, é isto devido á falta de florestas.

A propria Meteorologia nada conhece, ao certo, sobre a causa dessas variações das quantidades de chuvas de anno para



anno. Suppõem alguns meteorologistas ser o phenomeno relacionado com a extensão das manchas solares, e isto, francamente, parece muito razoavel, sabendo-se que os annos chuvosos se reproduzem mais ou menos de 10 em 10 annos, seguindo approximadamente as variações das manchas do sol.

Nestes ultimos tempos, parece que os annos chuvosos são os terminados em 6. Em 1896 houve fortes temporaes que occasionaram grandes damnos, impediram o trafego das estradas de ferro, etc.

Em 1906 houve tambem inundações fóra do commum — no rio S. Francisco varias povoações, entre as quaes se póde citar a cidade de Joaseiro, tiveram ruas inteiras destruidas pela enchente pavorosa.

Em 1916 tem sido tal a quantidade de chuvas que se chegou a recorrer ao poder divino para a sua cessação.

E' natural que em 1926 se reproduza o phenomeno, si fór, de facto, essa a lei que elle obedece — lei resultante de causas complexas, algumas das quaes ainda ignoradas.

Vê-se, portanto, que não passa de pura credence essa doutrina que tem adquirido ares de sciencia e que attribue ás mattas uma influencia manifesta sobre a produção das chuvas. Nada mais representa do que mera phantasia.

Como a utilidade real, incontestada, evidente, da matta é produzir madeira, o que urge é que nos esforcemos todos para que sejam plantadas arvores florestaes e se cubram de florestas as grande extensões onde a arvore póde viver.

Precisamos é encarar seriamente e com firmeza essa questão da reconstituição das mattas, para o provimento das nossas necessidades.

E para resolver tudo isso, precisamos muito mais de boas escolas onde se dêm exemplos praticos do cultivo das arvores destinadas á produção de madeira, do que fazer essa recommendação platonica de não abater as mattas; ser-nos-á muito mais util a instituição de centros de silvicultura, do que a decretação de codigos florestaes.

Bello Horizonte — 1916.

ALVARO DA SILVEIRA.



ASSIMILAÇÃO DO IMMIGRANTE

Ha cerca de dez annos escreviamos na “Kosmos”, do Rio de Janeiro, sobre a “Assimilação do immigrante”.

Denunciavamos então, como em certos recantos do paiz existem elementos que resistem deliberadamente á assimilação, e faziamos um appello para que se cultivasse com mais carinho tudo o que tendesse a tornar mais patente, mais firme, mais respeitada, mais efficiente, essa força de assimilação que distingue os povos viris.

Lendo agora o artigo programma da “Revista do Brasil”, vêmos com prazer, que ha muitos pontos de contacto com as idéas que esposamos, e que já temos defendido por varias vezes.

Guardemo-nos, entretanto, de pôr demasiada emphase sobre — o sangue e a tradição. — Dum sangue foram feitas todas as nações, e ha tradições más e ha tradições boas. Roma teve o imperio do mundo de então; mas, cahiu logo que enveredou pelo caminho da immoralidade, do vicio, da dissolução. Igual sorte têm tido, e terão, as nações que escolheram a porta larga e facil que guia á perdição.

— Sangue e character — é ainda um problema a estudar para os que não querem render-se á evidencia. Este thema tem entrado nas cogitações de sabios e pensadores. Mantegazza, no seu livro “Characteres Humanos”, nos dá illustrações vividas, convincentes, verdadeiros factos observados numa viagem que fez á Irlanda, chegando á conclusão que são “as immundicies moraes” que degradam uma raça, seja qual fôr o sangue que lhe corra nas veias!

O nosso inolvidavel Nabuco, discursando na Universidade de Chicago, disse que “devemos augmentar a capacidade assimiladora do organismo latino.” Para isso, é imprescindivel, antes de tudo, cuidar do nosso character. Primeiro que nossa sciencia, que nossa posição, que nossos direitos, é innegavelmente — esse conjuncto de virtudes, de energias, que surgem duma consciencia honesta e sã, que hão de impressionar positivamente, não só o estrangeiro, o immigrante, mas todos os que conosco tiverem contacto. Será em vão edificar sobre outra base. Salvas as naturaes e honrosas excepções, temos que começar por uma obra de saneamento. E’ mister varrer “in primo loco”, as “immundicies moraes”. Assim fazendo, descobriremos o fundo de



males e deficiencias que procuramos remediar, e teremos successo em nossa campanha.

Wagner, o extraordinario pensador francez, disse algures:

“Quando se faz abstracção do fundo de tudo o que se não vê, faz-se abstracção precisamente do que elle tem de mais real nas realidades e na vida humana. Para o homem em particular, o centro moral é a fonte de tudo; é em ti, é em vós, é em mim, que tudo o que nos diz respeito, germina e começa. O proprio mundo exterior que se reflecte em nós, tem por medida o nosso proprio espirito. Tal homem és tu, tal universo tu reflectes. E’ do teu fundo limpo ou desasseado, que vêm todas as manifestações da tua acção exterior.”

Ao lançar, pois, as bases duma campanha nacionalista, deve-se levar em linha de conta, todos os factores que lhe possam assegurar o mais pleno successo. Confessamos francamente que nossa fé em certas medidas, em certos reactivos, lembrados em fórma de appellos, é devéras muito fraca. O appello póde ter o seu valor relativo; mas, nunca substituirá uma educação moral systematica, nunca poderá echoar, com toda a sua força, onde não ha um sólo preparado, uma base de character são, temperado em doutrinas que influam positivamente na vida do individuo.

Ha, entre nós, uma idéa que tem gerado desfallecimentos e que tem trazido muitas desillusões. Nasce ella da emphase exaggerada que damos ao passado, que emprestamos á tradição e que conferimos aos nossos antepassados. A’ primeira vista, parece uma irreverencia falarmos assim; mas, não percamos a calma, ponderemos.

Do passado, da tradição, devemos apenas aproveitar o que é são. Uma cidade póde ter uma tradição, um passado, immundos, ter sido falha de limpeza, de hygiene, ter sido mesmo um fóco de miasmas, de doenças. Um paiz póde ter um passado e uma tradição de analphabetismo, de ignorancia, de desleixo, de indifferentismo.

Cabe-nos conservar tal passado e tal tradição?

Por outro lado, como disse alguem maior do que nós: “Trita-se de ser os continuadores de nossos paes, e não seus servis “repetidores”. Devemos reparar-lhes as injustiças e não perpetual-as por não sei que fetichismo da saudade. Para edificar com o trabalho do passado e do presente a cidade do futuro,



não é sufficiente construir os tumulos dos prophetas, é preciso seguir suas pégadas pelas obras vivas e fazer reflorescer melhor em nossa alma o melhor do passado.”

Num escripto como este, em que apenas expendemos nossas idéas geraes sobre o momentoso assumpto da — Assimilação do Immigrante — e apontamos a verdadeira base em que deve assentar nossa — força de assimilar, — é certo, não podemos estudar mais de perto a questão, referir-nos por exemplo, com mais vagar, á obra do professor Ross da Universidade de Wisconsin, (*The Old World in the New*) em que elle trata magistralmente do nosso thema. Por ora, ao applaudir a campanha que esta sympathica Revista vae iniciando, só desejamos aos seus dignos directores — clara visão e firme perseverança em sua ardua, mas gloriosa tarefa, repetindo aqui o que já escrevemos algures, tratando da “Inercia das classes cultas”:

“Não raro, a grande culpa duma absorpção de influencia, de poder, de salutaes reformas, por elementos retrogrados, cabe exclusivamente á inercia das classes cultas do Paiz, que vão paulatinamente abdicando de suas prerogativas, descuidando de seus deveres e deixando de promover uma renascença intellectual e espirital.”

Rio Grande, Abril 1916.

FRED. G. SCHMIDT.



RESENHA DO MEZ

EMILIO FAGUET

O fallecimento de Emilio Faguet, cuja noticia nos veiu ha dias pelo telegrapho, rouba á França o seu critico mais conhecido e popular. Outros haverá de mais profundez ou de um talento artistico mais accentuado; nenhum, porém, com uma tão facil, tão clara e tão extensa faculdade de analyse. Sem ser um critico de systema, como Taine ou Hennequin, ou um critico impressionista como Lemaitre ou Anatole e sem ter a rigidez de um Scherer, a sua opinião era sempre interessante porque era sempre intelligente e expressiva. O seu processo de exame das obras e dos escriptores lembrará um pouco o de Sainte-Beuve, com a differença de que Sainte-Beuve, sensível e indiscreto, se comprazia na decomposição dos sentimentos mais intimos dos personagens, sobretudo quando os personagens eram do outro sexo, aliando para um plano secundario o estudo das suas idéas. Faguet, mais frio e mais reservado, exercia o seu talento de analyse de preferencia sobre as idéas. O traço distinctivo da sua intelligencia, uma das mais vivas e solidas da moderna literatura franceza, era a faculdade quasi prodigiosa de penetrar no pensamento alheio, de o comprehender e de o exprimir.

Não foi um creador propriamente dito, nem podia sel-o dado o seu feito mental; foi, porém, um interprete admiravel das grandes

obras e dos grandes escriptores e deixa alguns estudos, como, por exemplo, o que dedicou a Voltaire, que, pela argucia da analyse e pela excellencia da composição, são obras impereciveis.

BIBLIOGRAPHIA

Do Poder Executivo na Republica Brasileira. Annibal Freire da Fonseca.

Não conheciamos o sr. Annibal Freire da Fonseca.

Ficamos conhecendo-o agora por um trabalho que nos enviou sobre o Poder Executivo na Republica Brasileira. A apresentação não podia ser melhor: esse trabalho poz-nos deante de um excellente constitucionalista forrado de um escriptor destro e elegante.

O sr. Annibal Freire, republicano de fé e de estudo, impressionado com a campanha revisionista e achando-a, senão sem fundamento, ao menos exaggerada, saiu a campo para mostrar que a Republica e a Constituição não merecem os qualificativos feios que lhes atiram.

“O pessimismo, malsão da parte de uns, pedante da parte de outros, compraz-se, diz elle, no pernicioso e deprimente criterio de desenhar a vida das instituições republicanas com as mais sombrias côres.

A simples lição dos factos mostra o exaggero dessa orientação. Por isso mais do que nunca compete aos

que têm fé na Republica presidencial e não descrem do nosso povo, das suas tradições, das suas energias civicas e das suas poderosas reservas moraes contribuir com qualquer esforço para conter a injustiça e salientar a verdade”.

Estas palavras revelam o caracter do homem e definem o livro. O homem é alguem que ama a reflexão, que procura as mais solidas bases para as suas convicções e que tem pelas suas idéas o carinho vigilante e a protecção activa de um apostolo; o livro é, ou, quando menos, procura ser uma obra de justiça e verdade.

A Republica e a Constituição, esta sobretudo, têm sido victimas, e continuam a sel-o, de ataques de toda a ordem. Esses ataques, sinceros da parte de alguem, são, porém, da parte de grande numero, senão da maioria, uma explosão leviana dessa levianissima tendencia que temos, os brasileiros, de maldizer de tudo e de todos, sem exame, de improviso — pelo prazer vanglorioso e pueril de mostrar que não nos faltam nem idéas nem talento para external-as...

O sr. Annibal Freire demonstra, com uma extraordinaria habilidade de argumentação e com uma notavel distincção de linguagem, que o estudo dos factos que se têm desenrolado no Brasil e das lições que o estrangeiro nos fornece, já na sua vida corrente, já nos livros dos seus escriptores, leva antes a admirar a nossa actual organização politica do que a pedir para ella qualquer reforma.

Do que mais se malsina, entre os que clamam pela modificação da Constituição, é da força que no regimen em vigor vae ganhando, dia a dia, com detrimento dos outros dois, o poder executivo. O sr. Annibal Freire sustenta que esse defeito, que aliás pôde ser remediado, não é do regimen.

“Até certo ponto, escreve elle, explica-se essa tendencia de fazer do presidente o ponto de confluencia dos desejos politicos e dos interesses da facção. O regimen mo-

narchico deixou-nos saturados do poder pessoal.

A chamada rotação dos partidos não era mais que um simulacro para disfarçar as preferencias do imperante. Com a Republica, porém, urge que desapareça essa anormalidade. Das soluções propostas, nem o parlamentarismo nem a eleição indirecta podem remedial-a.

O defeito não é integrante do regimen e sim oriundo dos habitos da direcção politica. E a prova é que com os presidentes que não mostram as suas aspirações de tutela sobre os partidos estaduaes e os seus directores e representantes, os casos occorrentes não têm a importancia que assumem noutras administrações que se professa a concentração do predomínio”.

Com a analyse viva e erudita da nossa organização constitucional e sobretudo da organização executiva conduz elle os leitores por entre duzentas e poucas paginas, presos á rêde fria, mas resistente, de uma dialectica habil até o alto desta conclusão final: não ha negar que a organização constitucional brasileira constitue um trabalho ingente de alta sabedoria, de descortino e de suggestivo interesse patriotico. Para sua conservação não se faz mistér senão que o executem lealmente, obedecendo á directriz que a inspirou e lhe anima a existencia e a duração, através de todos os embaraços e incertezas.

E’ possivel que nem todos se curvem ante esta affirmativa e que alguns tenham para combatel-a mais de uma objecção. Ninguem poderá, porém, contestar que, ou por que seja ella, de facto, verdadeira ou por que o autor soube vestil-a com uma pericia rara, ella é a conclusão natural e logica de tudo quanto no livro se narrou e discutiu.

A campanha revisionista talvez ainda venha a vencer. Seja, porém, qual fôr o destino da Constituição actual, permaneça como está ou soffra modificações, a verdade é que ella não encontrará para sua defesa armas mais rijas nem mais bem lavradas do que as que o sr. Annibal Freire lhe fornece.

A Mulher no Brasil. M. F. Pinto Pereira.

A preocupação nacionalista já está passando do jornalismo e da tribunal publica para o livro. E' que, naturalmente, começa a crystallisar-se.

Generalisa-se a convicção de que é preciso que alguma coisa se faça para revelar o Brasil aos brasileiros e de que nada ou quasi nada ainda se fez para isso.

O sr. Pinto Pereira encarou o problema com seriedade e ardor — atacando-o pela raiz e com um enthusiasmo que se outros motivos não a justificassem a pouca idade do Autor, por si só, explicaria de so-bejo.

O joven escriptor propõe uma coisa simples: que se remodele a nossa educação, assim moral como intellectual — melhorando a educação da mulher e ampliando a esphera de acção que ella tem na vida da familia e na vida da sociedade.

Para chegar a esse resultado elle estuda a posição da mulher no mundo, no passado e no presente, e mostra a efficacia e a excellencia da sua collaboração com o homem quer directamente na formação e preparo do individuo isolado, quer indirectamente na grandeza e esplendor das nações.

Esse estudo proporciona-lhe ensejo para dissertações interessantes, reveladoras de intelligencia aguda e de leituras proveitosas e para exercitar o seu talento de escriptor.

Esse talento é incontestavel.

Pouco dará, entretanto, se o escriptor não procurar imprimir á sua phrase por ora curta e cataleptica, um pouco de flexibilidade e harmonia. A concisão das phrases e a rapidez do periodo são, na verdade, qualidades excellentes de estylo mas não são as unicas qualidades do estylo. Sosinhas, desacompanhadas de uma certa arte na combinação e boleio dos periodos que lhes communique essa coisa vaga e deliciosa, branda e attrahente que se chama o rythmo, cançam e desconcertam.

Ninguem tolera uma pagina siquer em que a rigidez cadaverica dos periodos simples, de uma só peça, não cede, aqui e alli, á mola suave de orações incidentes nem se disfarça, uma vez ou outra, com a roupagem vistosa de imagens vivas e reluzentes...

Feita esta reserva, só temos, porém, que elogiar o trabalho do sr. Pinto Pereira. Anima-o uma larga inspiração patriótica e fortalece-o a sinceridade de uma nobre sympathia pela mulher.

Não é um livro vulgar.

REVISTAS E JORNAES

HOMENS E COISAS NACIONAES

O SENTIDO DA REVISÃO

Pode-se dizer com segurança que o nosso mundo politico e parlamentar se mantém numa attitude de expectativa benevola ante a promessa do sr. Ruy Barbosa, de renovar no Congresso a questão da revisão constitucional. Renovar, porque o sr. Antonio Carlos, interprete e confidente do pensamento regional de Minas, e, provavelmente, interprete tambem da alta politica federal, já havia lançado, ha mezes passados, a titulo de ensaio naturalmente, a mesma idéa.

Mais experimentado do que o sr. Antonio Carlos, o sr. Ruy Barbosa, revelando com isto, o ácu-me dos grandes "leaders", preferiu prece-der, e sagazmente, o problema revisionista ao problema economico e tributario, isto é, ao unico centro ainda possivelmente nevralgico da nossa sensibilidade civica.

Como provavelmente, finda a guerra européa, o nosso governo federal e os governos estaduaes, urgidos pelos encargos e *deficits* orçamentarios, ver-se-ão na contingencia de recorrer a novos impostos, o sr. Ruy, vineulando a questão da reforma constitucional á questão tributaria, pôde gabar-se de ter encontrado para a sua idéa aquelle ponto

de apoio, que pedia Archimedes. Com esta base esplendida, a sua eloquencia, tão frequente em prodigios, fará, sem duvida, mais cedo ou mais tarde, da revisão uma tentativa victoriosa e segura.

Qual será, porém, o sentido real da revisão?

Não creio que cheguem a uma combinação razoavel ou a qualquer resultado legislativo effizaz e fecundo revisionistas e conservadores, se não fizerem em si mesmos, antes de tentarem a reforma constitucional, uma dupla reforma mental: a reforma dos seus velhos preconceitos sobre o valor e a superioridade das fórmãs de governo, e a reforma das suas velhas presumpções sobre as capacidades e as aptidões politicas do nosso povo. Sem que façam taboa raza de todos esses preconceitos, que estrabizam ou destronizam a visão real das nossas coisas, toda e qualquer tentativa de revisão resultará em frioleira ou em pura logomachia parlamentar.

Um desses preconceitos a expungir é aquelle que poderemos chamar o preconceito opposicionista, pelo qual os que combatem uma dada situação e estão fóra do poder se julgam sempre os unicos cidadãos capazes de salvar a Patria, ao passo que os que estão no poder não passam de uns salafrrarios muito grandes, que não fazem senão perdela e exploral-a.

Este preconceito, dominante em todas as nossas camadas sociaes, das mais baixas ás mais altas, tem a sua origem numa das mais deploraveis falhas da nossa raza, o instincto de politicagem, o espirito de *clan*, quero dizer, a nossa mentalidade de homens de campanario e de tribu. Delle é que procede esse eterno messianismo, em que vivemos, sempre invocando e sempre á espera de "um grande homem", de "uma geração patriotica", de "um grande movimento nacional", capaz de nos fazer "sair disto" e realisar, em toda a sua grandeza, "as promessas do regimen". Não fóra esse preconceito, e esses inadjectivaveis 25 annos de vida republicana fe-

derativa bastariam para nos fazer comprehender, na sua dolorosa lucidez, estas tres verdades, claras, limpidas e transparentes: 1.º — que todos esses descalabros e desatinos, que temos o habito de carregarmos á conta de *alguns* homens, outra coisa não são senão consequencia da incapacidade politica da propria razão; 2.º — que a execução, que até agora temos dado ao regimen estabelecido na actual constituição, é a unica que lhe podemos dar; 3.º — que, afóra alguns homens excepcionaes, não possuímos, considerados collectivamente, como povo, capacidades nem aptidões para dar ao regimen vigente outra e melhor execução.

Para o nosso povo a melhor constituição seria, não a que crystallizasse no seu texto todas as sublidades do liberalismo e da democracia, mas a que, permitindo a revelação de todas as boas qualidades da raza (e as temos primorosas), nos desse meios de reduzir ao minimo a influencia nociva dos maus governos, dos maus chefes, dos maus politicos, dos maus cidadãos. E' nas virtudes communs, ordinarias, virtudes de todos os dias, do povo, que se devem assentar os fundamentos de uma constituição verdadeiramente nacional. E' uma illusão funestissima confiar o perfeito funcionamento de um regimen constitucional a estados emotivos excepcionaes, a crises de superexcitação civica, ou fazel-o depender da apparição de grandes homens. Essas crises passam, cessadas as causas, que as geraram: esses grandes homens desaparecem, sem deixar continuadores; e as constituições, que nelles tinham a sua unica condição de funcionamento e applicação, ficam por assim dizer suspensas no ar, magnificas e brilhantes, mas sem nenhum ponto de apoio na realidade nacional. Desde os primeiros dias da independencia até hoje estamos a reincidir numa leviandade, cujas consequencias têm sido incalculavelmente funestas para a nossa organisação e integridade nacionaes: a leviandade de nos propôr a imitar,

nas duas ou tres vezes que temos tentado organizar constitucionalmente a Nação, o mais inimitavel eidadão do globo: o anglo-saxão, particularissimo, originalissimo, inconfundibilissimo, sempre absolutamente elle mesmo. Durante mais de meio seculo, no imperio, levámos a procurar "fazer como os inglezes"; durante mais de vinte e cinco annos de republica, estamos a procurar "fazer como os americanos". Esta coqueluche anglo-saxonia, longe de ser innocente e inoffensiva, como talvez pareça a muita gente, nos tem levado, ao contrario, a sacrificar ineptamente todos esses altos, austeros e fecundos principios, que a nossa condição de povo em formação, incoheso e desarticulado, impõe como esencias para a integração definitiva da consciencia nacional: o principio da unidade politica; o principio da continuidade administrativa; o principio da supremacia da autoridade. Tudo isto está por ahi diluido inteiramente no caldo ralo de um liberalismo dissolvente e anarchizador. Contra esse erro calamitoso e historico é que a grande agitação revisionista, com que se nos acena, ha de provavelmente reagir. Dentro desse excesso dissolvente de "liberdades" de toda casta, os revisionistas hão de procurar introduzir no texto constitucional um *modicum* desse "principio monarchico", que a imprevidencia dos nossos legisladores constituintes esqueceu, e que Goodnow julga, entretanto, indispensavel á existencia de todo governo livre. Este é que ha de ser, presumo, o sentido da revisão. Se pudesse resumil-o num lemma unico, a fórmula seria naturalmente esta: *organização solida e estavel da liberdade por meio de uma organização solida e estavel da autoridade, principalmente da autoridade federal.*

Ou a revisão terá este sentido, ou não terá sentido algum e será apenas uma agitação temeraria e perigosa. — (F. J. Oliveira Vianna — *O Paiz*, Rio de Janeiro).

HOMENS E COISAS EXTRANGEIRAS

UMA NOVA ORGANIZAÇÃO DAS UNIVERSIDADES

Adoptando-se um estreito ponto de vista, erroneamente tido e havido na conta de pratico, affirma-se que as nações modernas precisam tão sómente de boas escolas technicas, destinadas a preparar profissionaes competentes.

Não creio que nenhum homem illustrado ousasse sustentar seriamente um tão evidente disparate.

Seria sem duvida praticamente impossivel reorganizar fundamentalmente, por decreto, as universidades actuaes.

Entretanto, independentemente de uma subversão brusca, pôde-se levar a effeito uma evolução gradual, não subordinada a um plano definitivo, mas variando segundo as conveniencias do meio e as necessidades creadas pelo progresso da Sciencia.

Expliquemo-nos:

Cada faculdade consta actualmente de duas classes de estudos: os technicos ou profissionaes e os geraes ou scientificos.

E' facil a distincção entre estudos technicos e estudos geraes. Assim, por exemplo, numa Faculdade de Sciencias Juridicas, é technico o Direito, é geral a Sociologia; numa Faculdade de Medicina é technico a anatomia topographica, é geral a physiologia; numa Faculdade de Engenharia é technico a resistencia de materiaes, é geral a physica.

Logo, a seguir-se uma tal orientação, cada Faculdade especial poderia ter duas ordens de estudos e dahi, necessariamente, duas classes de diplomas.

Uma ordem de estudos habilitaria para o exercicio da advocacia, da medicina, da engenharia; e a outra daria aos respectivos candidatos o diploma de doutor em sciencias juridicas, biologicas e mathematicas.

Segundo esse modo de vêr, cada carreira profissional seria organizada pela Faculdade corresponden-

te, porém o título de doutor seria dado unicamente pela Universidade. As Faculdades preparariam técnicos e a Universidade homens de sciencia solidamente preparados por uma cultura geral. E coroando essa organização de cultura superior, uma Faculdade de Philosophia e Letras, não como tantas que por ahí existem, falseando o seu verdadeiro papel no desenvolvimento do ensino moderno.

O diploma de doutor em philosophia se alcançaria cursando as materias geraes das escolas especiaes de Direito, Medicina e Engenharia. E' claro que se não trataria de ensinar todos os detalhes particulares de todas as sciencias que constituem os alludidos cursos. Tão sómente se dariam os conhecimentos geraes de cada uma dellas. Daríamos assim ás Universidades o espirito de generalização e de synthese, do qual tendem as Faculdades afastar-se com graves prejuizos para a cultura geral.

Dess'arte, os problemas do universo e da materia melhor seriam comprehendidos com o auxilio das disciplinas physico-mathematicas, unicas que podem ajudar a resolvel-os.

Os problemas da vida humana seriam abordados com os methodos das sciencias biologicas, assim como os da vida social seriam estudados e interpretados com o auxilio das disciplinas sociologicas.

Com uma tal orientação no que concerne aos elevados estudos da philosophia, evitar-se-ia a situação ridicula das actuaes faculdades philosophicas em que se discute sobre o universo sem saber astronomia, sobre a materia sem conhecimentos de physica, sobre a vida ignorando-se biologia e constantemente se trata do homem sem conhecer sufficientemente anthropologia. — (José Ingenieros — *Revista de Filosofia*, Buenos Aires).

OSSYMBOLOS DA GRAN-BRETANHA

Como as cidades têm os seus emblemas, e como as coisas abstractas

têm symbolos que as representam materialmente, assim as nações são symbolicamente representadas por qualquer coisa que lhes resume o caracter ou se refere a algum ponto culminante da sua historia. Nada poderia caracterisar melhor o povo japonês do que o "cysanthemo"; o "crescente" figura bem a Turquia, e o famoso "coq gaulois", que a revolução franceza fez reaparecer na bandeira nacional em substituição do lyrio da monarchia, é a mais completa expressão do caracter e da historia da França. Egualmente interessantes são os symbolos dos tres paizes que formam o Reino Unido da Gran-Bretanha.

O periodo mais agitado e mais desastroso de toda a historia da Inglaterra é o meio seculo que vai da subida ao throno de Henrique VI á de Henrique VII. Nunca se viu tamanho ardor no disputar um throno. Nem bastava que um dos pretendentes ao throno desaparecesse: em lugar d'elle surgia outro, e a luta não cessava. Ora, por tragica ironia, no meio dos horrores daquella luta, a rosa, symbolo de belleza e de amor, tornou-se o emblema e o signal visivel de uma das mais longas e atrozes guerras civis que têm devastado as nações. Este facto estranho teve origem numa scena digna de lembrar-se. Nos jardins do Templo, por uma bella manhan da primavera de 1450, se achavam reunidos em Londres os gentishomens da Inglaterra, a discutir a grande questão que separava, naquelle tempo, todas as almas do paiz: "Entre os dois principes reaes que pretendem subir ao throno da Inglaterra, qual delles devemos reconhecer como o legitimo herdeiro?" Naquelle tempo, não havia ainda *clubs*. "Por isso, fôra escolhido aquelle lugar afastado, entre flôres, para discutir-se a magna questão. Ora, de repente chega Ricardo Plantageneta, duque de York, justamente um dos dois pretendentes ao throno. A sua presença fez com que todos se calassem. O principe percebeu que se fizera subitamente silencio, e perguntou que

estavam elles conversando tão animadamente; se, por acaso, haviam abraçado a causa de Henrique de Lancaster... o "usurpador"! Como ninguem respondesse, Ricardo exclamou:

— Como emudeceste, e ninguem se aventura a dizer a sua opinião pela palavra, fazei com que eu a conheça por um signal. Que os partidarios da Casa de York colham aqui uma rosa branca, como eu faço...

Então, o conde de Somerset exclamou:

— Desde que assim é, os que odeiam a bajulação e estão promptos a sustentar os direitos do nosso verdadeiro e legitimo soberano, mesmo na sua ausencia, e deante dos seus inimigos, colham comigo uma rosa vermelha...

Todos imitaram o conde de Somerset ou o príncipe. E um dos presentes se pôz a gritar:

— Um momento! um momento! Antes de despojar este jardim de todas as suas rosas, e antes de precipitar o nosso paiz na guerra civil, combinemos que o partido que tiver o maior numero de flores, sejam brancas ou sejam vermelhas, será declarado vencedor, submettendo-se o outro á maioria dos votos.

Assim foi combinado. Mas as paixões já se tinham exacerbadado muito, de sorte que a questão degenerou em revolução, entre os partidarios da Casa de York e os da Casa de Lancaster. Foi uma horrivel guerra civil que durou meio seculo. O povo inglez não respirou desafogadamente senão quando Henrique VII de Lancaster desposou Elisabeth de York, filha de Eduardo IV.

E foi assim que a rosa se tornou o emblema nacional da Inglaterra.

O trevo é o symbolo sagrado da Irlanda. Conta-se que S. Patricio, o famoso santo que converteu a Irlanda ao christianismo, levado até aquella ilha pelo seu ardor apostolico, desembarcou no anno 442 em Wicklow, onde começou logo o seu apostolado. Um dia, o Santo préga-

va nas collinas de Tara, procurando explicar o mysterio da Trindade. O seu auditorio, porém, não conseguia comprehendê-lo como podiam existir tres pessoas diversas num só Deus verdadeiro.

S. Patricio, baixando o olhar, viu, no magnifico tapete de verdura, uma grande quantidade de trevos. Colheu um delles e mostrando-o aos irlandezes, disse:

— Vejam bem que nesta plantinha tres folhas reunidas formam, na realidade, uma só folha! E recusam-se a crêr em mim, quando eu lhes digo, segundo as sagradas escripturas, que não existe senão um só Deus, e ha tres pessoas distinctas num Deus só?

Desde então, o trevo ficou sendo o emblema nacional da Irlanda. Ainda na guerra actual, os regimentos irlandezes distinguem-se dos outros por um trevo bordado no peito dos soldados.

Tem tambem uma historia o "cardo" da Escossia. Sob o reinado de Malcolm I, no anno de 1010, a Escossia teve de soffrer uma invasão de dinamarquezes, os quaes desembarcaram em Buchan Ness, no condado de Aberdeen, marchando logo para a fortaleza de Slains. A noite, de verão, era escurissima. Os dinamarquezes contavam com a escuridão e o silencio para o assalto á fortaleza, que, pela sua posição na extremidade da Escossia, era de importancia decisiva. Por cumulo de precaução, diz a lenda, os assaltantes puzeram-se descalços, afim de não fazerem nenhum rumor. Inicia-se o assalto. A guarnição da fortaleza parecia não ter dado pelo perigo, e tudo fazia crêr que a conquista era infallivel. Subitamente, porém, ouve-se um grito de dôr entre os assaltantes, e logo se ouvem outros. As sentinellas dão o alarme, a guarnição vai logo a postos. E os dinamarquezes, repellidos, põem-se em fuga, perseguidos pelos escossezes. Que tinha acontecido? Um facto simplissimo: o verão fizera seccar a agua dos fossos que rodeavam a fortaleza, fazendo surgir uma luxuriante vegetação de cardos.

El foram os cardos que salvaram os escossezes, tornando-se o symbolo da Escossia... (Americo Scarlatti — *Minerva*, Roma).

VARIEDADES

A PHILANTHROPIA DE AFFONSO XIII

O palacio real de Madrid tem sido, em todos os tempos, testemunha de scenas extraordinarias. Ainda agora, com a conflagração europea, o que nelle se passa é verdadeiramente admiravel, e com certeza ficará na historia da humanidade. Um dia — isso foi ha cerca de um anno — uma pobre mãe escreveu ao rei Affonso XIII implorando-lhe auxilio para encontrar um filho soldado, que havia desaparecido.

O rei fez com que o seu embaixador em Berlim promovesse um inquerito e o soldado perdido foi encontrado. Começaram então a chegar ao rei, de todos os logares de todas as nações belligerantes, e em todas as linguas, cartas de progeitores, que imploravam investigações eguaes. Com a sua habitual generosidade, Affonso XIII pensou em organizar uma obra piedosa: a da procura dos soldados de todas as nacionalidades, desaparecidos ou prisioneiros. Numa ala do palacio real, sob a direcção de Don Emilio Torres, secretario privado do rei, estabeleceu-se a repartição. E dia a dia o serviço foi augmentando — a ponto de ter hoje proporções extraordinarias.

Como se sabe, a Hespanha é encarrugada dos interesses de todas as nações alliadas (exceptuada a Inglaterra), em Berlim e Vienna, e dos interesses da Austria, em Roma. E', pois, das mais penosas a tarefa do rei. Os pedidos de noticias podem referir-se a officiaes ou soldados dos exercitos alliados perdidos num campo de batalha da Flandres á Bukovina, do Baltico á Mesopotamia, ou podem referir-se a familias inteiras de fugitivos da Belgica e da França. A's vezes, as cartas que chegam ao rei Affonso não pe-

dem informações sobre militares, mas sobre creancinhas e sobre mulheres de que não ha noticias e de que se perderam todos os traços. Cada carta que chega ao escriptorio do rei, é annotada, catalogada — e responde-se immediatamente, dizendo que o rei vai providenciar. A repartição escreve no mesmo momento ao embaixador hespanhol em Berlim ou em Vienna, e assim que chegam as respostas, são incontinenti enviadas aos postulantes, com uma carta, e ás vezes com um telegramma. Se a noticia é má, o rei fal-a sempre acompanhar de uma palavra de condolencia. Só se pôde ter uma idéa do grande serviço que o rei Affonso está prestando, sabendo-se que sómente da França chegaram a elle mais de duzentas mil cartas que supplicavam noticias, e que em dois mezes a repartição teve de despende cerca de cento e cincoenta mil pesetas com as despesas do correio. São em numero de vinte os empregados que se encarregam dessa correspondencia, tendo a auxiliaes varias damas da aristocracia e irmans do Convento de Santa Isabel.

O MAIOR ESCRIPTOR FRANCEZ

Muitos francezes lamentam não ter a França um escriptor representativo, absolutamente grande, comparavel a Dante, a Shakespeare ou a Cervantes. Qual o escriptor francez que poderia nivelar com qualquer desses? Voltaire e Victor Hugo são os dois escriptores francezes que têm a maior sympathia publica. Entretanto, para Chateaubriand, que indiscutivelmente entendia destas coisas, o maior escriptor francez era Rabelais, e Victor Hugo parece tambem ter partilhado a mesma opinião, ao menos a titulo provisório, na esperança de que a fama o elevasse ao supremo fastigio. Victor Hugo é certamente o maior poeta do seculo XIX, na França, é o maior poeta que appareceu na Europa depois de Goethe, e provavelmente o maior genio lyrico que tenha existido em todos os tempos. Mas o lyrismo não é toda a literatura. Dando a Victor

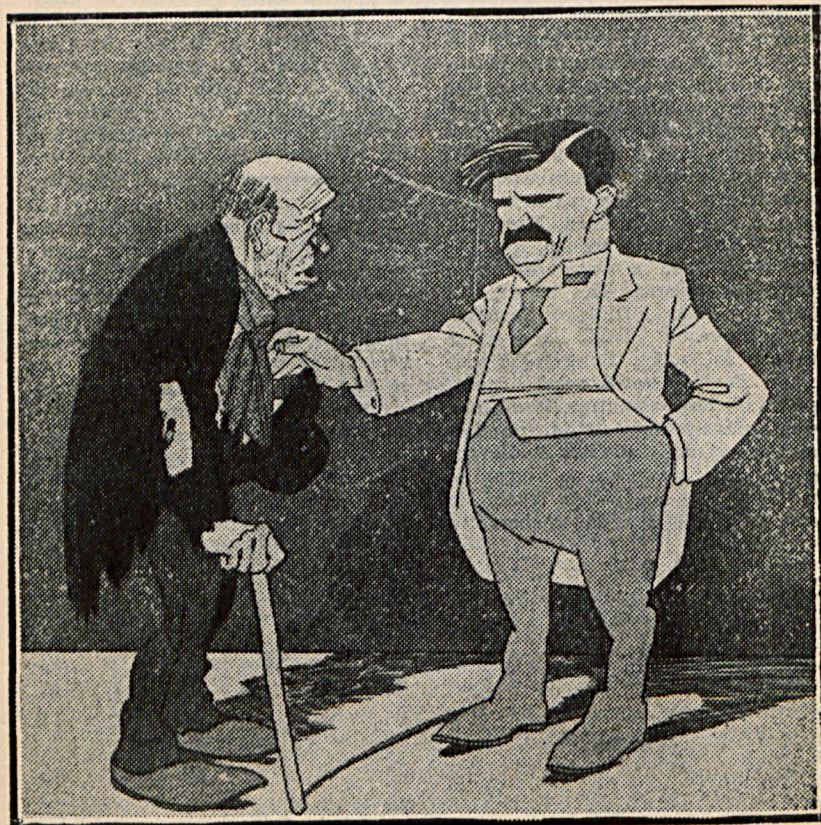
Hugo o primeiro lugar, não seria menosprezar o período classico da literatura franceza? Voltaire exerceu a realza literaria sobre o XVIII seculo francez e europeu. A sua obra é todo um mundo, e pela sua curiosidade universal, pelos seus conhecimentos encyclopedicos, pela lucidez, pela generosidade e ás vezes pela profundidade do seu pensamento, o prodigio de sessenta volumes da sua prosa alada é verdadeiramente inimitavel. Mas esse miraculoso prosador não era poeta e os francezes não podem desinteressar-se da sua poesia. Rabelais é immenso: com elle se inaugura a era moderna, elle foi quem restabeleceu o naturalismo philosophico, e são admiraveis a sua audacia e a sua fantasia. Mereceria o titulo de Homero comico, que Victor Hugo deu a Cervantes. Mas esse genial operario da palavra não conseguiu fixar a lingua. Relativamente ao seculo XVII, ha a notar que elle foi uma efflorescencia unica, na França, sendo, nessa época, muito inferiores as outras literaturas, cujas obras-primas datam da Renascença ou dos Concilios Medievaeis ou só vão apparecer no romantismo. Mas esse magnifico seculo de Luiz XIV não nos dá tambem “o

maior escriptor francez”. Os grandes escriptores francezes desse tempo não têm eguaes no seu genero, nas outras literaturas. Que paiz possui o equivalente a um Molière, a um La Fontaine, a um Pascal? Haverá um poeta mais perfeito do que Racine, mais nobre do que Corneille? — Mas a qual desses mestres se poderia dar o primado? E’ difficil responder, porque nem mesmo Molière tem sobre os mais tão grande ascendencia. No emtanto, esse seculo é o mais bello da historia literaria franceza. Os Shakespeare, os Cervantes, os Dante, os Goethe, têm um caracter commum: são syntheticos. Shakespeare é, a um tempo, um tragico e um comico. Goethe cultivou todos os generos. Dante foi um douto polygrapho. As obras desses escriptores são “sommas”. Justamente por isso, não se encontra um escriptor francez que se lhes possa comparar. A literatura franceza tem uma tal abundancia de riqueza, que se não pode dizer qual seja o escriptor mais rico, entre todos. Porque os seus grandes escriptores são em demasia, a França não conseguiu ainda ter o escriptor “maior” e mais representativo do que os outros.



AS CARICATURAS DO MEZ

O IMPOSTO DE HONRA



Wensesláu — Tenha paciência, meu amigo. Nós precisamos salvar o paiz.

O promptíssimo capitalista — Se minhas visceras servirem, estão às ordens de V. Ex.

(“Caretá” — *J. Carlos*)



Os grandes planos — Desculpe, mas eu só aceito esmola de dez tostões para cima... Também quero participar do imposto de honra... e com uns vintens não posso honrar o imposto.

(“Correio Paulistano” — Rau!)

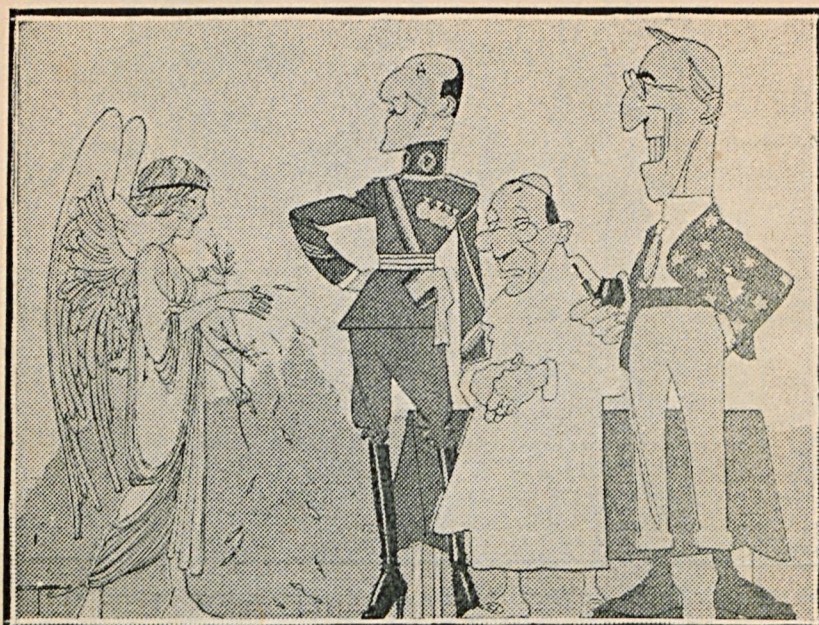
BALANÇO NO PÉ DE MEIA



O pobre diabo — Chegou a hora do honrado!

(“Caretá” — J. Carlos)

A MISSÃO DA PAZ



A paz — E' inutil. Eu não consigo nada. Eu sou... *La fille morte.*

(“Careta” — J. Carlos)



Tio San, depois de ter vendido aos belligerantes o quanto era possível,
vai *negociar* a paz.

(“Careta” — J. Carlos)

INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

O DR. BENEDICTO CASTILHO DE ANDRADE tem o seu escriptorio de advocacia e commercial á rua de S. Bento, 57, sala n. 3.

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', ALFREDO BAUER e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Traversa da Sé, 6. Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO R. LAVRAS e NESTOR E. NATIVIDADE — Escriptorio de advocacia e commercial á rua Direita, 43, sobrado, telephone 752.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. Condes.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

DRS. PLINIO BARRETO e PINHEIRO JUNIOR — Rua Boa Vista, 52. Telephone 4.210.

DR. FORTUNATO DOS SANTOS MOREIRA — Advogado — Rua da Boa Vista n. 52 — Salas 1 e 2 — Residencia: Av. Angelica, 141 — Telephone 3012.

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. Ex-chefe de clinica cirurgica na Universidade de Genebra, assistente dos Hospitales de Berna e Genebra. — Rua Libero Badaró, 181. Teleph. 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. AYRES NETTO — Operações, molestias de senhoras e partos. Consult.: Rua Quintino Bocayuva, 4 (esq. R. Direita). Resid.: Rua Albuquerque Lins, 92. Telephone 992.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica especialmente das crianças. — Resid.: Rua da Consolação, 62. — Consultorio: Rua José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. Tratamento das urethritas chronicas, pelos methodos mais aperfeçoados. Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Teleph. 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO e GABRIEL MALHANO — Corretores officiaes — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 392.

DR. ELOY CERQUEIRA FILLHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 — Teleph. 323 — Resid.: Rua Albuquerque Lins, 58. Telephone 633.

CORRETOR OFFICIAL—JAYME PINTO NOVAES — Rua S. Bento, 57. Caixa, 783. Telephone 2.738—Compra e venda de apolices do Estado, Acções das Companhias Paulista e Mogyana, Letras da Camara de S. Paulo, etc., etc.—Rua S. Bento, 57 (baixos).

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA—Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas, S. Paulo". Telephone 626 (Cidade) — Rua Alvares Penteado — S. Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Despachos nas alfandegas do Rio e Santos — Consignatarios e agentes de vapores e veleiros — Estivadores — Representações e commissões em geral — Agentes de companhias de seguros.—Santos: Praça da Republica, 23. Teleph. 258. Caixa, 107. — Rio: Rua Candelaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa, 15. — Teleph. 381. Caixa, 135. 881. — S. Paulo: Rua Boa Vista, Telegrammas: "Belli".

ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA—Donato Plasztino — Emprega só fazendas estrangeiras — Rua do Thesouro, 3 (1.º andar) — S. Paulo.

INDUSTRIAES E IMPORTADORES:

C. MANDERBACH & COMP. — Papelaria, typographia, encadernação. Artigos para escriptorio, pintura, desenho e engenharia. Utensilios para typographia, encadernação, pautação e este-reotypia. — Telephone 792 — Caixa 545 — Rua S. Bento, 31. — S. Paulo.

A INTERNACIONAL — Grande Fabrica de Malas e Canastras — Variado sortimento de malas de couro, lona e zinco — Malas para cabina, de mão e bolsinhas. — Saccos de roupa suja, cadeiras e mais artigos de viagem. — Officina para concertos. — Domingos Macigrande. — Rua São João, 111 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, caudelas de casas de penhores e do Monte de Socorro de S. Paulo — A CASA MARCELLINO compra e paga bem.—Praça Antonio Prado, 14 — Telephone 4.692 — S. Paulo.

CHAPÉOS PARA SENHORAS

M.^{me} Pereira

Rua S. Bento N. 18-A
TELEPHONE N. 4480

São Paulo

Para emprego do seu dinheiro, terrenos,
casas, hypothecas, etc.,

na-

tu-

ral-

men-

te:

Casimiro Costa Corretor S. Bento, 25

ROBES & MANTEAUX

Lingerie de Luxe, Blouses, Trousseaux

Bertholet

Corsets, Spécialité de Fournitures pour Modes

Paris - São Paulo

GRANDE HOTEL DA PAZ

Estabelecimento de primeira ordem. Ponto Central com oito linhas de bondes á porta, visinho ao Theatro Municipal e á cidade. O hotel é dirigido pelo proprio proprietario e sua senhora, que residem no estabelecimento. Predio novo e confortavel, um dos mais bellos edificios da cidade, com elevador, estando mobiliado com muito gosto e luxo. Diarias em excellentes quartos lindamente mobiliados: **8\$000 réls.** A's familias, fazem-se grandes abatimentos.

A cosinha é dirigida por um reputado professional

PROPRIETARIO: **F. KOSUTA**

Rua Barão de Itapetininga N. 60

Telephone N. 177 - SAO PAULO

Endereço Telegraphico: (HOTELPAZ)

CASA CONHECIDA

— DE —

**Ramiro Tabacow
& Cia.**

Vendem-se em prestações: **MOVEIS**
e **FAZENDAS, TAPEÇARIA, ROUPAS**
FEITAS e ROUPAS BRANCAS

Rua Immigrantes, 39 - S. PAULO

TELEPHONE, 65

Secção: BOM RETIRO — Filial em TAUBATÉ

Casa fundada em 1895

**PRAZO DEZ MEZES
JUROS MODICOS**



Emilio Israel & C.

Casa de Empréstimos sobre Penhores



Travessa do Grande Hotel N. 8

Telephone N. 1195

End. Electr.: EMISEL

SÃO PAULO

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000		Succursaes em: BAHIA,
„ realizado. . . .	£ 1.000.000		RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000		ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

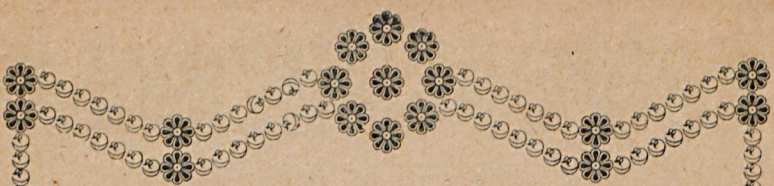
Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros como segue:

Conta corrente	2 % ao anno		Prazo Fixo, Tres mezes	3 % ao anno
Aviso previo de 30 dias .	3 % „ „		Seis mezes	4 ¹ / ₂ % „ „
„ „ „ 60 „ .	4 % „ „		Doze mezes	5 % „ „

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3 % ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã às 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.





Grande Loteria de S. Paulo

em 28 de Junho

200 CONTOS

em tres grandes premios

1000:00\$000

50:000\$000 — 50:000\$000

Os bilhetes já estão á venda em todas as casas
deste negocio.



COMP. NACIONAL

DE TECIDOS DE JUTA

Fiação e Tecelagem

Fabrica SANT'ANNA

Aniagens - Saccaria - Lona branca - Tapetes

Lona de cores para colchão, etc.

Fios de Juta simples ou torcidos

de qualquer grossura ■ ■

Escriptorio :

RUA ALVARES PENTEADO N. 24

TELEPHONE N. 872

CAIXA POSTAL N. 342

Telegrammas: JUTA S. Paulo

CODIGOS

Particular

Ribeiro

A. B. C. 4.^a e 5.^a edição

A. I.

■ ■

SÃO PAULO

■ ■



Tinoco Machado & C.

Unicos vendedores, neste Estado, das superiores velas:

**Brasileira,
Ypiranga,
Paulista,
Colombo,
Bicho, Pequenas**

e demais productos da

**"Companhia Luz
Stearica"**

DO RIO DE JANEIRO

■ ■
■
R. Libero Badaró

N. 52

(1.º Andar)



TELEPHONE

N. 3558



São Paulo

SUMMARIOS DA REVISTA

N. 1 — 25 de janeiro de 1916

REDACÇÃO, Revista do Brasil. — PEDRO LESSA, da Academia Brasileira. O preconceito das reformas constitucionaes. — ADOLPHO PINTO, O centenário da Independência. — L. P. BARRETTO, O ultimo passo da cirurgia. — ALBERTO DE OLIVEIRA, da Academia Brasileira, A rima e o rythmo. — AMADEU AMARAL, O elogio da mediocridade. — VALDOMIRO SILVEIRA, Desespero de amor. — JOSÉ VERISSIMO, da Academia Brasileira, O modernismo. — VICTOR DA SILVA FREIRE, Factos e idéas.

RESENHA DO MEZ — O código Civil Brasileiro, P. B. — *Movimento Literario*: — Lendas e tradições — Machado de Assis. — *Bellas Artes*: — Pintura e escultura, P. — *Revistas e Jornaes*: — As Revistas no Brasil; (A Semana) a nossa situação internacional. — As Revistas nos Estados Unidos. — Solidariedade commercial e de instituições das republicas do hemispherio occidental. — A alimentação das crianças nas escolas. — Guerra ao alcool. — Os literatos italianos e a guerra. — O organisador da «triple-entente». — As mulheres japonezas e a politica. — Aphorismos. — As mentiras da «créme», *Collaboradores da Revista do Brasil*. — *Sciencias e Artes*: — O telephone sem fios. — Automoveis amphibios. — A acustica das salas. — As cidades-jardins, X. — As caricaturas do mez.

N. 2 — 25 de fevereiro de 1916

MARIO DE ALENCAR, da Academia Brasileira, José Verissimo. — CARLOS DE CARVALHO, Economia e finança de S. Paulo. — PAULO R. PESTANA, A expansão da lavoura cafeeira de S. Paulo. — AMADEU AMARAL, O Brasil, terra de poetas. — VEIGA MIRANDA, O Margarida (novella). — ARMANDO PRADO, Francisco Adolpho de Varnhagen. — E. ROQUETTE PINTO, do Instituto Hist. e Geographico Brasileiro, Um informante do Imperador Pedro II. — FLORIVALDO LINHARES, O "apriori" na theoria criticista. — PLINIO BARRETO, Eduardo Prado e seus amigos (cartas ineditas).

RESENHA DO MEZ — Monologo, *Yorick*. — José Verissimo. — A «Atlantida», R. S. — Nacionalisação da arte, R. — Pintura, N. — Musica, F. — *Bibliographia*: — O Barão de Paranapiacaba — Victoriano dos Anjos — Questão orthographica — A embaixada brasileira em Portugal — As origens e o principio da carreira de Lloyd George — Guerrini-Stecchetti — Recordações de Verlaine — Rémy de Gourmont — Orientação social dos estudos universitarios — O direito e a psychologia — Os progressos da electrificação dos caminhos de ferro, L. — As propriedades therapeuticas do saço — Como se deve estudar — A reconstituição das florestas — Odores humanos — As caricaturas do mez.

N. 3 — 25 de março de 1916

AUGUSTO DE LIMA, da Academia Brasileira, Afonso Arinos. — AURELIO PIRES, Recordando... — PAULO R. PESTANA, A expansão da lavoura cafeeira de S. Paulo (com illustrações). — MARIO PINTO SERVA, A organização do meio circulante. — ALBERTO DE OLIVEIRA, da Academia Brasileira, A rima e o rythmo. — AMADEU AMARAL, A palmeira e o raio. — MONTEIRO LOBATO, A vingança da peroba. — OCTAVIO AUGUSTO, Nos dominios de Beethoven. — VICTOR DA SILVA FREIRE, 1815-1915.

RESENHA DO MEZ — Monologos, *Yorick* — Afonso Arinos, *Redacção* — Afonso Arinos (soneto), *Arduino Bolivar* — As Academias de Portugal, R. S. — Eduardo Prado, P. — Pintura, N. — Musica, F. — Visconde de Porto Seguro — Cidades mortas — Aspectos do Norte — Carmen Sylva — A mestiçagem das raças na America — As mutuas escolares na Italia — Consequencias da guerra — Selvagens e civilizados — As explosões e o systema nervoso — Os metaes da guerra — Os diarios de Tolstoi — Goethe nas trincheiras. — As caricaturas do mez.

N. 4 — 25 de abril de 1916

ANTONIO PRADO, O "stock" bovino e a exportação da carne. — CARLOS DE CARVALHO, Operações de cambio. — HELIO LOBO, do Instituto Hist. e Geographico Brasileiro Sós na America. — JACOMINO DEFINE, Lendas e mythos. — MEDEIROS E ALBUQUERQUE, da Academia Brasileira, O meu amigo D. Juan. — JULIO CESAR DA SILVA, Poemas. — A. CARNEIRO LEÃO, *Litterature brésilienne*. — VICTOR DA SILVA FREIRE, Factos e idéas.

RESENHA DO MEZ — Monologos, *Yorick* — As promessas do escotismo, R. M. — Arthur Orlando — Padre Julio Maria — Francisco Glycerio — Caricatura e pintura, F. — Varnhagen e a sua obra — Brasil Historico — Credito Agricola — Transformações do captiverio — O «tumulo da natureza» — O fim do mundo — Os microbios e a temperatura — Como se tem julgado a dança. — As caricaturas do mez.

N. 5 — 25 de maio de 1916

OLIVEIRA LIMA, da Academia Brasileira, A doutrina de Monroe. — CARLOS DE CARVALHO, Operações de cambio. — MARIO DE ALENCAR, da Academia Brasileira, Poemas. — JOÃO KÖPKE, O ensino da leitura pelo methodo analytic. — C. DA VEIGA LIMA, O pensamento actual. — JOÃO FERRAZ, As estiaçens e a febre typhoid em São Paulo. — R. VON IHERING, Dictionarios portuguezes. — COLLABORADORES, Resenha do mez.

RESENHA DO MEZ — Monologos, *Yorick* — João Köpke, N. — Olavo Bilac em Lisboa, R. M. — Homem de Mello — *Bibliographia* — Tribunal para menores — O ensino tecnico em França — Superstições irlandezas — O mestre de Paderewsky. — As caricaturas do mez.

As Machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFÉ

MANDIOCA

ARROZ

MILHO

ASSUCAR

FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS - OLEOS - TELHAS DE ZINCO - FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se á

Rua de São Bento N. 29-C

SÃO PAULO

OFFICINAS D' "O ESTADO DE S. PAULO"

